

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

***TER TEMPO PARA APRENDER MÚSICA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E
COMPARTILHADAS POR APOSENTADOS***

Uberlândia, setembro de 2014.

HOSANA RODRIGUES FERREIRA DA MATA

***TER TEMPO PARA APRENDER MÚSICA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E
COMPARTILHADAS POR APOSENTADOS***

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes, apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Artes/Mestrado do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia.

Área de concentração: Música
Linha de pesquisa: Fundamentos e Reflexões em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Lilia Neves Gonçalves.

Uberlândia, setembro de 2014.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M425t Mata, Hosana Rodrigues Ferreira da, 1981-
2014 Ter tempo para aprender música: experiências vividas e
compartilhadas por aposentados / Hosana Rodrigues Ferreira da Mata. -
2014.
136 f.

Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Artes.
Inclui bibliografia.

1. Música - Teses. 2. Música - Instrução e estudo - Teses. 3. Idosos -
Aposentadoria - Teses. I. Gonçalves, Lilia Neves. II. Universidade
Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Artes. III.
Título.

CDU: 78

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, pela saúde, pelas conquistas, pelas oportunidades, pelas vitórias alcançadas e por estar sempre ao meu lado.

Agradeço carinhosamente à minha orientadora, professora Dra. Lilia Neves Gonçalves, que com muita dedicação e paciência se propôs a trilhar comigo essa jornada. Mostrou-me o caminho da pesquisa, dedicou-se infinitamente nas correções, no amadurecimento da escrita, na ampliação da minha leitura. Pela dedicação, ensinamentos, não apenas científicos, mas pela contribuição profissional e pessoal. E por ter acreditado em mim e ter me concedido a oportunidade de mais essa conquista.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Artes, por fazerem parte desse processo e contribuírem na minha formação.

Aos professores membros das bancas, tanto da qualificação como da defesa desta dissertação, pela atenção e colaborações com esta pesquisa.

Aos aposentados participantes da pesquisa, que me receberam com muito carinho e dedicaram momentos de suas vidas em nossas conversas.

Aos meus pais Antônio Miguel e Lázara, pelo apoio incondicional, pela mão sempre estendida nos momentos de fraqueza, e por serem meus exemplos de honestidade, dedicação e perseverança.

Às minhas irmãs Mauritânia, Juliana e Soraya, e cunhados, que são meu apoio, minha amizade e que fazem a minha vida completa.

Aos meus sobrinhos Gabriela, Frederico, Mariana e Ana Laura, razão da minha vida, que souberam esperar quando eu não pude estar presente para brincar.

Ao meu esposo Victor Hugo, que é meu grande companheiro, que soube compreender o momento do mestrado, compartilhando comigo todos os sentimentos envolvidos nesse processo. A pessoa que me faz feliz todos os dias.

A todos, muito obrigada!

Resumo

Esta dissertação tem como foco a aposentadoria como um momento de aprendizagem musical. Os objetivos deste estudo são compreender a aprendizagem musical no momento da aposentadoria, bem como entender de que maneira as experiências musicais são vividas e compartilhadas com/por essas pessoas aposentadas em espaços de ensino/aprendizagem, coletivos ou não, como nos casos da prática coral, ou a aprendizagem de um instrumento, individual ou coletivamente. Em uma abordagem qualitativa, o método de pesquisa adotado foi o estudo de caso, utilizando como procedimento de coleta de dados a entrevista. A educação musical como prática social (SOUZA, 2004), o pensamento da aposentadoria associada ao lazer (DUMAZEDIER, 1994; 1999), e um lazer relacionado com as potencialidades da educação na aposentadoria (MARCELLINO, 1987; 1995; 2000; 2002; 2007) foram o suporte teórico para a reflexão sobre todo o material levantado a partir das entrevistas. As considerações finais desta pesquisa estão associadas ao processo pelo qual as pessoas que se aposentam vivenciam, à forma com que a aprendizagem musical passa a ser importante na vida dessas pessoas, e também como essas pessoas experienciam música em suas vidas e as compartilham em espaços de ensino/aprendizagem coletivos ou individuais.

Palavras-chave: Experiências musicais, aprendizagens musicais, aposentadoria.

ABSTRACT

This dissertation focuses on retirement as a moment of musical learning. This work has as main objective to understand the retirement as a moment of life to seek to learn music, and as specific objectives intend to understand how the musical experiences are lived and shared with/by these retired people in areas of teaching/learning, collective or not, as in the cases of choir practice, or learning an instrument, individually or collectively. In a qualitative approach, the research method adopted was the case study, using such procedures for data collection interview. The music education as a social practice (SOUZA, 2004), the thought of retirement associated to leisure (DUMAZEDIER, 1994, 1999), and leisure associate to the potential of education in retirement (MARCELLINO, 1987, 1995, 2000, 2002, 2007) were the theoretical basis for the reflection on all the collected material from the interviews. The final considerations of this research are associated with the process on which people that retire experience, the way that musical learning becomes important in their lives, and also how these people experience music in their lives and share in spaces of teaching / learning collective or individual.

Keywords: Musical experiences, musical learning, retirement,.

Lista de quadro

Quadro 1 – Relação das participantes da pesquisa	53
--	----

Lista de siglas

AACD - Associação de Assistência à Criança Deficiente

CEAI - Centro Educacional de Atendimento Integrado ao Idoso

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPS - Instituto Nacional de Previdência Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Construção do objeto de pesquisa.....	11
1.2 Estrutura do trabalho	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 Aposentadoria e lazer	19
2.2 Educação e lazer.....	23
2.3 Os “mundos sociais”	25
2.4 Música e aprendizagem de adultos	29
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	35
3.1 Tipos de aposentadoria no Brasil.....	36
3.2 Aposentados como categoria social.....	38
4 METODOLOGIA	42
4.1 Pesquisa qualitativa	42
4.2 Estudo de caso: o método	43
4.3 Coleta de dados: as entrevistas	45
4.3.1 Participantes da pesquisa	46
4.3.2 Elaboração do roteiro de entrevista	47
4.3.3 Realizando as entrevistas	48
4.3.4 Eu como entrevistadora	51
4.3.5 O registro e a transcrição das entrevistas	53
4.4 Análise dos dados	54
4.4.1 Textualização dos dados.....	54
4.4.2 Categorização e análise dos dados	56
5 O TEMPO DA APOSENTADORIA	57
5.1 Tempo antes da aposentadoria	57
5.2 Tempo como oportunidade de realização de outras atividades.....	62
5.3 A aposentadoria como um tempo de viver novas/outras aprendizagens	66
6 APRENDIZAGENS MUSICAIS NA APOSENTADORIA	74
6.1 Experiências musicais anteriores à aposentadoria.....	75
6.2 O que aprendem e como se dão as aprendizagens musicais nesse momento da vida	78
6.2.1 Aprendizagens no coral e no instrumento	79
6.2.2 Relações entre as aprendizagens musicais	81
6.2.3 Aprendizagens individuais e coletivas.....	84
6.2.4 Aprendizagens musicais na/para a vida dos aposentados.....	86
6.2.5 Práticas pedagógico-musicais vivenciadas	89

7 RELAÇÕES CONSTRUÍDAS PELOS APOSENTADOS QUANDO APRENDEM MÚSICA.....	91
7.1 Aspectos pessoais/sociais envolvidos na aprendizagem musical	92
7.1.1 O grupo como elemento importante nas experiências musicais	92
7.1.2 Confiança no outro/no grupo.....	95
7.2 Relações estabelecidas entre os aposentados.....	97
7.2.1 Amizades nos grupos musicais.....	97
7.2.2 Identificação com o grupo musical	102
7.2.3 O reconhecimento de familiares e amigos	105
7.2.4 Aprender música para realização de um sonho pessoal.....	109
7.3 Projetos musicais futuros.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS.....	121
APÊNDICES	126
APÊNDICE A	126
APÊNDICE B.....	131

1 INTRODUÇÃO

Pensando a educação musical a partir da minha vivência como professora de música, neste trabalho, meu olhar¹ está voltado para um público cada vez mais frequente nos ambientes de aprendizagens musicais, o de aposentados. O interesse por esse tema de pesquisa surgiu ao conviver no dia a dia com pessoas que, depois de aposentadas, se voltam novamente para uma aprendizagem, geralmente, diferente daquelas vividas durante toda a sua vida, no seu ambiente de trabalho.

A necessidade de buscar respostas para os meus questionamentos me fizeram lançar um olhar diferente para essas pessoas e a possibilidade da pesquisa com foco nesse público se fez uma oportunidade. Logo, depois de definido o público-alvo deste estudo foi necessário dirigir um olhar que buscasse compreender essas pessoas e que viesse ao encontro das minhas inquietações. Assim, esta pesquisa tem como objeto a aposentadoria como um momento de aprendizagem musical.

Considera-se esta proposta importante, pois se percebe o aumento do número de pessoas dessa categoria social envolvidas com atividades realizadas em ambientes coletivos, ou não, de ensino/aprendizagem musical. De acordo com Atchley (1976), a pesquisa sobre aposentados é necessária para que se tenha um conhecimento mais ampliado sobre o homem social que somos. Esse tema de pesquisa é tão importante quanto os estudos que versam sobre todas as outras fases do ciclo da vida.

Por isso, os objetivos deste estudo são compreender a aprendizagem musical no momento da aposentadoria, bem como entender de que maneira as experiências musicais são vividas e compartilhadas com/por essas pessoas aposentadas em espaços de ensino/aprendizagem, coletivos ou não, como nos casos da prática coral, ou a aprendizagem de um instrumento, individual ou coletivamente.

Como mencionado, quando se trata da escolha do tema desta pesquisa de mestrado, percebi que em minha atuação como professora de

¹ Em alguns momentos desta dissertação realizo a escrita em primeira pessoa do singular. Trata-se do ponto de vista do “narrador reflexivo”, no qual “os discursos na primeira pessoa se alternam, de modo a iluminarem reciprocamente” (COLOMBO, 2005, p. 283).

música, eu contava com várias linhas de estudo. Vi que, a partir dessa atuação, uma das possibilidades seria a de analisar e melhor compreender as ações pedagógico-musicais vivenciadas por mim, como regente coral.

Na minha prática como regente, percebi também que grande parte daqueles que frequentam ambientes de aprendizagem coletiva, como o coral, são pessoas aposentadas que estão ali com diferentes objetivos, tais como o de preencher o tempo que agora está livre e o de refazer e/ou ampliar seus laços afetivos.

Além desses objetivos, percebe-se que pessoas aposentadas procuram aprender música. A partir do meu convívio com pessoas nessa fase da vida, nos corais em que atuo, percebo que grande parte delas busca participar de grupos musicais, qualquer que seja ele, com interesse na possibilidade de vivenciar o processo de aprendizagem musical de uma forma mais ampla.

De acordo com Kaplan (1911)², a educação nas artes oferece, nesse momento da vida, a possibilidade para aquisição de um conhecimento que poderá contribuir, juntamente com as experiências vividas pelos aposentados, para um crescimento pessoal importante.

Diante disso, esse tema de pesquisa poderá contribuir para a área de educação musical ao desvelar aspectos que envolvem o ensino/aprendizagem realizado nos espaços frequentados por aposentados. Poderá auxiliar também aos professores de música, para que estes tenham mais conhecimento do público participante de suas aulas, dos motivos e objetivos que levam esses indivíduos a procurarem esses espaços, nos quais se ensina/aprende música.

1.1 Construção do objeto de pesquisa

No processo de construção do objeto desta pesquisa foi possível perceber que os aposentados ainda não são foco de pesquisas na área da educação musical, pelo menos no Brasil, quando se tem como foco estudá-los em um espaço de ensinar/aprender música.

² De acordo com Dumazedier (1999), Max Kaplan, juntamente com H. Wilensky foram os primeiros defensores da concepção do lazer, conforme estabelecido nesta dissertação, tendo como base Rieman, que possivelmente tenha sido o primeiro.

No entanto, é importante destacar que vários estudos recentes, como os de Calvert (2009); Kunzler (2009); e Prazeres (2010) tratam o envelhecimento como um momento de busca por novos conhecimentos e oportunidades de preenchimento do tempo livre e ocioso, com atividades que tragam algum prazer para quem as pratica. Algumas vezes, esses estudos passam pelos aposentados, no entanto não se detêm em analisá-los como categoria social.

Assim, quando se trata do assunto aposentadoria, uma das questões que surge é a da relação entre aposentadoria e terceira idade. Segundo Carlos et al. (1999), “o limite cronológico proposto pela ONU em 1982 para o início da chamada terceira idade toma por base a idade da aposentadoria estabelecida na maioria dos países” (p. 78). Esse limite promove uma conexão entre aposentadoria e velhice, que na prática pode não estar relacionado.

Portanto, é importante salientar que não se pretende, neste trabalho, discutir a velhice enquanto momento de ensino/aprendizagem de música, ou mesmo como categoria social. Witczak (2005, p. 11) é um dos autores que afirma que “pensar o envelhecimento obrigatoriamente nos remete também à temática da aposentadoria”, mas que embora estejam interligadas, não devem ser confundidas e “muito menos serem tomadas como sinônimo” (WITCZAK, 2005, p. 11).

Dessa forma, percebe-se a aposentadoria como um momento no qual

a ruptura simbólica é importante e significativa [...], pois todas as representações que a aposentadoria traz embutidas, geram um verdadeiro temor frente a esse novo mundo que se instaura [...]. Um mundo de empecilhos reais e intransponíveis frente às barreiras que o próprio sujeito coloca para si (WITCZAK, 2005, p. 109).

Pode-se considerar essa “ruptura simbólica” como o momento em que o indivíduo deixa o mundo social do trabalho em que está inserido. É a partir do momento que esse sujeito se vê diante dessa dicotomia, entre o trabalho e a aposentadoria, que novos obstáculos terão que ser rompidos, como a necessidade de aceitação de sua nova categoria e condição social.

Com a aposentadoria surge a necessidade ou a oportunidade da aquisição de diferentes conhecimentos, de preenchimento do tempo que antes

estava todo, ou pelo menos grande parte dele, ocupado pelo trabalho. Esse momento é caracterizado pela busca por novos aprendizados, novas experiências.

Em um contexto amplo, de acordo com Atchley (1976), o momento da aposentadoria

é geralmente seguido por um período de euforia, em que esses indivíduos têm grande prazer em sua recém-descoberta de liberdade de tempo e de espaço. É nessa fase que as pessoas tentam “fazer todas as coisas que eu nunca tive tempo antes” (ATCHLEY, 1976, p. 68)³.

Acredita-se ainda que na aposentadoria ou

em qualquer fase ou momento da vida humana, como seres inconclusos que somos, há a possibilidade de aprender, de ressignificar o já construído e, assim, tornar sempre novo ou renovado o saber e o próprio sentido da existência (BISOLO, 2005, p. 143).

De acordo com Bisolo (2005), essa disponibilidade para a reconstrução, ou mesmo para a construção de novos conhecimentos, parte do princípio que o ser humano está em constante mudança, ou seja, nunca estará concluído, visto que a aprendizagem sempre trará novos significados, ou poderá ressignificar aquilo que já foi vivenciado.

Ao buscar por estudos sobre a aposentadoria, percebe-se a importância desse período na vida das pessoas. Quando se aposentam, no geral, o lazer passa a ser um momento de busca individual que, talvez por muito tempo, foi deixado de lado por essas pessoas, tendo em vista questões consideradas como mais importantes.

De acordo com Witczak (2005), há nesse momento uma inversão de valores, visto a não necessidade do trabalho, como anteriormente. De acordo com ele, “como a necessidade do trabalho diário e obrigatório se extingue, sua razão de existir não é mais o funcionamento de uma instituição, mas sim a sua realização como indivíduo” (WITCZAK, 2005, p. 33).

³ No original: “The retirement event is often followed by a rather euphoric period in which individual wallows in his new found freedom of time and space. It is in this phase that people try to “do all of the things I never had time for before” (ATCHLEY, 1976, p. 68).

Assim, com a aposentadoria, os indivíduos passam a ter a possibilidade de escolha de preenchimento do tempo, agora disponível para a realização de atividades que serão estabelecidas por eles mesmos.

Brougère (2012) salienta que a vida cotidiana não se limita à investida no trabalho, mas que atividades múltiplas e extras também devem estar presentes no dia a dia das pessoas. No entanto, com a aposentadoria,

o aumento do tempo livre, liberado por um lado à redução do tempo do trabalho e por outro à mecanização de uma parte das tarefas domésticas, permite ver o cotidiano marcado pelo lazer, quer se trate do tempo fora do trabalho para os assalariados, quer para os que não têm atividade profissional nem procuram trabalho, como os aposentados, de uma parte ainda mais considerável do seu tempo (BROUGÈRE, 2012, p. 127).

Sabe-se que o lazer é necessário à vida diária das pessoas, quer elas sejam aposentadas ou não. Consiste na oportunidade do indivíduo dispor de momentos dedicados à sua satisfação e aos seus interesses.

Quando ainda estão no mercado de trabalho, muitas pessoas deixam de realizar atividades com o propósito de lazer devido às obrigações impostas pelo trabalho, bem como pelas necessidades domésticas; ou, por vezes, têm o tempo disponível para o lazer bem reduzido.

Várias atividades, como as de cunho físico, social e artístico, passam a ter presença mais efetiva na vida dessas pessoas após disporem de tempo e possibilidade para se dedicarem a essas atividades de livre escolha, que é o período da aposentadoria.

Indo ao encontro dessa afirmação, para Valente (2001), a “aprendizagem que acontece depois que as pessoas deixam a vida profissional” ocorre quando elas

ou diminuem as obrigações familiares e passam a dedicar parte do seu tempo para “fazer as coisas que gosta” ou [...] que não foram realizadas por conta da “falta de tempo”. E esta “coisa” pode ser muito variada e relacionada com praticamente todas as áreas do conhecimento, mas, certamente, envolvendo uma grande dose de aprendizagem [...] centrada na resolução de problemas ou projetos específicos e de superação de desafios impostos pelo próprio indivíduo. [...] Mesmo quando ocorre em ambientes formais de educação, ela é diferente (VALENTE, 2001, p. 30).

Assim, a autora mostra que essa aprendizagem se estabelece de forma diferenciada por ocorrer em um momento da vida no qual as pessoas buscam por um conhecimento para o qual elas estão predispostas. Dessa forma, procuram se inserir em espaços em que a construção desse conhecimento seja possível, pautados em suas necessidades e buscas.

Pode-se afirmar que assim que sua prioridade deixa de ser profissional, o foco passa a ser na sua realização como indivíduo. Nesse caso, o tempo livre da pessoa, que era apenas o “que restava” do período do trabalho, passa a ser o tempo dedicado a ela mesma, período que se torna um momento de transformação pessoal.

Deve-se ter em mente que o trabalho também traz ao sujeito ganhos importantes, porém ao se pensar no momento pós-trabalho, pretende-se analisá-lo como um momento de busca por atividades que contemplem um interesse pessoal, como a necessidade de conquistar diferentes aprendizagens que, por questões de tempo, não foram possíveis de serem vividas anteriormente.

Assim, ao aposentar-se,

uma nova necessidade social se impõe ao indivíduo para que disponha de si para si mesmo, ou seja que passe a ocupar e não somente gozar do tempo agora livre das atividades que antigamente eram em parte, impostas pela empresa, pelas instituições sócio-espirituais, sociopolíticas, ou familiares (WITCZAK, 2005, p. 33).

O aposentado tem a possibilidade de priorizar suas escolhas, seus anseios e a busca por novas conquistas, mesmo que suas obrigações familiares continuem presentes em sua vida. Dessa forma, vê-se que o ensino de música para pessoas que estão vivendo o momento da aposentadoria deve ser realizado com diferentes olhares, visto que os objetivos e as necessidades desse público são diferentes de outros grupos.

1.2 Estrutura do trabalho

Esta dissertação está organizada em oito partes. Nesta primeira, na introdução, apresento a delimitação do tema, os objetivos, a justificativa e a construção do objeto desta pesquisa.

Na segunda parte, no referencial teórico, apresento discussões sobre o que seria o momento do lazer, discorro sobre as questões da aprendizagem, da educação musical e da aposentadoria relacionadas com o momento do lazer, além de questões acerca dos “mundos sociais” que rodeiam esse momento da vida.

Na terceira parte, faço uma revisão bibliográfica para melhor compreensão do tema, trazendo à tona discussões acerca da situação previdenciária no Brasil, seu surgimento, as possibilidades de aposentadorias existentes. Também abordo o aposentado como categoria social e a aposentadoria como um momento que oportuniza a aprendizagem. Para finalizar, apresento uma amostra dos estudos que tratam da questão dos aposentados com relação à educação musical.

Na quarta seção, apresento a metodologia, o tipo de pesquisa, o método adotado e as fontes utilizadas nesta pesquisa. Exponho também o processo de coleta de dados, os procedimentos de registro e análise dos dados.

Nas demais partes, realizo a análise do material levantado a partir das entrevistas coletadas. Assim, na quinta parte discorro sobre o tempo como divisor de oportunidades, antes e depois da aposentadoria, como momento propiciador de oportunidades de ensino/aprendizagem musical.

Na sexta parte disserto sobre as aprendizagens musicais que aconteceram antes da aposentadoria dos participantes desta pesquisa, as que são vividas diariamente após a aposentadoria, e como se dão as aprendizagens musicais na aposentadoria. Na sétima, reflito sobre as relações que os participantes desta pesquisa desenvolvem com as experiências musicais vivenciadas por eles, como o desenvolvimento de aspectos pessoais, aspectos coletivos, bem como suas realizações e os seus projetos musicais futuros.

Na oitava e última parte, teço as considerações finais em que apresento os principais resultados desta pesquisa, bem como aponto possibilidades e desdobramentos que poderão colaborar com a área da educação musical.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta pesquisa, considera-se a aposentadoria como um momento potencializador de aprendizagens musicais. Um período que se caracteriza por diversos tipos de relações sociais e pedagógico-musicais, estabelecidas por aposentados quando interagem com a música nos vários espaços sociais em que vivem.

É importante salientar que, apesar de não se acreditar que exista aprendizagem desvinculada do ensinar, assume-se, neste trabalho, um olhar específico para a aprendizagem quando se pensa na aposentadoria como tempo de mudanças amplas e que abarca, muitas vezes, o desejo dos aposentados de buscar novos conhecimentos.

Uma das possibilidades teóricas que sustenta esta pesquisa é o pensamento que a aprendizagem pode se estabelecer no momento do lazer. De acordo com Pronovost (2011), as situações vivenciadas no momento do lazer não podem ser interpretadas como simples distração ou divertimento. Elas devem ser entendidas como momentos em que se busca “informações, encontro com o outro, o desafio, os prazeres da vida cultural” (PRONOVOST, 2011, p. 136).

Diante disso, o lazer é visto como o momento em que a pessoa está liberada do trabalho, e que se envolve com atividades que possam, de alguma forma, preencher o momento no qual as atividades obrigatórias, relacionadas ao trabalho e à vida diária, não exercem influência.

Não se pode confundir aqui o momento do lazer com um período no qual não se faz nada. De acordo com Dumazedier (1999), “o lazer não é a ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou na vida de trabalho” (DUMAZEDIER, 1999, p. 28).

Então, neste trabalho, no caso dos aposentados, considera-se lazer aquele tempo liberto das obrigações diárias. Também é um tempo destinado ao fazer oriundo de uma vontade própria, de uma busca pessoal por novas ou outras atividades a serem realizadas.

Assim, pode-se perceber que autores como Dumazedier (1994) e Marcellino (1987, 1995, 2002, 2007) podem subsidiar essas discussões quando

propõem o lazer como tempo potencializador de conhecimento, e que, portanto, na aposentadoria pode estar presente em situações significativas.

Para entender a aposentadoria como um tempo da vida no qual as pessoas procuram aprender música, faço relações entre a aposentadoria e o lazer, entre a educação e o lazer, além de abordar a questão dos “mundos sociais”, nos quais as pessoas aposentadas sentem a necessidade de se adentrarem.

2.1 Aposentadoria e lazer

Pronovost (2011) salienta que, tendo em vista a necessidade que o homem tem de vivenciar seu tempo de lazer, esse tempo deve ser dedicado à realização pessoal, à sua autoformação. Assim, o lazer se torna importante na vida moderna desde que ocupe um tempo privilegiado, no qual o indivíduo, realmente, se dedique a buscar algo que lhe seja prazeroso, e que esse momento possa de alguma forma contribuir para alguma mudança na vida da pessoa envolvida.

Essa é uma visão defendida por Kaplan, quando diz que “lazer é uma parte do tempo livre feita pelo crescimento das forças produtivas, e é voltado para o descanso, prazer e melhoria do indivíduo, com um fim em si mesmo” (KAPLAN, 1971, p. 211)⁴. Já na concepção de Dumazedier (apud MARCELLINO, 1987), o lazer poderia ser caracterizado por um

conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER apud MARCELLINO, 1987, p. 30).

Percebe-se que o momento do lazer se caracteriza pela busca de ocupações as quais o indivíduo escolhe para desenvolver. De acordo com Dumazedier (1999), o lazer é um tempo disponível no qual “é um novo valor

⁴ No original: “Leisure is a part of time made free by the growth of the productive forces, and is oriented toward rest, enjoyment, and improvement of the individual, as an end in itself” (KAPLAN, 1971, p. 211).

social que se traduz por um novo direito social, o direito dela [da pessoa] dispor de um tempo cuja finalidade é, antes, a auto-satisfação” (DUMAZEDIER, 1999, p. 92). Dessa maneira, o lazer passa a ser marcado por uma busca pessoal, tendo finalidade em si mesmo.

Apesar de trazer consigo a ideia de estar relacionado com o prazer, o lazer não deve ser confundido com a liberdade absoluta, nem tão pouco ser anulado. Porém, a liberdade de escolha na aposentadoria tem que se fazer presente, mesmo que de forma limitada.

Dessa forma, o tempo livre pode ser caracterizado por momentos de “folgas” do trabalho, momentos de férias, bem como o momento da aposentadoria. Camargo (apud CALVERT, 2009) salienta o fato do trabalho se tornar uma barreira para as pessoas na busca por novas descobertas, momentos que podem ter como resultado novas produções e desenvolvimento da criatividade. Acrescenta ainda que a aposentadoria deveria ser um momento de ressignificação do lazer, da investida em ações criativas, destinando o tempo que antes era dedicado ao trabalho em momentos de realização pessoal.

Assim, a aposentadoria, segundo Dumazedier (1994), deve ser um momento destinado ao deleite individual, porém não deve ser considerada como totalmente livre. Apesar de ser um período no qual o trabalho já não é mais o apogeu da vida, esse período também conta com obrigações que dependem do tempo disponível para serem desenvolvidas, como é o caso dos trabalhos familiares, domésticos, religiosos, dentre outros.

Porém, apesar de ter uma vida que se estruture pelos valores embutidos nas obrigações familiares, domésticas, do engajamento sócio-espiritual e sociopolítico, o lazer para essas pessoas deixa de ser um momento para se distrair ou descansar. De acordo com Dumazedier (1999), para a maioria da população, as atividades de lazer passam a ocupar a maior parte do tempo fora do trabalho e fomentam um interesse cada vez mais frequente em sua realização e sua autossatisfação.

Assim, embora o lazer pareça ser essencial na vida, muitas pessoas só irão vivenciar essa experiência após terem vencido o momento de se dedicarem, quase que exclusivamente, ao trabalho. Dessa forma,

o que domina de forma esmagadora o tempo livre da aposentadoria, como período precedente, é um conjunto de atividades que cada qual escolhe para si próprio, para seu descanso, sua distração ou seu aperfeiçoamento em atividades corporais, naturais, artísticas, intelectuais e/ou sociais. É o que chamamos atividades de lazer ou semi-lazer (DUMAZEDIER, 1994, p. 133).

Contudo, é importante mencionar que, quando se pensa em aposentadoria e lazer, não se tem mais a ideia de lazer só como utilização de um tempo fora do ambiente do trabalho, nos finais de semana ou no fim do dia, após sua jornada diária de trabalho. Pensa-se, sim, em um momento no qual o tempo livre passa a ser uma característica da vida e, assim, esse tempo passa a ser utilizado com atividades de interesse pessoal.

Brougère (2012) não define o lazer pelo conteúdo de sua atividade. Segundo ele,

[o lazer] é a matriz, a forma em que os conteúdos distintos podem vir instalar-se em razão do interesse que têm aqueles que a eles se entregam, o mais das vezes pelo simples prazer [...] toda atividade pode tornar-se lazer, isso depende da relação que se tem com ela, e não da sua natureza (BROUGÈRE, 2012, p. 128).

Assim como Brougère (2012) estabelece o lazer na relação que se tem com determinada atividade, Dumazedier (1999) também o faz. De acordo com ele, quando as atividades de lazer se incorporam às atividades profissionais, muda-se a visão sociológica desse momento. Porém, embora a atividade possa ter o mesmo conteúdo e a mesma satisfação, não deve ser caracterizada como lazer.

Dumazedier (1999) ainda acrescenta que,

o lazer não está fundamentalmente submetido a fim lucrativo algum, como o trabalho profissional, a fim utilitário algum, como as obrigações domésticas ... No lazer o jogo, a atividade física, artística, intelectual, ou social não se acham a serviço de fim material ou social algum, mesmo quando os determinismos materiais ou sociais pesam sobre eles, mesmo quando é objeto de tentativas de integração por parte das instituições profissionais, escolares, familiares, sócio-espirituais, sócio-políticas (DUMAZEDIER, 1999, p. 95).

Percebe-se, assim, que o momento do lazer define-se diante da maneira como cada indivíduo se relaciona com esse momento. O lazer não significa aqui o momento em que não se tem nada para fazer, mas sim a busca contínua da ocupação de um tempo livre por atividades de interesse pessoal, que, no caso desta dissertação, traz a aposentadoria como oportunidade para essa realização.

Dessa forma, Marcellino (2002) discute a diferença entre o lazer para pessoas que ainda estão no ambiente de trabalho e para aquelas que já desfrutam da aposentadoria. Para ele, ao se aposentar, as pessoas buscam uma satisfação pessoal que, por diversos motivos, não alcançam enquanto trabalhadores. Esse momento passa a ser uma busca por experiências que reflitam seus interesses pessoais. Assim, concordando com a ideia de Marcellino (2002), Dumazedier define melhor o momento do tempo livre como sendo

um conjunto de intervalos que se dá entre os tempos obrigatórios impostos pela sociedade e que retornam sem cessar a cada manhã..., e que são pagas pelo mais importante dos tempos obrigatórios: o tempo do trabalho profissional. O que acontece com o tempo da aposentadoria? Ele é como os outros períodos do tempo livre, produzido por uma liberação do trabalho profissional e familiar. Ele é pago pelo primeiro. O tempo livre da aposentadoria é, portanto, um intervalo entre trabalhos familiares domésticos e não domésticos que desaparecem e retornam sem cessar (DUMAZEDIER, 1994, p. 141).

Percebe-se assim que, apesar de estarem aposentadas, muitas dessas pessoas exercem outras atividades em suas residências e nas comunidades nas quais frequentam. Essas atividades exigem uma disponibilidade e uma disposição para que ele cumpra sua função nesse espaço. Cabe ao aposentado estabelecer suas vontades e buscar suas realizações pessoais.

Tais realizações pessoais são buscadas pelo aposentado para que possa usufruir de momentos de prazer e satisfação, depois de findada as longas jornadas de trabalho. Para Dumazedier (1999), um dos traços fundamentais da sociedade moderna consiste em um lazer que se caracteriza pela busca:

da felicidade, do prazer e da alegria... Quando este estado de satisfação cessa ou se deteriora, o indivíduo tende a interromper a atividade. Ninguém é ligado à atividade do lazer por uma necessidade material ou por um imperativo moral ou jurídico da sociedade (DUMAZEDIER, 1999, p. 96).

Dessa forma, percebe-se que o momento do lazer será caracterizado por momentos que traga uma satisfação pessoal.

2.2 Educação e lazer

Um autor importante para o entendimento da relação entre aprendizagem e lazer é Marcellino (2000). Para esse autor, o momento do lazer deve sim ser visto como uma oportunidade de busca de conhecimento. Porém, essa visão estaria relacionada apenas quando se trata de situações nas quais a atividade realizada no momento do lazer é caracterizada por uma questão de atitude, de vontade. Esse é o caso das pessoas aposentadas que veem nas atividades desenvolvidas, nesse momento da vida, como oportunidades de busca por ocupações fora das atividades básicas do seu dia a dia.

Contudo, essa relação de aprendizagem não se dá somente no lazer e nem o lazer só é encontrado na aprendizagem. Kaplan (1975) ressalta que “elementos de lazer são encontrados no trabalho, na família e na educação; por outro lado, elementos para essas construções podem ser encontrados no lazer” (KAPLAN, 1975, p. 18-19)⁵.

De acordo com Marcellino (1987), essa procura por atividades realizadas como lazer, após a aposentadoria, pode significar uma busca por um momento de satisfação pessoal, adiada por muito tempo em virtude da necessidade requerida pelo trabalho.

O lazer pode ser visto por diferentes ângulos, segundo diversos autores. Ele pode ser considerado como um momento para manipulação política, como oportunidade para se distinguir classes sociais, de acordo com os passeios e os objetivos que se tem nesse tempo. Porém, como mencionado anteriormente, o lazer pode ser uma fonte propiciadora de desenvolvimento de

⁵ No original: “Elements of leisure are to be found in work, family, and education; conversely, elements from those constructs are often to be found in leisure” (KAPLAN, 1975, p. 18-19).

novas habilidades, descobertas, novos conhecimentos. Além disso, pode ser considerado como processo educativo que se estabelece em momentos nos quais as ações de ensino/aprendizagem não estão formalmente alicerçadas em estratégias escolares e/ou professorais.

De acordo com Dumazedier (1994), o lazer

é uma tentativa de se desligar temporariamente da tutela cotidiana das instituições, organizações, agrupamentos, aos quais se está ligado pelo nascimento, estatuto. Não é para romper, é para se libertar periodicamente de sua rotina, de seus estereótipos, de seus dogmas (DUMAZEDIER, 1994, p. 49).

Dumazedier (1994) também acrescenta que o lazer é um momento de reconstituição das relações dos indivíduos com eles mesmos, com os outros e com o ambiente que o circunda. É importante mencionar que esse momento não é dedicado apenas a si próprio, mas afeta o que o autor chama de “tempos obrigados” (trabalho profissional, escolar e familiar) e descompromissados (vida sócio-espiritual e sociopolítica).

Nesse mesmo pensamento, pode-se destacar, portanto, que o tempo destinado ao lazer é um tempo individual, escolhido pelo próprio sujeito, que será utilizado para sua própria expressão. Pode ser vivenciado sozinho ou mesmo acompanhado por grupos que estão em busca dos mesmos objetivos. É um espaço que se desenvolve a partir das práticas sociais mais emergentes que serão importantes na/para a vida cotidiana de cada um de seus participantes.

Nesse sentido, o lazer consiste no tempo disponível no qual o indivíduo pode se entregar de forma livre à realização de atividades, que vão desde momentos de diversão até a uma formação sem interesse claro, na qual se estabeleça uma participação voluntária.

Assim, esse momento destinado ao lazer deve ser definido apenas pela relação estabelecida entre o indivíduo e a forma como ele se relaciona com esse momento disponível. Isso porque na concepção de Dumazedier (1994, p. 141), o momento do lazer pode se relacionar com momentos de passividade e de atividade, em momentos de tédio e de isolamento versus

momentos de descobertas e de desenvolvimento pessoal. Essa dicotomia só se estabelecerá frente à postura do próprio sujeito envolvido nesse processo.

Segundo Marcellino (1987), vários outros autores ligados ao estudo do lazer reconhecem um duplo papel educativo do lazer. A primeira constatação é que o lazer consiste em um canal propiciador de educação. A segunda é que para a realização das atividades de lazer, é necessário “o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade” (MARCELLINO, 1987, p. 50).

De acordo com Marcellino (1987), “só tem sentido se falar em aspectos educativos do lazer, se esse for considerado, como um dos possíveis canais de atuação no plano cultural, tendo em vista contribuir para uma nova ordem moral e intelectual, fornecedora de mudanças no plano social” (MARCELLINO, 1987, p. 64).

Percebe-se, então, o duplo papel do lazer, posicionando-o como um momento propiciador e também como objeto de educação.

Essas considerações sobre lazer e educação partem do princípio de que a educação não se realiza somente na escola. De acordo com Bisolo (2005), é importante pensar na ideia de uma educação que acontece no momento da troca de experiências, no convívio social, em qualquer fase da vida, desde que haja ressignificação, possibilidade de aprendizado e renovação.

2.3 Os “mundos sociais”

Além dos estudos relacionados ao lazer, outro autor que contribui para entender o sujeito aposentado como ser social, bem como a aposentadoria como momento importante na vida das pessoas, é Schutz (1979). Esse autor estruturou seus estudos nos princípios da fenomenologia, que defende que o fenomenologista não deveria se basear em suas experiências apenas, mas sim nas suas e nas dos outros que compõem a sociedade.

Schutz (1979) também dedicou seus esforços em discutir o mundo da vida, o qual ele subanalisou em três grandes categorias. Na primeira, atentou-

se para aquelas atitudes que são realizadas naturalmente, as quais podem ser derivadas de fatores diários, como costumes, regras estabelecidas por leis, atitudes de conduta com relação aos outros. Na segunda, estudou os fatores que estabelecem a conduta das pessoas. Essas condutas são percebidas por Schutz (1979) como interligadas a outras que esse próprio indivíduo já tenha vivenciado. As experiências desses indivíduos são únicas, individuais e pessoais. E, na terceira categoria, orientou-se nas experiências vividas por cada indivíduo, bem como no conhecimento que ele adquiriu durante esse período vivido.

Dessa forma, através do estudo da sociabilidade, Schutz traz como objeto de estudo “o conjunto de relações interpessoais e atitudes pessoais que, ainda que dependam de padrões adquiridos, são pragmaticamente reproduzidas ou modificadas na vida quotidiana” (CORREIA, 2005, p. 12). Assim, Schutz parte do pressuposto de que a realidade é construída socialmente através do conhecimento adquirido nesse período, ou seja, através dos diferentes sentidos que se pode atribuir em diversificados contextos vivenciados pelos seres humanos.

Schutz (2012) compreende que o indivíduo está imerso em um ambiente rodeado de outras experiências fornecidas por diferentes personagens. Tais personagens estão em constante modificação de si mesmos, de acordo com as relações e trocas fornecidas pelos próprios indivíduos envolvidos nesse meio.

Astrain (2006) afirma que o compartilhamento é necessário aos seres humanos, pois esses não estão sozinhos em um mundo, apesar de suas decisões serem individuais. Estão envoltos em um mundo rodeado de outros seres vivos, que disponibilizam suas ações e seus comportamentos, os quais necessitam serem compartilhados e vivenciados coletivamente.

Dessa forma, há um mundo intersubjetivo que já existia anteriormente ao nascimento desse indivíduo, o qual era vivenciado e interpretado por outros personagens que já se organizavam nesse mundo. A partir da inserção desse indivíduo nesse contexto, este passa a fazer suas interpretações, e a partir delas faz seu “estoque de experiências” (SCHUTZ, 2012) que o nortearão na procura por novos grupos e aceitação de novas condutas de comportamento.

Essa conduta que é considerada como natural, e que ocorre na vida cotidiana, não é questionada sempre que se tem que tomar alguma decisão ou rever alguma ação. Grande parte das atitudes que as pessoas têm, a partir da relação que estabelecem com/na vida diária, se dá de forma espontânea, sem a necessidade de uma busca por soluções previamente pensadas e analisadas.

Compreende-se, assim, que a pessoa participante de um processo de ensino/aprendizagem em uma prática coletiva vivencia um mundo social, que é como “uma rede fina de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e de símbolos com sua estrutura de significado particular, de formas institucionalizadas de organização social de sistemas de *status* e prestígio etc.” (SCHUTZ, 1979, p. 80).

Dessa forma, o compartilhamento realizado em um ambiente de prática musical coletiva e/ou individual faz com que cada indivíduo crie vínculos e significados individuais, fazendo com que um novo mundo de relações se crie, dando significados diferentes a cada grupo.

De acordo com Schutz (2012), o processo de ensino/aprendizagem que ocorre em momentos de convivência em um grupo, pode ser visto por um indivíduo, que não está totalmente inserido no processo e no grupo, como um conhecimento adquirido de forma incoerente, sem sustentabilidade, aquele que é vivenciado de forma superficial. Porém, para aqueles participantes envolvidos com tal prática, esse processo vivido dentro daquele contexto se torna um esquema aceito sem questionamentos, de clareza absoluta, com consistência e coerência suficientes para o alcance de conhecimento.

Nesse aspecto, pode-se perceber o significado de grupo que é estabelecido, mesmo que inconscientemente, por seus membros. Tais indivíduos se veem parte do grupo a partir do momento que sua participação se torna inquestionável perante as características daquele grupo.

Nesse contexto,

os membros, individualmente, estão à vontade, isto é, encontram seu caminho sem dificuldade, no meio comum, guiados por um conjunto de receita de hábitos, costumes, normas etc., mais ou menos institucionalizados, que os ajudam a viver em harmonia com seres e semelhantes pertencentes à mesma situação. O sistema de tipificações e relevâncias

compartilhado com os outros membros do grupo define os papéis sociais, as posições e o *status* de cada um (SCHUTZ, 1979, p. 82).

No entanto, diante do exposto por esse autor, é importante destacar que mesmo estando à vontade no grupo, quando se deixam guiar pelos hábitos e “normas” do ambiente no qual estão inseridos, a “relevância do que é compartilhado”, como ideias, iniciativas e ações em prol do coletivo, definem as posições de destaque ou não de cada um dos membros dos grupos.

Porém, quando se trata de grupos nos quais o voluntariado é a base de sua existência, é importante que se esteja atento à formação, ou criação das normas e procedimentos que irão compor as bases do grupo. De acordo com Schutz (1979), esse processo de construção de uma identidade para o grupo envolve um período de crescimento pessoal, no qual os membros vão se descobrindo e se reafirmando a cada etapa.

Essas características permitem que cada indivíduo tenha à sua disposição diversos grupos, cada qual com identidade própria, para que escolha o grupo que se assemelhe com seus princípios e características.

Assim,

é apenas com relação à participação com grupos voluntários ... que o indivíduo está livre para escolher de que grupo quer ser membro e de que papel social quer ser incumbido. No entanto, pelo menos um aspecto da liberdade do indivíduo é o fato de poder escolher por si mesmo com que parte da sua personalidade quer participar dos grupos; o fato de poder definir sua situação dentro do papel do qual está incumbido; e de poder estabelecer sua própria ordem privada de relevâncias, na qual cada participação nos vários grupos tem o seu lugar (SCHUTZ, 1979, p. 85).

Inicialmente, alguns elementos que nortearão os relacionamentos, bem como as condutas estabelecidas no grupo, serão desenvolvidos por si só durante a convivência e se tornarão comuns. Entretanto, outros desses elementos necessitarão de um período para serem incorporados e fazerem parte da identidade daquele grupo.

Percebe-se, assim, que há uma busca pela substituição do espaço que antes era ocupado pelo trabalho, e que agora passa a ser preenchido pelas relações estabelecidas em momentos desenvolvidos no espaço do lazer.

Também, a procura por uma nova identidade social, “perdida” com a chegada da aposentadoria, faz-se realidade quando da inserção em um novo grupo ou na busca por novas aprendizagens.

2.4 Música e aprendizagem de adultos

Como mencionado, pensar a aposentadoria para muitas pessoas significa vislumbrar o fim da produtividade, a saída de um ciclo social no qual a vida está pautada. Muitas pessoas, quando se aposentam, se veem em um processo em que sua vida deixa de ter alguns valores e seu aprendizado deixa de acontecer.

Witczak (2005) reflete sobre como esse processo pode ser doloroso para alguns, visto que nossa “sociedade é educada para o trabalho”, e não para que se tenham também bons momentos de prazer e de descanso. Por isso, “não se fala de um mundo de aposentadoria como espaço socialmente reconhecido, mas simplesmente em aposentados” (WITCZAK, 2005, p. 16).

Sabe-se também que o período da aposentadoria, além de ser um marco por deixar para trás a chamada “vida produtiva”, também é símbolo de um processo de envelhecimento que ocorre nessa fase. Esse processo de envelhecimento, que ocorre simultaneamente com a aposentadoria, pode ser visto de forma dupla. Um desses momentos advém do tempo de serviço prestado, e o outro, que não tem reconhecimento oficial, é determinado, muitas vezes, pelos limites que o próprio corpo biológico impõe, tais como doenças ou idade, que colaboram com o processo de exclusão do mundo do trabalho, mediante a impossibilidade de execução de suas atividades.

Os autores Romani, Xavier e Kovalski (2005) concordam que a aposentadoria não deve ser caracterizada apenas pelos problemas decorridos em consequência das alterações estabelecidas pelo processo de ruptura com o trabalho, mas sim com a mudança que ocorre concomitantemente na vida dessas pessoas, que é o envelhecimento. Esse processo provoca anseios sobre os caminhos que ainda faltam para o fim da vida, o que traz ainda outros questionamentos.

Assim, essa população, que se encontra na dicotomia entre aposentadoria e velhice, passa a reconstruir a identidade de trabalhadora

através de atividades que trarão uma nova posição social, valorizada como ativa em contraposição com sua inatividade, proporcionada pela aposentadoria.

Nesse sentido, segundo Carlos et al. (1999),

são buscadas atividades remuneradas ou não, preferentemente no espaço público, como forma de garantir reconhecimento social. É o que oportuniza a experiência de sentir-se vivo, já que sua ausência é associada à morte, à exclusão e à segregação em uma sociedade pautada pelo valor produtivo (CARLOS, 1999, p. 87).

De acordo com Valente (2001), as instituições que oferecem atividades voltadas para esse público procuram desenvolver um trabalho que esteja relacionado com a diversidade de ideias e experiências, ao contrário de um ensino voltado para a uniformização do conhecimento.

Segundo esse autor, nesses trabalhos realizados nessas instituições,

origina-se a sensação de que são capazes [os participantes] de produzir algo considerado impossível de conseguir, um produto que eles não só construíram, mas compreenderam como foi realizado. Esse tipo de sensação está muito longe de ser vivenciadas por alunos do ensino tradicional (VALENTE, 2001, p. 5).

Quando se tratam de discussões na área da educação musical, pesquisas, por exemplo, como as de Lopes (2008), Kebach (2008), Pike (2008) e Roulston (2010), são exemplos de que foram realizadas com o objetivo de perceber a importância da aquisição de novas atividades, como a busca de novos conhecimentos para que possam preencher o tempo livre.

Lopes (2008) investigou a continuidade do desenvolvimento musical de pessoas idosas, mostrando que o afastamento das atividades musicais por determinado período, faz com que as experiências vividas na infância possam ser reeditadas, e esse momento levanta a possibilidade da busca por novos conhecimentos.

Kebach (2008) realizou uma pesquisa na qual se objetivou a compreensão dos processos de musicalização de adultos em ambientes coletivos de aprendizagens, realizando uma avaliação do papel das interações sociais nesse processo.

Pike (2008) realizou uma pesquisa exatamente com aposentados a partir de 50 anos, na University of Arkansas, que estavam engajados no estudo do piano em grupo. Para essas pessoas, a música em grupo é importante enquanto um veículo essencial no engajamento deles ao ouvir música, ao resolver problemas e ao “fazer música juntos” (p. 233).

Em complemento, Roulston (2010) afirma em seu artigo “*There is no end to learning: Lifelong education and the joyful learner*”, que há um número crescente de pessoas adultas buscando um aprendizado contínuo, no caso a aprendizagem musical. Segundo essa autora, a aprendizagem pode ser analisada a partir de quatro tópicos: a motivação de adultos no processo de aprendizagem contínua, diferenças entre aprendizes adultos e crianças, a noção de uma aprendizagem construída ao longo do tempo e, por último, a contribuição da aprendizagem coletiva no processo. Ela conclui recomendando que profissionais que trabalham com esse público devem construir estratégias para essa aprendizagem.

Seguindo essa perspectiva, pode-se perceber que esse momento de aprendizagem, envolvendo pessoas adultas, pode também carregar uma discussão social como a estabelecida por Valente (2001). Esse autor argumenta que a aprendizagem, enquanto possibilidade e perspectivas sociais de compartilhamento, de acolhimento, de identidade, é muito importante a partir do momento em que pessoas deixam de ter seu tempo destinado ao trabalho e necessitam de uma complementação de atividades, para que esse tempo possa ser novamente preenchido. Essas atividades passam a ter novos significados na vida desse sujeito, como afirma o autor.

As atividades educacionais com a terceira idade indicam que aprender está deixando de ser simplesmente condição para manter posições atuais ou conseguir melhores salários e tornando-se uma maneira de se divertir, de ‘ocupar a mente’, de preencher o tempo e de estar em sintonia com a atualidade. Indica também que todas as características prazerosas de aprendizagem que a terceira idade está descobrindo e vivenciando devem estar presentes em outros períodos da nossa vida educacional principalmente no escolar e no profissional (VALENTE, 2001, p. 1).

Para Valente (2001), nessa fase da vida, quando se procura por uma atividade que possibilita algum tipo de aprendizagem, pode-se pressupor o

desejo e também a necessidade pela busca do conhecimento, isso independará do lugar e do tempo para acontecer.

A educação assume, assim, uma dimensão diferenciada, pois proporciona condições para que essa aprendizagem seja determinada por um processo de construção de conhecimento, que se dará a partir da interação do “novo” com o mundo social já vivido. Dessa forma, o aprender terá como significado a junção de experiências já vividas e dos conhecimentos já adquiridos, para que se deem novos significados aos conhecimentos adquiridos.

Logo, de acordo com Valente (2001),

o conhecimento construído é o produto do processamento da interpretação, da compreensão da informação. É o significado que atribuímos e representamos em nossa mente sobre a nossa realidade. É algo construído por cada um muito próprio e impossível de ser passado – passamos informação que advém deste conhecimento, porém nunca o conhecimento em si (VALENTE, 2001, p. 2).

Ainda, segundo esse autor, assim como para Roulston (2010), é necessário que haja, para a aprendizagem ao longo da vida, a reunião de alguns critérios que estabelecerão a conexão entre quem aprende e o ato de aprender. No entanto, para Valente (2001), quando se trata dessa aprendizagem que se dá ao longo da vida, deve-se atentar para “a confluência de três fatores: que se tenha a predisposição de aprendizagem, que existam ambientes de aprendizagens adequadamente organizados e que existam pessoas que possam auxiliar o aprendiz no processo de aprender (agentes de aprendizagem)” (VALENTE, 2001, p. 7).

Percebe-se, então, que a aprendizagem tem um papel essencial durante toda a vida: na infância, juventude, vida adulta, trabalho. Nessa perspectiva, portanto, é importante considerar que a aprendizagem dessas pessoas está além do âmbito escolar. Ela deve ser entendida como um processo que é construído durante toda a vida, ou seja, é uma atividade que também acontece em momentos tidos como findados nesse quesito, em que a aprendizagem passa a ter um caráter prazeroso, livre das obrigações impostas pelas instituições de ensino.

De acordo com Calvert (2009), no período da aposentadoria, o tempo passa a ser administrado com menor rigidez, privilegiando atividades que tragam prazer, que possibilitem o convívio social e familiar no qual se estabelece momentos de descompromisso com o processo de produtividade. Segundo Witczak (2005), na aposentadoria, torna-se necessário o preenchimento do tempo que antes era ocupado pelo trabalho, para que pessoas aposentadas possam se sentir pessoas ativas e participantes.

De acordo com Marcellino (2002), essa procura por novos conhecimentos pode caracterizar uma busca instigada por interesses pessoais que sempre foram deixados para depois, visto que o tempo era ocupado, principalmente, pelo trabalho.

Kaplan (1966) também concorda que esse momento deve ser preenchido por atividades que vão ao encontro dos anseios dos próprios sujeitos. De acordo com ele, “esta liberdade do trabalho obriga as pessoas a fazerem o uso rentável do seu tempo livre [...] as pessoas podem aprender a se envolverem em um lazer significativo” (KAPLAN, 1966, p. 5)⁶.

Dessa forma, Atchley (1976) salienta a importância de, no momento da aposentadoria, as pessoas terem interesse por atividades que sejam realizadas em grupo, para que o sujeito participante se sinta novamente inserido socialmente.

Assim, atividades coletivas são um grande atrativo para essas pessoas que deixaram o trabalho, visto que oferecem a esses aposentados a inserção em um novo mundo de relações sociais e de conhecimentos.

A música, nesse momento da vida, pode ser, portanto, mediadora no processo de reinserção da pessoa aposentada na sociedade, juntamente com outros indivíduos que compartilham do mesmo momento da vida. Segundo Bueno (2008), a música pode contribuir como um elo que auxiliará no desenvolvimento da criatividade, na melhora da autoestima, na qualidade de vida, bem como no processo de socialização.

Martinoff (2010) acrescenta em seu artigo intitulado “Benefícios da escuta musical orientada na terceira idade” que a apreciação musical, bem como a escuta orientada, se tornam essenciais no processo de

⁶ No original: “This freedom from work forces people to make profitable use of their time [...] people can learn to engage in a meaningful leisure” (KAPLAN, 1966, p. 5).

autoconhecimento de pessoas idosas, fazendo com que respeitem e conheçam melhor o momento da vida em que estão inseridos.

Assim, pode-se ver que o ensino/aprendizagem musical pode vir a contribuir no desenvolvimento e na aquisição de melhores condições de vida de pessoas aposentadas, mas que também carregam consigo saberes que transcorrem desde a infância até qualquer fase da vida em que estão inseridas.

Assim, a oportunidade da continuidade da aprendizagem após a aposentadoria passa a se tornar realidade, dando ao aposentado a possibilidade da procura por ambientes coletivos ou não, para que esse momento seja propício a uma aprendizagem musical prazerosa.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os estudos que tratam desse assunto começam a despontar nas discussões, embora ainda de forma bastante tímida. Muitas pesquisas têm como foco a pessoa idosa, a velhice, bem como o adulto como objeto de estudo para um momento da vida, no qual se busca qualidade de vida. Porém, deve-se atentar também para outro fator social, o do aposentado, visto que há uma realidade a ser pesquisada cada vez mais crescente, e que merece um olhar atento.

Portanto, com o objetivo de contextualizar melhor o objeto desta pesquisa no âmbito dos estudos sobre a aposentadoria, acredita-se ser necessária uma abordagem que direcione o olhar para os aposentados como uma categoria social que tanto cresce no país, as leis que regem tal categoria, seus direitos e dificuldades nesse momento da vida.

Tendo em vista o foco deste trabalho, esta revisão bibliográfica também busca explicitar o contexto da produção de estudos sobre temáticas relacionadas à questão da aposentadoria e centra sua abordagem em quatro temáticas.

A primeira temática consiste em um breve relato sobre os tipos de aposentadoria e as leis regidas pela Previdência Social no Brasil. A segunda temática abre a discussão sobre os aposentados como categoria social, considerando o momento em que a aposentadoria se dá na vida das pessoas, os sentimentos envolvidos nesse processo, bem como as frustrações e as conquistas proporcionadas pela aposentadoria. Já na terceira temática, discute-se a relação entre a aposentadoria e a aprendizagem durante a aposentadoria. Aqui se apresenta também a ideia do aposentado, nesse momento da vida, se abrir para a aquisição de novos conhecimentos, ao contrário do rótulo de improdutivo que esse indivíduo aposentado carrega. Por fim, na quarta temática são apresentadas pesquisas que abordam o aposentado e a educação musical, práticas musicais realizadas por essas pessoas e como essas experiências musicais ocorrem nessa fase da vida.

3.1 Tipos de aposentadoria no Brasil

A população brasileira vem passando, nos últimos anos, por modificações que interferem diretamente no modelo previdenciário proposto no país. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (BRASIL, 2010, p. 6), vê-se uma redução nas taxas de natalidade e aumento da expectativa de vida da população adulta. Essa transformação tem sido um dos discursos que contribui para ampliar discussões sobre a necessidade de revisão das leis da aposentadoria, já que o argumento tem sido o da “constante defasagem” da Previdência Social no Brasil.

A origem da Previdência Social no Brasil remonta ao Decreto Legislativo nº 4.682, de janeiro de 1923, conhecido como Lei Elói Chaves. A primeira referência à aposentadoria por tempo de serviço encontrada data de 7 de janeiro de 1924. Após a revolução de 1930, suspende-se a aposentadoria até a elaboração de uma nova lei que subsidiou a concessão de novas aposentadorias por tempo de serviço.

Em 1951, restabelece-se a aposentadoria por tempo de serviço através da assinatura da Lei nº 593, em seu artigo 1º. Porém, só em 1952 foi criado o anteprojeto da Lei Orgânica da Previdência Social, que foi aprovada pelo Congresso Nacional em 1960 e está vigente até hoje.

A Lei Orgânica da Previdência Social é que regula a seguridade social, compreendendo “um conjunto integrado de ações de iniciativa dos poderes públicos e da sociedade, destinado a assegurar o direito relativo à saúde, à previdência e à assistência social” (art.1) (BRASIL, 1991).

Em 1966 cria-se o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e a aposentadoria por tempo de serviço mantém suas concepções e características definidas pela Lei Orgânica da Previdência Social.

Já com a promulgação da nova Constituição Federal em 1988, a seguridade social passa a ter seus princípios básicos assegurados e definidos pela Lei nº 8.313 de 24 de julho de 1991, que discorre sobre os benefícios da Previdência Social, especificando a aposentadoria por tempo de serviço e a aposentadoria especial.

Ao analisar o sistema da Previdência Social brasileira, percebe-se a existência de alguns tipos de aposentadorias: aposentadoria especial, por

idade, por invalidez, por tempo de contribuição, bem como a pensão por morte, que também está incluída nesse processo de aposentadoria.

A aposentadoria especial é concedida ao segurado que tenha trabalhado em condições que possam ser prejudiciais à sua saúde ou à sua integridade física. Comprovando tais condições e juntamente com o tempo de trabalho (tempo de contribuição), de 15, 20 ou 25 anos, essa aposentadoria pode ser requerida. Uma característica da aposentadoria especial é que o beneficiário fica impossibilitado de retornar a atividades remuneradas que tenham o mesmo caráter daquela que lhe propiciou tal benefício. Nesse caso, essa aposentadoria é passível de cancelamento.

A aposentadoria por idade é facultada ao trabalhador urbano do sexo masculino a partir dos 65 anos e do sexo feminino a partir dos 60 anos de idade. Já os trabalhadores rurais podem requerer tal aposentadoria a partir dos 60 anos para os homens, e 55 anos de idade para as mulheres. Além da idade cronológica, para que o segurado consiga o benefício deverá contribuir mensalmente com a Previdência Social. Nesse tipo de aposentadoria por idade, o segurado não é obrigado a sair do seu emprego para requerer a aposentadoria, além de estar liberado para continuar exercendo suas funções mesmo após a concessão do benefício.

A aposentadoria por invalidez é concedida aos trabalhadores que, por doença ou acidente, forem considerados, após perícia médica realizada pela própria Previdência Social, incapacitados de exercerem suas atividades ou qualquer outra atividade que lhes garanta seus proventos. Tal benefício só é concedido, em caso de doença, se o trabalhador tiver contribuído por, no mínimo, 12 meses, e no caso de acidente não há esse prazo, porém o solicitante necessita ser contribuinte da Previdência Social.

O contribuinte que recebe a aposentadoria por invalidez tem que se submeter à perícia médica a cada dois anos, para que não tenha seu benefício suspenso. Esse tipo de aposentadoria pode ser suspensa quando comprovada a recuperação e a capacidade do trabalhador para voltar ao trabalho.

A aposentadoria por tempo de contribuição pode ser integral ou proporcional. Tem direito à aposentadoria integral o trabalhador que comprovar um mínimo de 35 anos de contribuição. Já na aposentadoria por tempo

proporcional, o trabalhador deverá ter algum tempo de contribuição e idade mínima para aposentar-se.

Assim, os homens necessitam de uma idade de 53 anos e 30 anos de contribuição, mais um adicional de 40% sobre o tempo que faltava em 16 de dezembro de 1998 para completar 30 anos de contribuição e requerer aposentadoria por tempo de contribuição. E as mulheres devem ter 48 anos de idade e 25 anos de contribuição, mais um adicional de 40% sobre o tempo que faltava em 16 de dezembro de 1998 para completar 25 anos de contribuição.

Outro tipo de aposentadoria é o da pensão por morte. A pensão por morte é um benefício pago à família do trabalhador segurado quando de sua morte. Nessa categoria não há o tempo mínimo de contribuição, mas há a necessidade de que o óbito tenha ocorrido enquanto o trabalhador estivesse segurado, ou mesmo que esse trabalhador já tenha cumprido os critérios para obtenção da aposentadoria pela Previdência Social. Também há a possibilidade de que se reconheça a pensão que tenha sido originada de uma aposentadoria por invalidez.

Dessa forma, pode-se perceber que o processo da aposentadoria pode se dar por diferentes situações e que a Previdência Social assegura ao trabalhador os direitos de gozar seus benefícios após cumprir com suas obrigações perante o órgão previdenciário.

3.2 Aposentados como categoria social

O momento da aposentadoria pode se tornar para as pessoas que estão passando por esse processo mais complexo e de difícil superação. Atchley (1976) discute que a aposentadoria passa por algumas fases: a primeira delas é a da “pré-aposentadoria”. Essa fase se inicia quando a pessoa começa suas atividades profissionais, porém visualiza o momento da aposentadoria no futuro. Esse momento termina quando se está bem próximo da aposentadoria.

A segunda fase, denominada de “*honeymoon phase*” (fase de lua de mel), é aquela quando se inicia a aposentadoria. Nesse momento, segundo o autor, o indivíduo passa por um processo de euforia perante a liberdade de

tempo e de espaço para realizações que, muitas vezes, não conseguia antes da aposentadoria.

Já a terceira fase, a “fase do desencanto”, ocorre quando o aposentado se vê em uma situação de fracasso social, quando percebe que não há possibilidade de retorno ao ambiente de trabalho e que já não possui os mesmos vínculos sociais anteriores à aposentadoria. Witczak (2005) chama essa fase de “tempo de transição” que é aquela em que o trabalhador aposentado começa

soltar velhos conceitos e amarras, e o indivíduo mergulha em um mundo novo, desconhecido por ele e não reconhecido socialmente: o mundo da aposentadoria. Descrever essa passagem é necessário para que se possa analisar como o indivíduo pensou, sentiu e agiu frente às novas possibilidades de vida que se abrem. Ao mesmo tempo que realidades antigas se fecham: é preciso abandonar aquele mundo velho, já descoberto e bem conhecido mundo do trabalho (WITCZAK, 2005, p. 92).

A quarta, a “fase da reorientação”, é o momento em que o indivíduo explora novas oportunidades e vai em busca de grupos com os quais se envolverá, novamente, em comunidade.

A quinta, e última fase, é o momento da estabilidade. O autor salienta que essa estabilidade não se refere à acomodação, ou à não mudança, mas sim a uma tranquilidade que a rotina diária lhe proporcionará. Nessa fase, o indivíduo estará mais seguro para lidar com suas escolhas.

Embora divida em fases os momentos da aposentadoria, Atchley (1976) argumenta que essas fases não estão associadas ao tempo cronológico, elas se referem a uma progressão básica que envolve o processo da aposentadoria. Uma pessoa pode, ou não, experimentar todas essas fases.

Outros pesquisadores não pensam a aposentadoria em fases, porém uma característica mencionada na maioria dos estudos é a mudança que envolverá o indivíduo quando ele se deparar com o momento da aposentadoria.

Kunzler (2009), em sua pesquisa, pôde entender os sentimentos de pessoas envolvidas no processo de se aposentar. De acordo com essa autora, foi possível perceber que para as pessoas “a fase da aposentadoria foi vivida e

associada a partir de sentimentos de liberdade/recomeço, diminuição/perda do papel social desempenhado e ruptura identitária/medo” (KUNZLER, 2009, p. 92).

De acordo com Freitas, França e Soares (2009), existem vários aspectos que interferem nas atitudes que se referem à importância dos ganhos e das perdas no momento da aposentadoria. Tais aspectos podem variar de acordo com a perspectiva individual, social, familiar, econômica, sociopolítica e ambiental do momento e do lugar no qual o aposentado está inserido.

Em aspectos gerais, os autores admitem que o momento da aposentadoria é um marco importante no ciclo de vida de homens e mulheres. Conforme já citado anteriormente, desde a Revolução Industrial, espera-se que as pessoas estejam em constante produção e o tempo está diretamente relacionado com trabalho e não com atividades que propiciem lazer e descanso, apesar de se ouvir em noticiários e reportagens que dão conta de mudanças em empresas que procuram criar outra relação entre tempo do trabalho e o lazer no trabalho. Assim, a aposentadoria reflete o contrário do que se estabelece como produtividade: a pessoa passa a estar, como dito comumente, na “condição de inativo”.

Embora a aposentadoria possa proporcionar momentos de ócio pela interrupção das atividades produtivas, a inserção nesse novo mundo de possibilidades pode trazer opções de mudanças para que haja uma nova reinserção na coletividade, considerando a possibilidade do tempo livre.

Dessa forma, Freitas, França e Soares (2009) acreditam que alguns indivíduos fazem da aposentadoria um momento de liberdade, para que se possa realizar projetos que eram pensados para o futuro. Esse período vivido como aposentado é, geralmente, visto por eles como momento especial de sua vida, no qual buscam realizar sonhos que por diferentes motivos não puderam ser concretizados anteriormente.

Assim, esses momentos passam a ser necessários para a inserção de atividades que possam contribuir para que esse tempo do trabalho, que passa a ser livre, seja preenchido por meio de novas ocupações. Pode ser por atividades que ofereçam a possibilidade de aprendizagem de algo novo, da possibilidade do contato com outras pessoas para que se reinvente um círculo de relacionamentos.

Nesse sentido, de acordo com Kunzler (2009), a aposentadoria passa a ser um tempo destinado à reconstrução e à investida em novas descobertas. É o tempo de investimento em novas atividades e construção de projetos criativos.

Pensando na aposentadoria como momento de reconstrução e de descobertas, Calvert (2009), em seu trabalho “Terceira idade: a aposentadoria e o manejo do tempo livre”, faz um estudo com o objetivo de identificar imagens, crenças de pessoas com 60 anos de idade ou mais que frequentam grupos de convivência de aposentados, bem como da velhice e suas estratégias para lidar com o tempo livre.

Essa autora faz um apontamento interessante sobre a relação existente entre a aposentadoria e os idosos.

A aposentadoria não é necessariamente um marco da chegada da velhice e, conseqüentemente, da imagem e da crença da inatividade e do ostracismo, mas de um período em que o tempo disponível pode ser ocupado com atividades a serem escolhidas e prazerosas, como a do convívio intra e extra-familiar, do trabalho descompromissado com a produção e com horários, o que nos permite dizer que tornou-se um tempo social no seu sentido mais forte do termo, significando que é criador de novas relações sociais e portador de novos valores (CALVERT, 2009, p. 97).

Nesse estudo de Calvert (2009), pode-se constatar que as pessoas frequentadoras desses ambientes não se sentem velhos e, como aposentados, se sentem reanimados com a possibilidade de terem um tempo destinado ao lazer e ao convívio social e familiar. Assim, essa autora pôde perceber também que os grupos de convivência são vistos como espaços privilegiados de convívio e que promovem bem-estar para seus frequentadores.

De acordo com Freitas, França e Soares (2009), há a necessidade de uma reorientação para esses projetos. Segundo Soares (apud FREITAS; FRANÇA; SOARES, 2009), essa reorientação ajudará no rompimento do vínculo com a antiga profissão para que o sujeito se sinta livre para buscar atividades que correspondam com as suas próprias necessidades. A melhor opção é a que o trabalho possa representar uma fonte de prazer, não se dissociando tanto no momento da aposentadoria.

4 METODOLOGIA

4.1 Pesquisa qualitativa

Esta pesquisa, tendo em vista suas características, é de natureza qualitativa, pois, de acordo com Denzin e Lincoln (2006), tem como ponto principal a discussão sobre

as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente constituída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Estes pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23).

Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador estará lidando com uma abordagem interpretativa no seu cenário natural, buscando a entender, analisar, interpretar os fenômenos, bem como seus desmembramentos na sociedade na qual estão inseridos.

Por se tratar de um trabalho desenvolvido a partir da realidade, a pesquisa qualitativa envolve uma grande interdisciplinaridade. Por isso, de acordo com Denzin e Lincoln (2006),

enquanto conjunto de práticas, envolve, dentro de sua própria multiplicidade de história disciplinares, tensões e contradições constantes em torno do projeto propriamente dito, incluindo seus métodos e as formas que suas descobertas e suas interpretações assumem (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 21).

Cabe ao pesquisador analisar e escolher práticas de pesquisa e procedimentos de coleta de dados, bem como referenciais que o nortearão. Essas práticas estão pautadas em questionamentos relacionados com seu estudo, bem como têm relação direta com o contexto em que a pesquisa se insere. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a rede que contém essas crenças dos pesquisadores pode ser denominada de

paradigma, ou esquema interpretativo. [...] Toda a pesquisa é interpretativa; é guiada por um conjunto de crenças e de sentimentos em relação ao mundo e ao modo como este deveria ser compreendido e estudado. [...] Cada paradigma interpretativo exige esforços específicos do pesquisador, incluindo as questões que ele propõe e as interpretações que traz para elas (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 34).

Dessa forma, uma pesquisa que tem como objetivo compreender a aposentadoria como um momento da vida em que se busca aprender música, bem como entender de que maneira as experiências musicais são vividas e compartilhadas com/por essas pessoas aposentadas, em espaços de ensino/aprendizagem, coletivos ou não, como nos casos da prática coral, ou a aprendizagem de um instrumento, individualmente ou coletivamente, deverá conter interpretações que possibilitem um mergulho junto à situação vivenciada pelos entrevistados.

Diante dos questionamentos que envolvem esta pesquisa, e para que se possa compreender melhor a aposentadoria como momento que abre possibilidades para a aprendizagem musical, acredita-se que o estudo de caso é o método que pode dar conta de responder à questão desta pesquisa.

4.2 Estudo de caso: o método

O método adotado nesta pesquisa é o estudo de caso que, segundo Yin (2005), é justamente aquele que se dedica ao contexto da vida real, investigando fenômenos que ocorrem no momento de realização da pesquisa, entrelaçando as várias relações existentes entre as partes no contexto da pesquisa.

De acordo com Stake (1998), espera-se que o estudo de caso envolva a complexidade de um caso particular. Um caso é levado a estudo quando se tem um interesse especial em si mesmo, e em seu contexto de acontecimento. Logo, “o estudo de caso é um estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular, para chegar a compreender sua atividade em circunstâncias importantes” (STAKE, 1998, p. 11)⁷.

⁷ No original: “El estudio de casos es el estudio de la particularidad y de la complejidad de un caso singular, para llegar a comprender su actividad en circunstancias importantes” (STAKE, 1998, p. 11).

Gil (2009) destaca o uso de habilidades do pesquisador na realização de um estudo de caso, pois são necessários diferentes suportes para a obtenção de resultados interessantes, como é o caso da observação, entrevista e análise de documentos.

É importante também salientar que o estudo de caso não é uma investigação de diversas amostras. É um estudo que envolve uma investigação profunda, cujo objetivo principal é a análise de um caso específico, ou alguns poucos casos, para que, a partir do caso ou dos casos, se possa compreender outros, bem como seus desdobramentos.

Nesse sentido, para Stake (1998),

o verdadeiro objetivo do estudo de caso é a particularidade, não a generalização. Um caso particular é retirado para que se conheça melhor, e não para ver em como ele se diferencia do outro, mas para ver o que é, o que ele faz. Se destaca a singularidade, o que implica o conhecimento dos outros casos que se diferenciam, mas o objetivo principal é a compreensão deste último (STAKE, 1998, p. 20)⁸.

De acordo com Stake (1998), o estudo de caso pode se distinguir em três tipos: intrínseco, instrumental e coletivo, que são caracterizados de acordo com suas finalidades. No “estudo de caso intrínseco”, busca-se a compreensão de determinado caso apenas por ele mesmo, o interesse permanece em torno de um único caso. O estudo de caso do tipo “instrumental” poderá auxiliar na compreensão de um estudo mais amplo, utilizando-se de um caso único para se compreender o aspecto geral. Já no “estudo de caso coletivo”, o pesquisador dispõe de alguns casos para investigar um dado fenômeno geral.

O estudo de caso de uma determinada pesquisa pode estar focado em um caso particular, porém pode ser necessário que o pesquisador aborde um problema geral no qual seu caso esteja envolvido, porém seu interesse estará delimitado através dos objetivos de sua pesquisa. Logo, esta pesquisa se caracteriza pela compreensão da aposentadoria como um momento da vida no qual se busca aprender música. Assim, o tipo de estudo de caso adotado é o

⁸ No original: “El cometido real del estudio de caso es la particularización, no la generalización. Se toma un caso particular y se llega a conocerlo bien, y no principalmente para ver en qué se diferencia de los otros, sino para ver qué es, qué hace. Se destaca la unicidad, y esto implica el conocimiento de los otros casos de los que en cuestión se diferencia, pero la finalidad primera es la comprensión de este último” (STAKE, 1998, p. 20).

de caso intrínseco, pois a investigação trata de um caso particular (STAKE, 1998).

Portanto, o estudo de caso possibilita uma flexibilidade, que não deixa de ser rigorosa, para a inserção e compreensão do processo de ensino/aprendizagem de pessoas aposentadas, no contexto musical. Além disso, ele contribuirá para o entendimento das experiências musicais vividas e compartilhadas com/por essas pessoas aposentadas em espaços de ensino/aprendizagem, coletivo e/ou individual, enquanto “fenômenos sociais que ocorrem em seu contexto” (GIL, 2009, p. 16).

4.3 Coleta de dados: as entrevistas

Pensando o método de pesquisa como sendo o estudo de caso, segundo Yin (2005), de forma geral, as entrevistas são uma fonte primorosa para a coleta de dados, visto que, nesta pesquisa, pretende-se compreender a aposentadoria como um momento da vida em que aposentados destinam parte do seu tempo para a aprendizagem musical.

De acordo com Gil (2009), é difícil que se faça uma pesquisa que envolva estudo de caso sem que se utilize da entrevista como um procedimento de coleta de dados. Isso porque esse procedimento pode auxiliar na aquisição de informações a respeito do que as pessoas pertencentes àquele grupo pensam, sentem, procuram ou pretendem.

Por isso, a entrevista pode ser definida, segundo Haguette (1999), como

um processo de interação entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um “roteiro de entrevista” constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida (HAGUETTE, 1999, p. 86).

Adotou-se o tipo de “entrevistas guiadas”, segundo colocado por Gil (2009) - que são aquelas nas quais as informações são “especificadas previamente, mas o pesquisador define sua sequência e formulação no curso

da entrevista. Têm como principal vantagem a adequação da entrevista às características do entrevistado” (GIL, 2009, p. 64).

4.3.1 Participantes da pesquisa

Como mencionado, esta pesquisa tem como procedimento de coleta de dados a entrevista. As entrevistas foram importantes, porque permitiram conhecer aspectos que envolvem essas pessoas com a música, a relação que elas estabelecem com a atividade musical, suas atividades fora desse ambiente, o momento em que se aposentaram, as experiências musicais vivenciadas por elas, bem como os processos de ensino/aprendizagem nos contextos musicais em que vivenciam práticas musicais.

Segundo Gil (2009, p. 63), a entrevista, além de ser uma técnica de coleta de dados flexível, possibilita a obtenção de dados importantes e, “quando bem conduzida, possibilita o esclarecimento até mesmo de fatores inconscientes que determinam o comportamento humano” (GIL, 2009, p. 63).

Por conseguinte, foram realizadas, para esta pesquisa, nove entrevistas, com seis participantes diferentes. Ou seja, nas três primeiras entrevistas realizadas foi necessário o retorno para que novos questionamentos pudessem ser discutidos. Todos os entrevistados são aposentados que participam de alguma atividade musical na cidade de Uberlândia.

Dos participantes da pesquisa, as três primeiras são mulheres e participam de corais, porém duas delas também já estudaram um instrumento, após se aposentarem. Essas três pessoas eu já possuía certa aproximação e, ao falar sobre esta pesquisa, prontamente se dispuseram a ser entrevistadas.

O quarto e o quinto entrevistado, um homem e uma mulher, participam de um coral da Prefeitura Municipal de Uberlândia [CEAI] e também têm aulas de violão em grupo. Já a sexta e última entrevistada é uma mulher, que estuda teclado com uma professora particular.

4.3.2 Elaboração do roteiro de entrevista

O roteiro desta pesquisa foi amplamente discutido e revisado. Foram elaborados dois roteiros. O primeiro roteiro (APÊNDICE A) foi a base para as três primeiras entrevistas. Após a transcrição e a análise dessas três primeiras entrevistas, vi que a minha ansiedade na obtenção de respostas fizeram com que eu desse maior importância ao que queria perguntar, do que ao que as pessoas tinham para me dizer. Além disso, também percebi que o roteiro precisava de algumas mudanças.

Diante disso, fiz alguns ajustes no roteiro (APÊNDICE B) e realizei outra entrevista com cada uma das três primeiras entrevistadas. Posteriormente, foram entrevistados os demais participantes desta pesquisa.

Esses roteiros foram divididos em alguns subitens que orientaram a organização e elaboração das perguntas. Os temas são: dados de identificação; perguntas sobre o passado e o presente musical dos participantes, tais como: o estudo de música, referências familiares, hábitos musicais, participação no coral; aposentadoria; vivências musicais; experiências durante a aposentadoria com a música.

Stake (1998) afirma que o entrevistador necessita de um roteiro prévio bem detalhado, que o orientará no direcionamento dessa etapa de sua pesquisa. Apesar de se guiar por ele, o entrevistador precisa estar atento à necessidade individual de cada entrevistado e das possibilidades de fuga, no momento da entrevista, desse roteiro previamente pensado.

Ainda de acordo com Stake (1998),

raras vezes o estudo de caso qualitativo utiliza um roteiro com perguntas idênticas para todos os entrevistados, pelo contrário, se espera que cada entrevistado tenha tido experiências únicas, histórias especiais para contar. O entrevistador qualitativo tem que ter uma lista curta de perguntas orientadas dos temas [...] para se evitar respostas curtas com sim ou não, de conseguir a descrição de um episódio, uma relação, uma explicação (STAKE, 1998, p. 63-64)⁹.

⁹ No original: "Raras veces el estudio de casos cualitativo utiliza una encuesta con idénticas preguntas para todos los encuestados, por el contrario, se espera que cada entrevistado haya

Destaco que, com os ajustes mencionados, o roteiro utilizado foi o mesmo para todos os participantes, com pequenas adequações que eram feitas de acordo com a característica de cada entrevistado. Ele foi elaborado pensando nos objetivos desta pesquisa, que tem como intuito compreender de que forma a aposentadoria passa a ser a oportunidade de se buscar aprender música, e como essas experiências de aprendizagens são vividas e compartilhadas pelos aposentados em um espaço de aprendizagem individual e/ou coletiva, em que se consiste a prática coral e a aprendizagem de um instrumento musical.

4.3.3 Realizando as entrevistas

Para a realização das entrevistas, telefonei para os possíveis entrevistados e expliquei, de forma breve, o motivo do contato, os objetivos da pesquisa, e perguntei se estariam interessados em fazer parte desta investigação. Todas as pessoas contatadas responderam prontamente que sim, e se dispuseram a me receber em suas residências.

Ao chegar para as entrevistas, eu falava um pouquinho do meu projeto de pesquisa, pedia autorização para que eu pudesse gravar nossa conversa e dizia que a pessoa poderia ficar à vontade para responder ou não as perguntas. Começava solicitando que ela me dissesse seus dados pessoais e depois começávamos uma conversa na qual eu tinha como base o roteiro já elaborado.

Quando telefonei para a primeira entrevistada, Zilda¹⁰, falando sobre a entrevista, ela se prontificou rapidamente e disse que a entrevista poderia ser realizada em sua casa. Marcamos o dia e horário, e no dia combinado, eu estava lá. Zilda fazia parte de um coral que eu regia na cidade de Uberlândia e que naquele momento havia encerrado suas atividades¹¹.

tenido experiencias únicas, historias especiales que contar. El entrevistador cualitativo debe llegar con una lista corta de preguntas orientadas a los temas [...] Se trata sobre todo de evitar respuestas simples de sí o no, de conseguir la descripción de un episodio, una relación, una explicación" (STAKE, 1998, p. 63-64).

¹⁰ Os participantes desta pesquisa tiveram seus nomes alterados para preservar suas identidades.

¹¹ Alguns entrevistados já tinham participado do coral em uma instituição na qual eu era regente. Porém, a instituição findou as atividades do coral na mudança de sua mantenedora.

Essa entrevista foi muito reveladora, pois pude perceber como fazia sentido o que eu estava pesquisando e como as pessoas, na entrevista, são capazes de desvelar momentos e fatos que em outras circunstâncias passariam despercebidos. Outro fato importante que detectei foi como o passado vinha à tona naquele momento, quando a nossa conversa pendia para acontecimentos do passado. Essa entrevistada me deixou muito à vontade em sua residência e em nenhum momento demonstrou se preocupar com o fato de estarmos fazendo uma entrevista, ou de eu estar gravando.

Dessa forma, a conversa foi se desenvolvendo de forma tranquila e, segundo ela própria relatou, foi muito bom relembrar momentos que já haviam se passado e que, no seu dia a dia, ela acabava se esquecendo.

A segunda pessoa entrevistada foi Fabiana, que também cantava no coral que eu era regente. Ao contatá-la para falar sobre a entrevista, ela também sugeriu que eu fosse até sua casa. Chegando lá, ela me acolheu muito bem, conversamos um pouco sobre diversos assuntos e logo começamos a entrevista.

Um fato que percebi, no início da entrevista, ao fazer os questionamentos, foi que as lembranças entre a primeira entrevistada e a segunda, que são irmãs, eram muito diferentes quando perguntadas sobre o passado. Porém, continuei a entrevista sem relatar nada do que eu já havia conversado com sua irmã anteriormente.

A terceira entrevistada, Marilda, participava do mesmo coral que a primeira e a segunda. Da mesma forma que a primeira, contatei-a por telefone, porém ela ficou um pouco receosa em não conseguir “falar direito”, mas aceitou participar da pesquisa.

Antes da entrevista, ao chegar à sua casa, conversamos um pouco sobre outros assuntos e logo pedi que começássemos. Ela se mostrou um pouco tensa com a situação, perguntei se poderia gravar, ela autorizou. Eu disse a ela que ficasse tranquila, pois seria uma conversa e se tivesse algo que ela não gostasse de falar, que ela ficasse à vontade para não responder.

Assim começamos. Ela me disse que havia feito algumas anotações, antes da minha ida, e que se eu não me importasse ela gostaria de ler em algum momento. Eu disse que não teria problemas, que começaríamos pelas

minhas perguntas e depois se não tivesse tido a oportunidade de falar, a gente introduziria o que ela havia escrito no final.

A entrevista estava transcorrendo normalmente, porém, em um determinado momento, eu fiquei sem reação quando a entrevistada começou a chorar e não conseguia mais prosseguir com a entrevista. Esperei um tempo, até que ela se acalmasse novamente e depois recomeçamos, mas percebi que algumas questões não provocavam muito diálogo.

Tal fato ocorreu porque a entrevistada estava ainda um pouco abalada com o término do coral que eu era regente, e que por questões administrativas havia acabado. Outro fato que dificultou a conversa foi que, todo o tempo, ela voltava na questão da falta que aquele coral estava fazendo para ela. Por isso, diversas vezes eu tive que retomar o foco da conversa.

Quase chegando ao fim da entrevista, eu disse a ela que já estávamos terminando e que se ela quisesse complementar com algum relato que aquele era o momento. Assim, nesse momento, ela fez os comentários que estavam em suas anotações.

A quarta entrevistada, Vânia, foi uma pessoa que eu não conhecia, mas que prontamente se disponibilizou a participar da pesquisa. Foi uma entrevista muito interessante e a relação entre a entrevistada e eu foi de empatia.

O quinto entrevistado, Fernando, também me recebeu em sua residência, porém um pouco “ressabiado” com a conversa que eu disse que gostaria de ter com ele, a respeito do momento que ele está vivendo com a aposentadoria. Foi uma entrevista no início com respostas curtas e objetivas, porém com o transcorrer do tempo, ele foi abordando os temas com mais detalhes a partir dos assuntos que eram “lançados” na nossa conversa.

A sexta entrevistada, Ângela, também me recebeu com bastante atenção em sua casa. Porém, sua entrevista foi a mais curta de todas, e a entrevistada demonstrou certa resistência em conversar determinados assuntos, tais como o momento em que se aposentou.

No quadro abaixo organizo as entrevistas para melhor visualização dos participantes da pesquisa:

Quadro 1 – Dados dos participantes da pesquisa e das entrevistas.

	Participante	Dia da realização da entrevista	Duração da entrevista	Idade	Idade em que se aposentou	Profissão	Anos de aposentado(a)	Atividade musical realizada
1ª	Zilda	20/05/2013	50 minutos	72	67	Dona de casa	5 anos	Coral e teclado
	Zilda	25/11/2013	47 minutos	72	67	Dona de casa	5 anos	Coral e teclado
2ª	Fabiana	25/05/2013	52 minutos	68	62	Professora	6 anos	Coral
	Fabiana	19/11/2013	40 minutos	68	62	Professora	6 anos	Coral
3ª	Marilda	29/05/2013	45 minutos	57	48	Secretária	9 anos	Coral e violão
	Marilda	25/11/2013	35 minutos	57	48	Secretária	9 anos	Coral e violão
4ª	Vânia	12/12/2013	1h 25 minutos	70	60	Cozinheira	10 anos	Coral e violão
5ª	Fernando	17/12/2013	1h 20 minutos	73	65	Marceneiro	8 anos	Coral e violão
6ª	Ângela	19/12/2013	40 minutos	53	51	Bancária	1 ano e 5 meses	Teclado

Fonte: Quadro elaborado por mim para esta pesquisa.

O quadro acima traz uma exposição das entrevistas. Nele podemos clarear um pouco os dados dos entrevistados, seus nomes, data de realização das entrevistas, tempo de duração, idade dos aposentados no momento da entrevista, idade com se aposentaram, profissão que tinham, tempo de aposentado, bem como atividade musical realizada por eles.

Ao final de todas essas entrevistas, foi necessário que eu retornasse à residência das três primeiras entrevistadas para que alguns assuntos que passaram despercebidos fossem colocados em questão, principalmente porque meu roteiro precisou ser revisto. Acredito que esse novo encontro também foi importante por causa da insegurança, da ansiedade e da falta de habilidade da minha parte na realização das três primeiras entrevistas. Nas demais não foi necessário esse retorno para uma nova conversa.

4.3.4 Eu como entrevistadora

Durante e após a realização das entrevistas, fui analisando a minha atuação como pesquisadora/entrevistadora e percebi que com a prática fui aos

poucos conseguindo contornar as diferentes situações que vivi em cada entrevista.

As entrevistas tiveram uma duração aproximada de uma hora, sendo que, como já foi dito anteriormente, foi necessário retornar à casa de três das primeiras entrevistadas. Acho que a duração das entrevistas foi um período bom, pois percebi que o tempo não poderia se estender, visto que os entrevistados demonstravam cansaço depois de um tempo.

Quando comecei realizar as entrevistas, ficava um pouco tensa por pensar que aquele momento era muito importante para o meu trabalho. Isso fez, principalmente na primeira entrevista, preocupar-me mais com o cumprimento das perguntas do roteiro do que com aquilo que a pessoa dizia. Porém, todas as pessoas entrevistadas me deixaram à vontade para falar de qualquer assunto que estivesse relacionado com a pesquisa. Nenhuma delas, aparentemente, ficou contrariada ou constrangida em responder ou falar de algum assunto específico.

No decorrer da realização das entrevistas, fui observando como essa prática vai possibilitando uma nova postura em relação às pessoas com as quais estava interagindo, para coletar informações para meu trabalho.

Cada entrevista realizada fez com que novas indagações surgissem sobre mim enquanto entrevistadora, minha maneira de me posicionar, a dificuldade de conseguir certo distanciamento dessas pessoas, visto que várias delas eu já conhecia há um bom tempo. Um fato também importante era a necessidade de não comentar o conteúdo das outras entrevistas realizadas, porque são pessoas que se relacionam, já que várias vezes alguma entrevistada indagou sobre o que a amiga tinha falado em sua entrevista.

Por mais que eu saiba que seja difícil, enquanto pesquisadora, procurei não expor minha relação com essas pessoas e nem fazer alguma alusão à função de regente do coral em que elas participavam. Dessa forma, algumas vezes que pedi que me relatassem como eram os ensaios do coral, algumas disseram: “Mas você sabe como era”. Diante disso, eu pedia que mesmo assim elas tentassem dizer ou contar como era.

Por conta disso, em alguns momentos eu tive que mostrar que a minha função naquele momento era a de uma pessoa que não possuía nenhum tipo de informação prévia do que foi buscar: uma pessoa que estava

isenta de pré-conceitos, ou informações pré-concebidas. Isso para elas parecia difícil de entender. Tinha claro que o importante era o que elas viviam, o que elas achavam, o que elas pensavam sobre as atividades musicais em que participavam.

Acredito que o pesquisador deve ser uma pessoa que não está naquele momento simplesmente a fim de receber respostas que satisfaçam suas perguntas. O relacionamento que já tinha com essas pessoas não poderia “atrapalhar” o nosso envolvimento naquele momento. Eu teria que conseguir estratégias na entrevista que possibilitassem um diálogo profícuo.

Nesse sentido, a partir do pensamento de Portelli (2004, p. 10), penso que, nesse tipo de pesquisa, que envolve o contato com pessoas através da entrevista, o pesquisador “deve pôr à prova a capacidade de ouvir – de aceitação do outro sem, contudo, anular sua própria subjetividade”.

Com o decorrer das entrevistas, fui ficando mais segura com o que eu buscava e também conseguia contornar algumas situações com mais facilidade. Também passei a perceber melhor as informações que as pessoas traziam, o que me ajudou compreender como continuar aquele assunto sem deixar com que fatos importantes pudessem ser descartados.

Assim, pude perceber que o ato de entrevistar é um processo que deve ser trabalhado, para que a insegurança não seja capaz de “travar” tanto o entrevistado quanto o entrevistador. Dessa forma, creio que a entrevista foi um aprendizado que trouxe à tona histórias e descobertas que apenas as leituras não seriam capazes de desvendar.

4.3.5 O registro e a transcrição das entrevistas

O registro das entrevistas foi realizado com a utilização de um aparelho celular como suporte de gravação de áudio, porém, antes de iniciar, pedi autorização às pessoas que iriam participar para que aquele momento fosse gravado. Todas concordaram e assim foi feito. Em nenhum momento a gravação foi interrompida e também em nenhuma gravação tive problemas com o equipamento.

A gravação foi extremamente importante para o processo da transcrição, pois com ela não tinha como me esquecer de detalhes que foram

mencionados pelos entrevistados. Também foi importante para pensar sobre a minha performance como entrevistadora ao longo da coleta de dados. Pude perceber as minhas ações em cada uma das entrevistas, e, assim, traçar propostas para que determinados comportamentos meus, ou ansiedades, não interferissem mais no processo da entrevista. Assim, as transcrições foram feitas poucos dias após a realização de cada entrevista. Isso facilitou o processo de transcrição, pois ainda recordava vários instantes desse momento.

Sobre o processo de transcrição, é importante mencionar que essa passagem da gravação do áudio para o texto escrito “implica em escolhas e que em cada etapa algo fica de fora” (PORTELLI, 2004, p. 13). Por isso, é importante considerar

o fato de que o texto escrito é a representação de um falar cotidiano, corriqueiro, com elementos coloquiais e vernaculares diferentes dos cânones do texto histórico, literário, antropológico. Por um lado, estamos convictos de que, como acontece com todos os relatos [...] o modo como incorporam e filtram a experiência estão implícitos principalmente no uso da linguagem: transpor essa oralidade romana e coloquial para a neutralidade de uma escritura profissional seria praticar nada mais nada menos que uma falsificação. Essa história foi vivida, contada, revivida sempre através dessa linguagem: mudar a linguagem significaria recontar uma vivência profundamente diferente (PORTELLI, 2004, p. 14).

Nesse sentido, a transcrição se deu de forma literal, mas todas as falas dos participantes utilizadas na dissertação foram textualizadas. Essas transcrições foram organizadas em um caderno. A ordem das entrevistas nesse caderno foi adotada a partir da sequência em que foram realizadas. Posteriormente, foram inseridos os números de páginas.

4.4 Análise dos dados

4.4.1 Textualização dos dados

Após a realização das transcrições e da categorização do material empírico foi realizada a textualização dos trechos das entrevistas, que foram utilizadas neste trabalho. As transcrições foram textualizadas de forma que o leitor possa compreender os diálogos, sendo que procurei utilizar pontuações,

aspas, travessões e outros recursos da escrita, para se aproximar, da forma mais cuidadosa possível, da fala e da intenção do entrevistado.

Um ponto importante a se destacar na textualização é a forma “corriqueira” de se comunicar. Dessa forma, para que se tivesse maior compreensão do texto das entrevistas, algumas características, como vícios de linguagem, foram retiradas. Porém, cuidou-se para que a entrevista não perdesse o caráter que obtinha quando na fala dos entrevistados.

O processo de textualização, a partir de Portelli (2004), consiste na “prática da montagem, a construção de um discurso que é essencialmente a nossa interpretação do significado desses relatos, mas que passa sempre pelas palavras dos entrevistados selecionadas, retiradas do contexto e recontextualizadas” (PORTELLI, 2004, p. 13-14). Nesse sentido, portanto, é importante levar em conta que a fala das pessoas é “um autorretrato” e os entrevistados

não querem ser vistos como "ignorantes" e "analfabetos". Por isso, sem alterar, submeter a normas ou corrigir, toda vez que se apresentou a ocasião, optamos sempre por representar o discurso falado na forma mais aceitável para um texto escrito. Se uma transcrição normalizada falsifica a qualidade da experiência, uma transcrição que busque reproduzir servilmente o falar, em vez de representá-lo com inteligência, termina por praticar uma violação igualmente grave: transformar um belíssimo falar numa escrita ininteligível. Deve ficar claro que se os entrevistados [desta pesquisa] falam desse modo não é porque não saberiam expressar-se de forma "correta" no sentido convencional, mas porque esse modo é o modo *correto* para esse *tipo* de vivência (PORTELLI, 2004, p. 13-14) (grifos no original).

Assim, espera-se realizar de forma mais fidedigna o momento das entrevistas e conseguir transmitir ao leitor os sentimentos, as emoções que vieram à tona durante as entrevistas.

4.4.2 Categorização e análise dos dados

Após a transcrição das entrevistas e sua textualização, passou-se à etapa da análise dessas entrevistas. Essa etapa foi caracterizada pela imersão em um mundo vivido por outras pessoas.

A organização e a procura por dados mais específicos fizeram com que algumas falas importantes dos entrevistados não passassem despercebidas devido à sua grande importância.

Assim, a classificação foi realizada após uma leitura mais detalhada do material que tinha em mãos, tendo como ponto de partida o roteiro e os objetivos da pesquisa. Nessa classificação, outros assuntos foram surgindo, que não estavam no roteiro, porém alguns deles tiveram importância relevante no contexto final da análise.

Consequentemente, o material levantado a partir das entrevistas, aliado ao referencial teórico e às pesquisas já realizadas sobre essa temática, foram se entrelaçando para que vários apontamentos viessem à tona, delimitando um caminho a seguir de forma que os autores e suas obras pudessem clarear o processo da análise.

5 O TEMPO DA APOSENTADORIA

Este capítulo traz uma reflexão sobre o tempo, que se torna um elemento importante quando se trata da procura e aquisição de novas possibilidades de aprendizagem e conhecimento musical. É um momento que se divide no antes e depois da aposentadoria e que vincula o passado ao presente. É quando o aposentado pensa na possibilidade de administração do tempo para reavaliar seus desejos e perspectivas diante de novas possibilidades, perante a eminência ou vivência de outro/novo tempo.

Aqui, o tempo é tanto biológico quanto social. O tempo passa a ser um marco na vida das pessoas, porque socialmente delimita aquele momento de ruptura com um mundo de significados relacionados ao trabalho, da mesma forma que o amplia. Esse tempo que também é físico possibilita às pessoas a busca por momentos que não foram possíveis no tempo do trabalho.

5.1 Tempo antes da aposentadoria

No bojo das muitas questões levantadas tanto pela revisão bibliográfica, quanto pelo referencial teórico apresentado e discutido neste trabalho, ao se questionar a aposentadoria como momento propiciador para a aquisição de novas habilidades, uma questão passou a permear minhas inquietações: “Por que não estudar música antes da aposentadoria?”.

Dessa forma, ao adentrar ao campo para realização das entrevistas, pude perceber que o tempo dos participantes desta pesquisa, antes da aposentadoria, era um tempo, em quase sua totalidade, destinado ao trabalho, à família, bem como à realização de atividades que envolviam algum tipo de remuneração.

Os entrevistados relataram que seu tempo, antes da aposentadoria, estava envolvido com questões que permeavam a rotina diária de suas vidas. Oportunidades que surgiram após a aposentadoria são aproveitadas por eles para a realização de outras atividades que antes não tinham lugar em suas vidas.

A primeira entrevistada, Zilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p.13), foi uma pessoa que não passou pelo processo do trabalho fora de casa, mas é

considerada aposentada, já que quando ficou viúva, aposentou-se com pensão por morte. Por ter dedicado sua vida à família, à casa e mais tarde à doença do marido, Zilda não pôde priorizar as atividades as quais ela participa hoje, especialmente por conta dessas obrigações diárias, “com a casa, os filhos e o marido”. Após a morte do marido, ela afirma que sua vida perdera o sentido, pois o que ela “sabia fazer” agora não tinha mais sentido.

De acordo com Motta (2004)

a figura da viúva deixa essa representação "perdida" para os grupos e para a própria pessoa. Afetividades inesperadas, solidariedades e até conflitos, novos, geracionais e de gênero, são desencadeados, enquanto o grupo não redesenha as novas ligações e circuitos relacionais (MOTTA, 2004, p.133).

Por isso, a pessoa que passa por essa situação se vê “obrigada” a buscar novas formas de se agrupar para que laços desfeitos com a viuvez possam ser refeitos. E, assim, procura-se, ““aliviar” o luto das viúvas e, portanto, facultar a que elas sintam-se literalmente mais leves, e livres” (MOTTA, 2004, p. 137).

Zilda (Entrevista, 20 de maio, 2013, p. 3) afirma que, durante sua vida, teve oportunidade de estudar música em uma escola de música, quando ainda não havia se aposentado, porém, como teria que dedicar um tempo maior às disciplinas obrigatórias, ela não conseguiria equilibrar as tarefas domésticas com o estudo nessa escola. Segundo ela, também “já era casada, já tinha os filhos que estavam começando a trabalhar. A situação era outra, era bem mais difícil”.

Porém, nesse caso, atividades que pudessem ser desenvolvidas dentro de casa, que não ocasionassem sua ausência do ambiente familiar, eram realizadas como forma de lazer e de ocupação do tempo em que estivesse ociosa. Ela diz que “fazia bordados, mexia com artesanato, mas nada que tivesse que sair e ficar tanto tempo fora” (Zilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p.11).

Já os outros entrevistados são pessoas que se aposentaram por “tempo de serviço”. Eles relatam que com as obrigações do trabalho, o tempo também era o maior empecilho para que atividades fora do convívio familiar e do trabalho pudessem ser realizadas. Fabiana conta:

Eu era muito responsável. Então, às vezes eu trabalhava manhã e tarde, manhã e noite pra eu dar conta do serviço. Eu era preocupada com que tudo saísse a tempo e a hora, então, muitas vezes, eu trabalhava além do que precisava, e eu não tinha disponibilidade para me dedicar a outras atividades (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 28).

Para Fabiana (Entrevista, 25 de maio, 2013, p. 20), nenhuma das atividades que atualmente lhe trazem maior prazer e dedicação poderia fazer parte de suas atividades regulares antes da aposentadoria, já que não teria como se dedicar a elas: nem ao Hospital do Câncer e nem ao coral, devido os compromissos com apresentações e horários.

Outra entrevistada também relata como era difícil se dedicar a diferentes atividades, já que seu tempo era destinado ao trabalho. Sobre isso, ela destaca que: “trabalhava o dia todo, saía cedo e só voltava à noite. Trabalhava em um lugar fechado, e não sabia nem como estava o tempo lá fora, se chovia, se fazia sol. Quando saía era muito tarde, à noite, e já estava escuro” (Marilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 48).

Vânia (Entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 57) também mostra que a falta de tempo era sua maior dificuldade para que pudesse se dedicar a atividades que tinha desejo, porque, segundo ela, quando trabalhava, não tinha tempo para fazer essas atividades que hoje ela faz: “antes só trabalhava e fazia as coisas de casa”.

Porém, alguns dos entrevistados relatam que, apesar da falta de tempo, se dedicavam a alguma outra atividade que não apenas ao trabalho. Eram atividades que poderiam ser realizadas com uma dedicação menor que atualmente. Eram atividades extracasa, como é o caso de Fabiana, que se dedicava ao grupo de mães da igreja, trabalhava como voluntária na AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente). Contudo, diz que era um “tempo pequeno”, já que não podia se dedicar muito, por causa do trabalho.

Os entrevistados relatam que sempre tiveram vontade de, ou mesmo tentaram, equilibrar as atividades domésticas, o trabalho e alguma atividade que lhes trouxessem prazer. De acordo com Fabiana, ela até tentou conciliar trabalho e aprendizagem musical, porém o tempo foi o maior impedimento. Por isso, ela afirma que, além de nunca ter tido oportunidade, também eles não tinham condições financeiras. Ela complementa: “Logo que comecei a trabalhar

fui ao Conservatório... porque eu queria estudar piano, mas aí não tinha tempo. Pensei que: ‘Agora eu ganhei um violão, e vou começar a aprender pra ter o prazer de tocar e cantar com minhas amigas’” (Fabiana, entrevista, 25 de maio, 2013, p. 25).

De acordo com Marilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 48), uma atividade que se constituiu em uma tentativa de preenchimento do seu tempo se deu a partir do estudo da música, porém, ela também não conseguiu continuar seus estudos, porque considera que essa atividade precisava de dedicação. Não tinha muito tempo e por isso parou de estudar, mas também menciona que pensava que um dia, quando se aposentasse, “voltaria a estudar música”.

De acordo com Vânia, para as mulheres se torna mais difícil administrar o tempo com atividades realizadas fora do ambiente de trabalho, por conta dos afazeres domésticos. Isso

porque não dava tempo. Até que chegava, tinha que fazer as coisas de casa, aí ficava muito cansada, e logo que terminava as coisas que tinha que fazer aqui eu ia descansar e dormia muito cedo porque acordava cedo também (Vânia, entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 56).

Essa entrevistada acha que poderia ter desenvolvido mais habilidades no violão, porém continua dizendo que não conseguiria estudar música enquanto estivesse trabalhando, porque

aquela vida era corrida: levantava muito cedo, tinha as crianças, então não iria conseguir estudar naquela época não. Hoje fico só por conta disso, dou uma arrumadinha na casa, mas acabou. Fico por conta da música (Vânia, entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 60).

Para os homens, apesar de as atividades domésticas não serem colocadas por eles como prioridades, o trabalho consumia muito tempo, ou até todo o tempo que poderia ser reservado para as atividades de lazer. De acordo com Fernando (Entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 64), ele também, quando “tinha serviço”, todo o seu tempo era dedicado ao trabalho. Ele relata que, dependendo do serviço que tinha que fazer, não tinha nem final de semana. Trabalhava direto para conseguir entregar o serviço.

Tal como está exposto pelos participantes desta pesquisa, apesar dos entrevistados serem cinco mulheres e um homem, Peixoto (2004) chama a atenção para uma distinção de perfis quando se trata da aposentadoria entre homens e mulheres. De acordo com ela,

as etapas mais avançadas da vida proporcionariam às mulheres uma crescente liberação dos afazeres e cuidados domésticos e, concomitantemente, maior disponibilidade para a vida pública; ao passo que para os homens, em contraste, a aposentadoria marcaria o rompimento com o mundo do trabalho, meio privilegiado para a afirmação de seu esforço pessoal e espaço preferencial ou exclusivo de sua sociabilidade pública, o que os levaria a seu recolhimento doméstico. Essa caracterização sombria do envelhecimento masculino tende a ser mais destacada quando se refere à vivência de homens das classes trabalhadoras, que se supõe marcadas por sentimentos de desvalorização, inutilidade e impotência decorrentes da perda do trabalho, os quais conduzem a uma atitude de desengajamento (PEIXOTO, 2004, p. 52).

Assim, nessa dicotomia entre mulheres e homens aposentados, percebe-se uma maior facilidade na inclusão das mulheres em ambientes coletivos de aprendizagem. Mas também a procura por uma aprendizagem mais individualizada se torna mais facultativa entre os homens, talvez pela idealização do trabalho como única forma produtiva do ser humano.

Porém, observa-se que em ambos os casos, tanto para homens ou mulheres, a falta de tempo dificulta a realização de atividades fora do ambiente de trabalho e que, apesar de estarem “presos à falta de tempo”, essas pessoas não perderam a vontade e a necessidade de um dia se dedicarem àquilo que elas, realmente, gostariam de fazer.

De acordo com Pronovost (2011), as pessoas tinham a possibilidade de ter momentos prazerosos fora do ambiente de trabalho, ainda enquanto não estavam aposentados, porém esses momentos de lazer nem sempre eram dedicados às atividades que viessem ao encontro de suas próprias idealizações.

Marcellino (1987) também ressalta sobre esse papel do trabalho na vida das pessoas. Ele afirma que “o caráter social requerido pelo trabalho, confina e adia o prazer para depois do expediente, fins de semana, períodos de

férias ou, mais drasticamente, para a aposentadoria” (MARCELLINO, 1987, p. 28).

Pronovost (2011) ainda destaca que o lazer, visto como é na aposentadoria, não é umas das prioridades dos indivíduos quando ainda trabalham. Nessa perspectiva,

o lazer aparece claramente como um domínio secundário da vida humana. Na hierarquia usual dos valores, predominam a família, o trabalho e a educação. Concluimos [...] sobre o assunto que a maioria da população não faz do lazer um valor central (PRONOVOST, 2011, p. 31).

Percebe-se, assim, que o momento da aposentadoria contribui para que as pessoas que tinham algum tempo de lazer continuassem se dedicando às atividades que já realizavam, muitas vezes juntamente com a família, mas que agora passa também a ter um tempo destinado à busca por atividades que contemplem seus anseios pessoais.

5.2 Tempo como oportunidade de realização de outras atividades

Como já discutido, antes da aposentadoria, a falta de tempo era o principal fator que dificultava os entrevistados a participarem de atividades realizadas extracasa e extratrabalho. Porém, após a aposentadoria, esse mesmo fator passa a ser o grande propiciador da procura por novas atividades que ocupem o tempo que antes era preenchido pelo trabalho e pelas atividades domésticas. Dessa forma, as atividades que antes da aposentadoria eram sonhadas, ou mesmo planejadas, passam a ser realizadas com dedicação.

Os entrevistados relatam que a descoberta dessas “novas atividades” vem ao encontro de uma busca pessoal por novos objetivos, por novos desafios que tais atividades poderiam proporcionar. De acordo com Zilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 13), a participação no coral foi proposta por sua irmã em um momento que ela estava disponível e poderia se dedicar totalmente.

De acordo com essa entrevistada, esse tempo, que é o tempo da aposentadoria, propicia a participação e possibilidade da aprendizagem que ela tem hoje no coral.

Essa possibilidade também está ancorada nas várias discussões sobre o conhecimento e a formação musical que se dá nas várias etapas da vida, desde a infância até a velhice, em que a aprendizagem tornou-se uma possibilidade de engajamento social.

Pronovost (2011) acrescenta que devemos nos atentar para uma sociedade mais educativa, que é aquela que:

vê generalizar-se finalidades educativas no conjunto das instituições e em todas as idades da vida: não se para mais de aprender; há momentos reguladores de vai e vem entre o trabalho e a escola [...] é necessário que se assegure uma formação permanente e contínua (PRONOVOST, 2011, p. 120).

De acordo com Zilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 14), essa disponibilidade para a aprendizagem se caracteriza pelo fato de não possuir as obrigações diárias que antes ocupavam seu tempo. Isso a possibilita se dedicar totalmente às atividades que ela escolhe e almeja para preencher seu tempo disponível. Essa sua disponibilidade de tempo depois da aposentadoria se deu,

porque já não tinha aquele compromisso com a casa, com o marido. Não tinha aquelas obrigações que antes eu tinha, principalmente, no fim que ele estava muito doente. E se eu tivesse entrado no coral ainda quando ele estava bom, eu não teria a disponibilidade que eu tenho hoje, eu não poderia me dedicar tanto como é necessário. Se eu quiser eu posso viver em função da música. Depois que eu vim morar sozinha ficou melhor ainda, porque eu não devo satisfação. Mas, fisicamente, eu não consigo muito, porque com o problema do coração, ficou um pouco mais difícil, e eu não posso exagerar (Zilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 14).

Segundo outra entrevistada, Fabiana (Entrevista, 25 de maio, 2013, p. 20), o tempo tido agora, como oportunidade, pôde proporcionar a ela a participação em uma atividade que há muito tempo era planejada, mas que ainda não tinha conseguido realizar. Antes de se aposentar, só conseguia realizar uma atividade voluntária e também gostava de ler, de ver filmes, de bordar, de lidar com as plantas.

Outros entrevistados também contam como o momento da aposentadoria propiciou a inserção em um mundo que eles não podiam usufruir antes, sendo que essa participação é bastante satisfatória e prazerosa para

essas pessoas. Vânia (Entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 56) relata que, após se aposentar, pôde fazer “coisas que sempre” teve “vontade de aprender”, como: aprender violão, participar do coral, costurar, pintar.

Fernando (Entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 67) também afirma que as atividades musicais realizadas hoje por ele são bem diferentes dos momentos vividos antes da aposentadoria. Atualmente, ele participa de aulas de hidroginástica, violão, coral, vai ao psicólogo e também faz aulas de computação.

Percebe-se, a partir desses relatos, como a vida dessas pessoas mudou, e como o tempo, enquanto momento propiciador para a aquisição de novas habilidades, é valorizado por elas. De acordo com Zilda, a participação nessas atividades,

só me fizeram bem e me ajudou a superar o que eu estava passando e me sustenta todos os dias. E eu acho que vai ser para o resto da vida. E eu digo mais: isso foi mais com o coral do que com o teclado porque durante seis meses nós ficamos sem o coral, porque não tínhamos local para ensaiar, e eu continuava com as aulas de instrumento, e não era a mesma coisa (Zilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p.18).

Uma das entrevistadas, Ângela, relata como essa disponibilidade de tempo a ajudou até com atividades corriqueiras que antes ela não tinha a oportunidade de realizar, como, por exemplo, estar com a sua família: “tem até a oportunidade de aprender”. Assim, a aposentadoria fez com que agora ela tenha, inclusive,

prazer em fazer as coisas de casa. Não é uma obrigação. Eu realmente sinto prazer em fazer as coisas em casa, coisas que há 30 anos eu não tinha condições de fazer por falta de tempo. Então, por exemplo, eu não sou muito boa na cozinha, mas como eu tenho prazer em fazer eu vou melhorando a cada dia, eu vou me aperfeiçoando (Ângela, entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 74).

De acordo com essa entrevistada, enquanto ainda trabalhava, não seria possível realizar uma nova aprendizagem, pois tanto fisicamente quanto psicologicamente, ela não estaria preparada para essa nova atividade. Isso ocorria

também por causa do cansaço. Mentalmente eu não tinha condição. Eu acho que não teria o mesmo resultado. Porque antes eu não tinha tempo, eu não teria a mesma disponibilidade pra estudar e me dedicar como eu tenho agora. Hoje a música tem mais valor do que teria se eu tivesse estudado quando ainda eu trabalhava. Hoje eu me dedico muito mais (Ângela, entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 74).

A pré-disposição para participar dessas novas atividades, em se dedicar a algo de sua própria escolha, faz com que essas pessoas se disponham a experienciar novas aprendizagens, a viver novos desafios e faz também com que preencham seu tempo com momentos de lazer.

A música me ajudou muito. É um momento que eu tenho de lazer. Está me ajudando na questão da memória, me ajuda em pensar que eu estou ativa, estou aprendendo alguma coisa e que eu ainda consigo aprender. A aula é um momento em que eu me sinto feliz, então, a música tem contribuído de muitas formas, me dando paz, tranquilidade. É muito importante eu poder sentar, em algum momento do dia, e poder tocar uma música que eu queira, que eu tenha escolhido (Ângela, entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 77).

Além de todos os aspectos envolvidos referentes ao tempo quando se aposentam, as pessoas passam a buscar as atividades que lhes dão prazer. Passam também ter maior disponibilidade e, com isso, mais oportunidades de lazer e de conseguirem se dedicar a novas aprendizagens. E se tratando das aprendizagens musicais, é reconhecível seu papel e potencial na vida das pessoas¹².

Nesse sentido, Kaplan (1911) destaca a educação nas artes como tendo um “papel” importante juntamente com a educação, no momento em que ela pode ajudar no crescimento pessoal dos envolvidos. De acordo com ele, nas artes

as funções sociais ou pessoais vão sendo atendidas; para muitas pessoas idosas, a participação ativa [em atividades artísticas] na maior parte do tempo de aposentadoria os tem

¹² A literatura nas áreas da música, da educação musical, da psicologia, da sociologia, da musicoterapia, cada uma no seu campo de conhecimento, justificam e argumentam a importância e as potencialidades da presença da música na vida das pessoas.

levado para atividades nas quais estão confortáveis, que levam um pouco de frescor no aprendizado (KAPLAN, 1911, p. 165)¹³.

Percebe-se, assim, que a aprendizagem musical possibilita que as pessoas vivenciem, além do conhecimento, momentos de satisfação e prazer. Também é importante mencionar que é um conhecimento provido de prazer quando vivido por esses aposentados.

5.3 A aposentadoria como um tempo de viver novas/outras aprendizagens

Sabe-se que o momento da aposentadoria marca um importante período da vida das pessoas, independente da realidade vivida por cada indivíduo. Na sociedade atual, esse período pode ser interpretado como uma fase na qual a pessoa passará a contar com certa inatividade, devido à sua exclusão do ambiente produtivo e competitivo, no qual a sociedade se mantém.

Tal fato pode ser visto em diferentes contextos socioeconômicos, bem como em diversos momentos e ocasiões em que a aposentadoria acontece para cada pessoa. Ao entrevistar diferentes indivíduos, cada qual com sua história de vida, percebe-se que as histórias são únicas, porém o sentimento e o processo pelo qual essas pessoas passaram se aproximam do momento em que a aposentadoria as “afasta de sua produtividade”.

Apesar de ser visto pela sociedade como um “momento improdutivo”, já que a produção está associada à perspectiva do trabalho, o período da aposentadoria é bastante almejado e esperado pelas pessoas que, por muitos anos, exerceram determinada atividade.

Nas entrevistas realizadas fica evidente como o “dia da aposentadoria” se tornou um marco na vida dessas pessoas, e como esse momento é aguardado como sendo um fator gerador da busca por novos caminhos e conhecimentos.

Como mencionado, para algumas pessoas esse processo se deu de forma tranquila. Fabiana, que trabalhava em uma escola quando se aposentou, diz que contava cada dia e que “estava louca” para se aposentar, “queria que

¹³ No original: “For the arts, social or personal functions have been served; for many older persons, active participation in the bulk time of retirement has taken them toward activities in which they are comfortable, that take little fresh learning” (KAPLAN, 1911, p. 165).

acontecesse logo para poder sair da escola” (Fabiana, entrevista, 25 de maio, 2013, p. 20).

Em outro trecho de sua entrevista, ela relata seus sentimentos perante aquele momento e diz que se lembra de que “estava muito eufórica nos dias antes”, que ficou “quase três meses naquela expectativa de se aposentar” e, quando se aposentou, ficou “parece que flutuando, de tanta alegria” (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 30).

Outra entrevistada relata a mesma expectativa, quando diz que:

já tinha vontade de me aposentar, já pedia à Deus pra que eu conseguisse aposentar, pra que eu conseguisse deixar de ter aquela obrigação, de ter aquela atividade fora de casa. Eu já queria fazer outras coisas na minha vida, porque desde muito cedo eu comecei a trabalhar, então eu já estava muito cansada (Marilda, entrevista, 29 de maio, 2013, p. 38).

Assim, apesar de ser um momento sonhado e almejado por essas pessoas, é importante que haja algum tipo de preparação para essa fase, para que a aposentadoria seja encarada de forma natural, como sendo apenas mais um processo pelo qual a pessoa passará em sua vida.

Quando se trata do planejamento para o período da aposentadoria, pude perceber nas entrevistas que houve, dentre os entrevistados, uma preparação que antecedeu a aposentadoria. Marilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 48) diz que se preparou “fazendo planos para o futuro”, como o de reformar sua casa, cuidar de si mesma, dar mais atenção à sua mãe. Já para Ângela (Entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 72), a preparação aconteceu quando se deparou com a eminência da possibilidade de uma nova aprendizagem, porque já havia feito planos de que quando se aposentasse, ela começaria a “estudar o teclado”.

No contexto dessas mudanças, Kaplan (1911) considera que as artes podem ter papel significativo, tanto para fatores sociais como pessoais, para que indivíduos aposentados possam continuar tendo uma participação ativa nesse momento da vida. Nesse sentido, o autor ainda afirma que:

A educação nas artes oferece oportunidades para absorver e utilizar os degraus do envelhecimento para caminhos novos, que são em grande parte inexplorados. Mesmo no sentido

tradicional de educação, muitos idosos freqüentam aulas de artes em centros comunitários, escolas e universidades (KAPLAN, 1911, p. 165)¹⁴.

Ângela comenta que esses planos também eram para que o tempo livre pudesse ser preenchido depois que ela se aposentasse. Sobre isso, ela fez o seguinte relato:

Uns dois anos antes a gente [Ângela e sua professora de teclado] já vinha conversando sobre isso, e ela sempre me encorajava, mas eu tinha medo de não conseguir aprender por causa da idade, de ter muita dificuldade, mas ela sempre me animava. E ela sempre me falava: “_E aí vamos começar as aulas?”. E eu falava pra gente esperar que quando eu me aposentasse e tivesse mais tempo, eu iria começar as aulas. E foi assim mesmo que aconteceu: em julho eu aposentei e em setembro comecei as aulas (Ângela, entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 76).

Outra entrevistada diz que, apesar de já utilizar seu tempo antes da aposentadoria com outras atividades para preencher seu tempo, tais atividades não eram musicais. Por isso, ela menciona que a opção em dedicar seu tempo às atividades musicais deu outro sentido para seu lazer. De acordo com Fabiana,

já tinham os outros lugares que eu já ajudava, que era a AACD, o Hospital das Clínicas e o grupo de mães, que eram coisas que eu fazia num tempo menor. Aí eu ia me controlando. Agora o Hospital do Câncer eu fico quatro horas lá e a minha semana todinha porque eu bordo e faço as coisas pra lá. E a música veio mais pra alegrar meu coração. Eu falo que o coral é uma coisa minha (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 28).

Como visto, é importante destacar também que não é só com a música que essas pessoas procuram se envolver após a aposentadoria. Algumas entrevistadas também decidiram participar de atividades que possibilitam o envolvimento delas com outras áreas, tais como: o artesanato, a pintura, o esporte, dentre outros.

¹⁴ No original: “Education in the arts offers opportunity for absorbing and using the backgrounds of the elderly in innovative ways that are largely unexplored. Even in the traditional sense of education, many older persons are attending classes in the arts in community centers, high schools, and universities” (KAPLAN, 1911, p. 165).

Assim, embora o momento da aposentadoria seja um marco propiciador para que essas pessoas busquem atividades que venham ao encontro de suas próprias vontades, esse processo, quando não preenchido de forma produtiva, ou seja, com atividades que não lhes proporcionem prazer, pode dar brechas para a manifestação de um sentimento de incapacidade, falta de confiança em si mesmo.

Percebe-se, em alguns entrevistados, o surgimento da “sensação de inutilidade” perante a aposentadoria, como já mencionado na literatura consultada. De acordo com Zilda, que é aposentada como pensionista devido à morte de seu marido, sua vida mudou completamente quando ficou viúva :

eu me senti inútil, assim mais nada. Pelo fato de ter dedicado toda minha vida aos outros. Dediquei ao meu marido, e agora não tinha ele mais, os filhos já estavam todos casados e tinham suas vidas. Aí eu me sentia muito inútil, vazia, uma tristeza profunda. Pra mim se eu morresse não faria diferença nenhuma, mas eu nunca tentei o suicídio, claro que não, mas se eu morresse acho que Deus estaria me fazendo um grande favor (Zilda, entrevista, 20 de maio, 2013, p. 5).

A partir dessa fala, percebe-se que a condição da viuvez muito se aproxima da condição do aposentado. De acordo com Peixoto (2004), a viuvez é uma situação “instantaneamente modificadora da vida das pessoas. Representa uma súbita quebra do equilíbrio, real ou suposto, nas relações familiares”, e, assim, faz-se necessário “a urgência do estabelecimento de novos arranjos no grupo” (PEIXOTO, 2004, p. 132).

Dessa forma, a viuvez, assim como a aposentadoria, são condições sociais muitas vezes não planejadas, que passam a ser um canal propiciador para que novos agrupamentos se formem, possibilitando que as pessoas tomem atitudes mais livres e socialmente reconstruídas.

Já para outra entrevistada, o peso carregado por esse processo de se aposentar só foi sentido depois de passado um ano a um ano e meio. Aí, ela já começou

a sentir diferença. Já não tinha mais aquela emoção, aquele sentimento bom, né, aquele sentimento de não fazer nada. Aí eu comecei já a sentir outras coisas, até um pouquinho de depressão. Aí foi que eu pensei que eu não poderia ficar sem fazer nada. Eu já estava sentindo falta de alguma coisa, eu sentia falta até de trabalhar (Marilda, entrevista, 29 de maio, 2013, p. 37).

Nesse momento, a vida foi mostrando a ela que era necessário algo a mais. Isso porque

a vida estava se tornando sem graça, sem sentido. Aí eu pensei: “_Eu preciso procurar alguma coisa pra fazer, alguma coisa que eu goste”. Aí eu pensei: “_Eu gosto de música, eu gosto de cantar”. Aí eu resolvi procurar fazer um curso de teclado, violão e assim, eu fiz (Marilda, entrevista, 29 de maio, 2013, p. 37).

Portanto, pode-se perceber que alguns pensavam que a aposentaria possibilitaria a realização de desejos que não foram possíveis por causa do pouco tempo em virtude do trabalho, porém, outros pensavam a aposentadoria como sendo o momento do descanso.

Se alguns acharam bom ter um tempo ocioso após se aposentarem, Vânia relata o quanto a aposentadoria foi ruim desde o início. Isso porque a falta do vínculo com a empresa em que já trabalhava e os relacionamentos mantidos com os colegas no seu ambiente de trabalho fizeram muita falta. Ela relembrou que esse momento:

foi ruim, foi muito ruim. No começo eu sentia muita falta, sentia falta do horário, até hoje eu às vezes, levanto de madrugada porque já estava acostumada. Eu senti muita falta da turma. Tinha dias que eu chorava muito, eu sentia falta das meninas que trabalhavam comigo. Lá todo mundo se conhecia. Tinha aquela turminha que vivia junto (Vânia, entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 56).

No entanto, no momento da aposentadoria foram experimentados sentimentos de frustração por outros motivos. De acordo com Fernando:

eu estava contrariado porque aquele sonho da aposentadoria não aconteceu comigo [o sonho de se aposentar com boas condições financeiras], porque eu achava que eu iria ficar bem financeiramente depois que eu aposentasse. Depois porque quando eu estava em casa ou eu assistia televisão, ou brigava com a esposa (Fernando, entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 65).

A partir desses relatos, pode-se perceber que essa fase, pela qual todos passaram, é marcada por oportunidades e também por inseguranças e incertezas. É um momento no qual suas vidas deixam de ser “comandadas”

pelo trabalho. As pessoas têm a oportunidade de usufruir de seus direitos e sonhos, que antes não eram vivenciados devido à falta de tempo.

Diante do exposto, salienta-se que a aposentadoria é marcada pela mudança de hábitos, pela diminuição do convívio social, bem como do círculo de amizades, que era mantido através do trabalho. Assim, passa-se a ter um convívio mais próximo dos familiares, uma oportunidade de busca por novos conhecimentos, bem como por atividades que lhes propiciem prazer e uma reinvenção do cotidiano vivido. No entanto, faz-se necessário que esse indivíduo redescubra novos prazeres, novas ocupações, atividades que lhes ofereçam o bem-estar que antes era proporcionado pelo trabalho.

Esse período da aposentadoria, passado o “estranhismo” que o primeiro momento carrega, proporciona a essas pessoas a oportunidade para novas descobertas e mudanças. Nas entrevistas é possível identificar que o relacionamento com os familiares mudou e que atividades que eles não tinham a oportunidade de participar tornaram-se possíveis. Além disso, as novas descobertas advindas do envolvimento dessas pessoas com outras atividades, ou outros grupos, permitiram um melhor aproveitamento da vida, do tempo ocioso. Essas mudanças, de acordo com Fabiana, foram sentidas até por sua família:

Pra eles foi ótimo porque eu estava sempre naquela correria pro almoço, não tinha horário, era sempre correndo. Então, desde quando eu me aposentei eu tenho muito mais tempo pra cuidar da casa, pra fazer as coisas que eu gosto. Por causa do tempo, também por questões financeiras, porque eu sempre fui muito de assumir as coisas, então, eu não tinha condições mesmo. Agora a vida está mais tranquila, os meus filhos já estão encaminhados, eu não tenho que me preocupar com eles (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 31).

Pelo exposto anteriormente, essas pessoas passaram a se dedicar mais a elas mesmas, a realizarem atividades que estivessem de acordo com seus anseios. No caso de Fabiana, ela gosta “de ler, de ficar curtindo uma preguiça, ouvir uma música, sem a obrigação de ter que fazer nada” (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 31). Contudo, diz que agora tanto faz se tem “serviço em casa ou não”, ela tira o seu tempo para fazer o que gosta, tanto de manhã quanto à tarde (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 31).

Então, as pessoas aposentadas que buscam outras atividades para preenchimento do tempo, que agora está livre, querem algo que lhes tragam prazer, independente da família. De acordo com Vânia, essas atividades que ela busca são para seu próprio prazer e não dependem de ninguém para serem realizadas .

Eu vou porque eu gosto, porque me faz bem. Eu acho bom ficar junto da turma. Às vezes quando termina a aula a gente se junta num cantinho e vai tocar e cantar só alguns colegas, é muito bom (Vânia, entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 58).

Essas atividades que circundam o momento da aposentadoria passam pela ideia de que aprender algo que seja significativo é importante. Nesse sentido, Fernando diz que estudar um instrumento musical era

porque queria voltar a aprender, depois porque parece que ficar parado em casa não é tão gratificante. E eu fui lá pra aprender um pouco mais, aquilo me completou, me deixa muito feliz em passar meu tempo lá [CEAI] fazendo aquelas atividades (Fernando, entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 67).

Também se pensa que a aposentadoria se torna um momento de mudança na vida, nos hábitos, nas relações sociais e, principalmente, na aquisição de novas habilidades. Dentre as potencialidades da aposentadoria na vida das pessoas, Ângela diz que:

precisava aposentar pra descansar, pra fazer outras coisas, porque enquanto estava ali [no trabalho], apesar de amar meu trabalho e as pessoas com quem eu trabalhava, já estava estressada. Eu acho que com a idade, com o fato de fazer a mesma coisa durante trinta anos, eu estava estressada com aquele ambiente, aquela rotina. Eu precisava, realmente, sair pra mudar, que fosse ficar em casa com a família, ter mais tempo pra casa, para os meus filhos, poder me dedicar mais à igreja, e também abrir espaço para novos aprendizados, viver um pouco mais. Porque eu vejo que existem colegas que aposentavam pra fazerem outras coisas remuneradas, e eu não tive essa intenção. Eu não havia pensado nisso antes de aposentar e ainda não penso em ter uma atividade que me gere remuneração (Ângela, entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 73).

Assim, o período da aposentadoria é caracterizado por se tratar de um momento de mudanças, as quais podem possibilitar inúmeras outras experiências aos indivíduos envolvidos nesse processo. Também é um momento para a aquisição de novas habilidades quando se parte para a busca

de novos conhecimentos, bem como para a reestruturação de identidade de cada indivíduo. Esse processo não pode ser marcado pelo fim das atividades, mas sim pelo recomeço e reorganização de novas atividades.

6 APRENDIZAGENS MUSICAIS NA APOSENTADORIA

A aprendizagem musical abordada neste capítulo retoma àquela já comentada anteriormente, que ocorre diariamente no cotidiano das pessoas. A participação das pessoas entrevistadas em grupos musicais possibilita a elas a inserção em um ambiente rodeado de aprendizagens, que fogem, muitas vezes, da relação professor/aluno.

De acordo com Brougère, nesses contextos, a “aprendizagem parece mais aleatória e os saberes adquiridos menos imediatamente reconhecidos” (BROUGÈRE, 2012, p. 2). Por esse motivo, muitos indivíduos envolvidos nesse processo de ensino/aprendizagem não se dão conta da “maturidade musical” presente em suas falas.

O processo de ensino/aprendizagem estabelecido entre/com pessoas aposentadas se dá mediante a constante construção de hábitos, a realização de encontros e das possibilidades de socializações e descobertas frequentemente presentes nessa fase da vida. A esse processo, Brougère denomina “repertório de práticas”, no qual o indivíduo se “enriquece [...] ao longo da vida, em razão de novos encontros, atividades, migrações, viagens e inovações geradas pela sociedade e seus objetos” (BROUGÈRE, 2012, p. 17).

Assim, o novo contexto social, que é o da aposentadoria, é apresentado ao indivíduo, que sai de um contexto socialmente estruturado, o do trabalho, para vislumbrar outro, de novas e infinitas possibilidades. Na perspectiva de Schutz (2012), um indivíduo que estava habituado ao contexto social do trabalho e agora se vê em um ambiente rodeado de novas/outras experiências, sente a necessidade de modelar-se ao novo contexto da aposentadoria, abrindo-se para que novas/outras experiências façam parte de seu cotidiano.

Os espaços nos quais acontecem e se desenvolvem essas experiências são importantes no momento vivido por cada indivíduo. As experiências serão importantes nas interrelações, as quais possibilitarão ao aposentado representações importantes para que reconstruções sociais das relações possam acontecer mediante a aprendizagem musical.

6.1 Experiências musicais anteriores à aposentadoria

Sabe-se que os indivíduos têm experiências musicais ao longo da vida. São experiências vividas, principalmente, a partir da escuta que, por sua vez, é importante na constituição de várias habilidades musicais.

Nas entrevistas realizadas, os participantes desta pesquisa relataram algumas experiências musicais que foram vivenciadas anteriormente ao momento da aposentadoria. A relação dessas pessoas com a música se deu de diversas formas, seja através do estudo de algum instrumento, seja através do canto que esteve presente nas reuniões familiares.

Marques (2011), em seu trabalho, salienta a presença da experiência musical vivida na família pelos idosos que fizeram parte da sua pesquisa. De acordo com essa autora, essas experiências são vividas de forma heterogênea e se concretizam na memória de pessoas idosas de diversas maneiras, muitas vezes sendo essencial para os projetos a serem realizados durante a aposentadoria.

Os laços familiares ficam claros quando os entrevistados relatam a presença da música desde a infância em suas casas. Fabiana, que diz ter sempre se interessado por música e que gosta muito de cantar, atribui esse interesse à sua família, que “é muito festeira”. Ela conta que:

A gente se reunia e sempre tinha que cantar, cantar música caipira. Meu irmão sempre tocava o violão. Eu tinha alguns tios que eram caminhoneiros e quando eles chegavam em casa, a gente se reunia e cantava muito. Também a família do meu marido é muito festeira e a gente sempre se reuniu para cantar. A minha irmã tocava acordeon e a gente sempre cantava. Desde pequena a gente tinha esse prazer com a música. Todas as reuniões a gente tinha música, se tivesse uma festa de São João, por exemplo, a gente comemorava com música (Fabiana, entrevista, 25 de maio, 2013, p. 25).

Zilda (Entrevista, 20 de maio, 2013, p. 2) é uma das participantes que menciona ter chegado a estudar acordeon quando ainda era jovem, mas que por diversos motivos, quando se casou, deixou de tocá-lo. Percebe-se, porém, que esse fato é muito marcante em sua vida até hoje. Lembra também da sua infância quando estudava acordeon em uma escola de música que se chamava

“Hamilton Silva”¹⁵. Lá aprendeu a tocar o instrumento, porém mais tarde teve que vender seu acordeon:

Nos apertos que a gente tem na vida, né? Meu marido teve uma época que estava passando por uns problemas e precisava de dinheiro. Aí, né, a gente teve que vender, mas também já tinha muito tempo que eu não tocava porque os meninos já eram pequenos e eu não tinha nem tempo, e ficava lá guardada. Aí eu pensava: “_Ah isso vai ficar aí e vai é apodrecer porque fica parada”. Aí eu aceitei vender... e ele me disse: “ -Um dia eu compro pra você de novo” porque essa acordeon era meu pai que tinha me dado. Mas ele nunca comprou outra, e eu também não me importei com isso (Zilda, entrevista, 20 de maio, 2013, p. 2).

Quando perguntei de onde veio essa vontade de aprender acordeon, a entrevistada não soube responder, mas associa esse desejo à presença da música em sua vida e na vida de seus pais.

O meu pai disse que quando ele era criança, com os amigos dele na rua, os irmãos tal, tinha a Banda Municipal, acho que no coreto, não sei bem onde, porque Uberlândia não era desse jeito, então eles iam ver a Banda Municipal tocar. Aí eles faziam um tipo de flauta com talo de mamona e uns furos e saíam tocando atrás da banda. Eles gostavam de música de certo, não é? E meu pai sempre comentava isso com a gente (Zilda, entrevista, 20 de maio, 2013, p. 2).

E continua: “Aí, eu pensei: Ah, eu quero tocar alguma coisa... Aí eu fui no meu pai e disse que eu queria tocar sanfona, ele disse: ‘ - Meu sonho é algum filho meu tocando alguma coisa’” (Zilda, entrevista, 20 de maio, 2013, p. 2).

Esses relatos indicam que essas pessoas consideram e atribuem sentidos à presença da música em suas vidas. Zilda (Entrevista, 20 de maio, 2013, p. 3) pensa que a música “está no seu sangue”. Ela acha que tudo foi acontecendo desde que começou a ter a vontade de tocar acordeon, e menciona que já lia partituras aos 10 anos de idade.

Fernando aprendeu música quando pequeno e, sobre isso, ele destaca a diferença entre a forma de aprender música hoje daquela que ele vivenciou

¹⁵ Professor Hamilton Silva foi um professor de acordeon com atuação em destaque na cidade de Uberlândia, na década de 1950 (GONÇALVES, 2007, p. 148).

na infância com o violão. Segundo ele, essa maneira de aprender “reflete até hoje” nos seus estudos, porque

o ensino é muito diferente de como eu aprendi, antigamente. Hoje as crianças aprendem a acompanhar o que cantam. Na minha época, a gente via os maiores fazendo e tentava fazer igual. Então, eu toco solando. Pra eu conseguir cantar, primeiro eu tenho que tocar nas cordas do violão, pra depois cantar e acompanhar junto (Fernando, entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 66).

Já Ângela, que também se interessou por música desde a sua infância, conta que:

A música sempre me envolveu de alguma forma. Mesmo não tendo voz eu quis, certa vez, entrar para um coral, mas depois desanimei. Desde criança sempre tive vontade de estudar, mas nunca deu certo. Quando eu era criança eu comecei a estudar órgão, mas [...] eu sempre colocava algum empecilho nas coisas que eu fazia. Eu achava que minha voz tinha que ser boa para que eu conseguisse estudar o teclado (Ângela, entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 75).

Diante do exposto, na maioria dos casos, a música estava presente na vida dessas pessoas mediante o estudo de um instrumento, ou também a partir da vivência musical em casa e/ou na convivência com os pais, familiares e amigos. Porém, Zilda, que estudou acordeon na infância, relata que a música também serviu para que, por algum tempo, ela pudesse experienciar o fato de ministrar aulas de acordeon. Ela conta que:

Logo que eu casei, meu marido viajava muito e aí eu arrumei dois alunos de acordeon, mas só dei aula pra eles porque as mães insistiram muito, porque eu não tinha formação nenhuma pra dar aula. Aí eu ensinava pra eles as músicas que eu sabia, ensinava manusear o acordeon, as teclas. Aí tinha os álbuns de quando eu aprendi e, como naquela época não tinha xérox, eu copiava as canções pra eles estudarem. Eu também ensinava um pouco de teoria, só não ensinava aquelas coisas de compasso. Acho que é trauma de um livro que eu estudei que se chamava Bona, que eu acho que foi terrível pra mim, pior que eu tenho até hoje, então tinha coisas que eu não sabia ensinar pra eles (Zilda, entrevista, 20 de maio, 2013, p. 5).

Entre idas e vindas, essas pessoas foram construindo o desejo de aprender música ao longo da vida. Para Marilda, o que a impedia de estudar

música eram as próprias dificuldades que a vida lhe impunha, como, por exemplo,

Quando eu tinha uns 15 anos meu sonho era tocar um instrumento, qualquer instrumento, mas, principalmente, violão. Teclado não existia naquela época, existia o acordeon, mas o violão era o mais fácil. Então, eu até ganhei de 15 anos da minha mãe um violão, e é o que eu tenho até hoje. Aí comecei a estudar violão, mas a gente tinha que estudar, que trabalhar. A vida era muito difícil, a gente tinha tantos problemas, eu tinha que ajudar em casa. Aí eu começava a aula de violão, depois parava, começava de novo, e assim eu ia. Então, não foi nada contínuo (Marilda, entrevista, 29 de maio, 2013, p. 38).

Assim, cada um dos entrevistados, de diferentes formas e caminhos, procurou participar de atividades musicais que envolviam experiências que tiveram início ainda na infância, mas que, por diversos motivos, foram descontínuas. Agora, durante a aposentadoria, a participação em atividades musicais surge como oportunidade não só de preenchimento do tempo proporcionado pela aposentadoria, mas também como uma forma de adquirir conhecimento e continuar aprendendo.

6.2 O que aprendem e como se dão as aprendizagens musicais nesse momento da vida

Pensar o indivíduo como um ser capaz de estar presente na sociedade atual permite discutir a importância da aprendizagem ao longo da vida. É importante, para que se consiga entender o grupo de aposentados desta pesquisa, que se pense a aprendizagem como uma atividade contínua, que se estende para além do período escolar e, também, dos conhecimentos envolvidos no trabalho, uma atividade vivida pelas pessoas durante toda a vida.

Nessa perspectiva, que tem vínculo especial com a pré-disposição das pessoas para a aprendizagem, é que esses conhecimentos encontram consonância com os interesses das pessoas, já que são adquiridos nos ambientes em que vivem e em suas práticas musicais cotidianas.

O processo de aprendizagem é pensado neste trabalho como uma prática social (SOUZA, 2000), na qual as relações estabelecidas entre o ensinar e o aprender se constituem nos contatos, nos laços e nas interações

estabelecidas com as pessoas que fazem parte do mesmo universo em que estão imersas.

As relações de ensino/aprendizagem podem se efetivar de diversas maneiras, porém, o que será importante nesse processo será a maneira como cada um experienciou e vivenciou esse ensinar/aprender em suas vidas. Dessa forma, dentre os participantes desta pesquisa, pode-se perceber que o processo de aprendizagem é diferente entre eles, variando de acordo com o grupo em que a pessoa pertence, com as vivências musicais anteriores, bem como com a forma que essas pessoas se relacionam com o ambiente musical, no qual elas estão inseridas.

6.2.1 Aprendizagens no coral e no instrumento

A aprendizagem vivida diariamente pode ocorrer em ambientes coletivos de aprendizagem musical, como no coral e/ou nos grupos instrumentais, além das aulas individuais, como as de instrumento. Alguns dos entrevistados experienciam essas duas possibilidades de aprendizagens musicais, porém outros participam apenas de uma dessas opções. Assim, em suas falas, tornam-se nítidas as diferenças observadas no processo de ensino/aprendizagem dos que participam das duas opções, bem como é possível notar as diferenças imaginadas pelos entrevistados que participam apenas de um desses ambientes de aprendizagem musical.

Fabiana (Entrevista, 25 de maio, 2013, p. 24) experiencia a aprendizagem musical em um coral. Ela se dá conta de que seu processo de aprendizagem está vinculado ao momento dos ensaios do coral em que participa. Diz também que a aprendizagem se dá no ambiente em que ela frequenta, de acordo com a prática diária que eles têm nos ensaios do coral. Fabiana complementa que nesses ensaios “a regente corrige, dá dicas de como cantar, mostrando como seria melhor fazer e vendo como ficaria melhor no conjunto” (Fabiana, entrevista, 25 de maio, 2013, p. 24).

Ainda de acordo com ela, a regente apenas orienta, e essa aprendizagem vai acontecendo no dia a dia: “A gente vai se conhecendo e aprendendo, não é como em uma aula que a professora ensina e a gente

aprende, é uma coisa mais espontânea [...]. É como se fosse uma aprendizagem prática” (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 34).

Percebe-se, assim, que a entrevistada vislumbra a aprendizagem musical que acontece diariamente em sua prática musical. Ela percebe que a aprendizagem musical está vinculada ao fazer musical e não apenas aos momentos nos quais a teoria musical passa a ser o foco.

Marilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 49) também ressalta que, no coral em que participa, essa aprendizagem também se revela diariamente: “A professora, que é a regente, dá umas dicas de musicalização e todos vão colocando essas orientações nas músicas cantadas”. Ela ainda afirma que, ao cantar com partituras, ela consegue seguir o que é cantado durante os ensaios.

Já Fabiana (Entrevista, 25 de maio, 2013, p. 34) diz que sempre gostou de cantar a “plenos pulmões” e considera que aprendeu a “dosar a voz, a controlar, a colocar a voz, a escutar a voz do colega”. Enfim, ela diz que aprendeu a estar mais atenta aos sons.

Essas considerações emitidas pelos participantes desta pesquisa ressaltam a importância de estarem aprendendo música nesse momento da vida. De acordo com Fernando (Entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 69), que participa tanto de um coral quanto de aulas de violão em grupo, a forma como essa aprendizagem é realizada não é importante. Para ele, o que mais importa é a oportunidade de estar ali, aprendendo em conjunto. Ele diz que “tanto faz aprender cantando, ou tocando e cantando, o importante é estar aprendendo” (Fernando, entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 69). No entanto, ele pensa que prefere aprender com violão, porque é sua paixão, o que realmente gosta.

Assim, a aprendizagem está direcionada para o interesse e a disponibilidade que essas pessoas têm de aprender música. Essa aprendizagem está associada a outros fatores que não os musicais, mas que preenchem e completam esse momento da vida. De acordo com Fabiana (Entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 34), não é só o aprender em si, mas a procura por um grupo e pela aprendizagem que está associada ao convívio, o cantar em si mesmo, a aprendizagem musical.

Vê-se que a participação em uma prática musical, como um momento de aprender, é significativa para essas pessoas aposentadas, e a forma como a

música é vista e vivida por eles faz com que a possibilidade da aquisição de um “novo conhecimento” se torne realidade.

6.2.2 Relações entre as aprendizagens musicais

O momento da aposentadoria torna-se um canal propiciador para que a aprendizagem tenha um significado importante para as pessoas participantes de processos de ensino/aprendizagem. Tal fato pode ser notado quando os entrevistados desta pesquisa relatam como os conhecimentos adquiridos nessa fase da vida se alargam para outros momentos da vida, e que o conhecimento começa a ultrapassar o espaço em que essas atividades acontecem.

De acordo com Zilda (Entrevista, 20 de maio, 2013, p. 9), no coral “aprende-se na prática”, e esse aprender traz consigo aprendizagens que não estão apenas relacionadas com o canto. Elas podem envolver os aspectos pessoais. Já Fabiana relaciona o que aprende no coral com suas aprendizagens diárias como ouvinte, isto é, a escuta musical é essencial para as atividades relacionadas ao canto. Ela completa:

eu aprendi a ouvir com mais atenção, posso dizer que estou mais aguçada. Eu consigo perceber, por exemplo, na igreja quando as pessoas estão cantando, como algumas coisas estão erradas, consigo ouvir coisas que antes não percebia, que só depois que estive no coral passei a ter essa consciência (Fabiana, entrevista, 25 de maio, 2013, p. 24).

Essa entrevistada ainda confirma que, com seu crescimento na aprendizagem musical, a sua percepção também foi trabalhada e que agora está mais atenta ao que acontece ao seu redor.

Outro dia eu fui à Igreja e percebi que eu estava reparando naquele coral, nas vozes, nos instrumentos, se estava muito alto, se estava baixo. Eu passei a ter também mais senso crítico. Minha voz melhorou muito. Antes eu cantava de qualquer jeito, achando que estava certo. Agora eu já sei como é que eu coloco a minha voz, como eu modulo pra conseguir um resultado melhor (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 34).

Pode-se perceber como os aposentados aprendem, ao deixarem claro em suas falas a forma como se dá essa aprendizagem, ou como a regente ensina, e também quando demonstram com clareza seus interesses e desejos, especialmente no que concerne ao ensino/aprendizagem de música. Tal fato pode ser percebido na fala de Zilda (Entrevista, 20 de maio, 2013, p. 9), quando ela diz se preocupar em relacionar o que aprende no coral em que participa e sua aula de teclado, e que tenta fazer com que essas aprendizagens façam parte do seu dia a dia. Ela diz que sempre estuda em casa, e que:

às vezes, a gente aprende alguma música diferente e quando eu chego em casa, como lá no coral a gente aprende na partitura, eu chego em casa e vou no teclado tocar e cantar junto pra eu ficar firme no que eu tenho que cantar (Zilda, entrevista, 20 de maio, 2013, p. 9).

Essa maneira de se expressar, mostrando que a aprendizagem vivida por eles extrapola os limites da aula de música, possibilita entrever que habilidades são desenvolvidas ao longo da vida.

Zilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 13) reconhece tal fato quando diz que o conhecimento adquirido nas aulas de música deve ser “carregado para a vida toda”. De acordo com ela, seria como se ela estivesse praticando e cantando o que já havia aprendido nas aulas teóricas, quando jovem. A entrevistada diz que já sabia muita coisa de “teoria de pequena”, e que agora pratica esse conhecimento adquirido ainda na infância, “nas músicas do coral”, além de aprender coisas novas com as músicas que cantam no coral.

As relações que esses aposentados estabelecem com a música também podem ser percebidas diante da aquisição de um vocabulário musical, que passa a ser adquirido por essas pessoas que vivenciam a atividade musical quase que diariamente. Tal fato pode ser presenciado nas falas dos próprios entrevistados, que, na maioria das vezes, nem percebem que já adquiriram esse vocabulário.

Marilda (Entrevista, 29 de maio, 2013, p. 45) faz uma crítica da sua qualidade vocal, conseguindo analisar, a partir de conceitos musicais, sua própria performance musical.

Eu fiquei mais afinada..., porque antes eu não tinha preparação, e agora eu já sei que, dependendo do que eu for cantar, eu tenho que impostar a voz. Eu já conheço a forma correta de respirar, de cantar..., mesmo porque eu já tive calo nas cordas vocais [pregas vocais] e o coral me ajudou a melhorar isso (Marilda, entrevista, 29 de maio, 2013, p. 45).

Fabiana (Entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 34) também já consegue se expressar de forma mais concisa, utilizando-se dos termos musicais para caracterizar o momento de sua aprendizagem no coral. De acordo com ela, sua voz melhorou muito, pois antes “cantava de qualquer jeito, achando que estava certo”, mas agora já sabe como é “colocar a voz” para conseguir um resultado sonoro melhor.

Marilda, por sua vez, diz que agora, na aposentadoria, sua vida pôde ser dedicada à aprendizagem musical e que esse momento trouxe a ela a oportunidade de se desenvolver musicalmente quando canta. Ela afirma ainda que aprendeu a ser mais afinada, a “ser mais refinada”, porque

gostava de música de qualquer jeito [...] Eu consigo entender melhor a melodia, o ritmo. Meu gosto ficou mais apurado, você fica mais entendida de música. Eu aprendi a gostar mais de música de raiz, e consigo descobrir que até as músicas, por exemplo, sertaneja, que eu escutava muito, tem suas diferenças, tem vários tipos, e a gente começa a perceber a diferença (Marilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 51).

É importante salientar que a participação dessas pessoas em atividades musicais é bastante relevante, não só porque essas atividades possuem significado importante em suas vidas, mas porque passam a fazer parte do seu dia a dia nas várias instâncias e espaços em que vivem. Tal fato pode ser visto quando esse vocabulário musical passa a fazer parte de suas conversas, também porque essas pessoas ficam mais atentas ao que acontece diariamente ao seu redor e conseguem fazer relações musicais nas/com muitas atividades vividas por elas.

6.2.3 Aprendizagens individuais e coletivas

Alguns participantes desta pesquisa ressaltam a diferença que se tem quando se fala em aprender algum instrumento específico individualmente ou quando o assunto é a aprendizagem em um grupo musical.

De acordo com Zilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p.16), que teve a oportunidade de participar de um coral e de estudar teclado individualmente, essas aprendizagens se complementam e diz: “o teclado me ajuda muito no coral; e o coral me mostra outros detalhes da música por ser em conjunto, que só com o teclado eu não veria”.

Marilda também ressalta que essas características diferenciam o estudo individual do coletivo. Então,

no coral você tem mais é que cantar, e no instrumento você tem que tocar e cantar [no caso do violão]. Então, são outras coisas que você tem que fazer junto. No coral é mais fácil porque você vai lá e aprende a cantar. Agora na aula de violão você tem que praticar bastante, estudar bastante pra dar conta do que o professor está pedindo (Marilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 49).

Marilda, que estuda violão com professor particular e participa do coral, considera que há diferença na forma de lidar com essas aprendizagens adquiridas de formas tão diferentes. No violão ela possui aulas particulares e no coral a aula é coletiva. Para ela, no violão, ela aprende o que tem interesse: “só pra ela”. No coral, ela está “com outras pessoas” e, assim, “aprende para mostrar para os outros o que aprendeu”, além de ter “o envolvimento com as outras pessoas” (Marilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 52).

Dessa forma, pode-se perceber que as pessoas envolvidas com o processo de ensino de música, independentemente de ser coletivo ou individual, conseguem perceber o conhecimento adquirido quando o assunto é aprender música, além de conseguirem verbalizar e diferenciar o que aprenderam nas atividades musicais em que participam.

Marilda, que estudou violão tanto individualmente quanto em grupo, acha que há diferença entre aprender música através da aula de instrumento e no coral. De acordo com ela:

Na aula de instrumento, mesmo que em grupo, não há esse despertar para a amizade, para a conversa e a aproximação dos outros. A aula de instrumento não desperta isso não. A gente conversa, mas é cada um para um lado. Nas aulas de violão, mesmo sendo em grupo, cada um tocava sua música, então não tinha aquela conversa entre os alunos, que um pergunta para o outro, tira dúvidas um com o outro, como no coral (Marilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 51).

Esses são aspectos importantes quando se trata da prática do instrumento. Aprender um instrumento envolve, na maioria das vezes, esforço individual, horas de estudo, no sentido de desenvolver habilidades musicais e técnicas muito individuais.

Fernando compartilha da mesma opinião que Marilda, e acrescenta que, ao participar de uma aula em grupo,

é gostoso porque você vai conversando com os outros, vai acostumando com os outros, aí quebra o gelo. E se fosse individual não daria para juntar, porque quando fosse juntar cada um iria para um lado. Agora a aula já sendo em grupo, você vai acostumando com o colega, já toca todo mundo certinho. O povo até fala que velho não aprende mais nada. Mas lá a gente vê que uns que entraram esse ano já estão tocando com a gente, vai aprendendo junto (Fernando, entrevista, 17 de dezembro de 2013, p. 68).

Essa aquisição de conhecimento, quer na aprendizagem individual quer na aprendizagem coletiva, pode ser percebida com maior ênfase quando essas pessoas conseguem ter ações autônomas e, por si sós, são capazes de buscar novos conhecimentos e irem atrás dos seus próprios interesses. Esse é o caso de Ângela (Entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 77), que agora já se sente capaz de procurar as músicas que vêm ao encontro de seus interesses. Ela afirma que no começo era a professora que propunha o que seria estudado na aula de teclado, mas depois foi pegando algumas “revistinhas de teclado” sozinha e tirava as músicas; então, quando a professora chegava, “já estava praticamente pronto”.

Dessa forma, percebe-se que a independência desse momento de aprendizagem se torna um momento bastante significativo na vida dessas pessoas. Por isso, toda essa vivência e as relações das pessoas com a música permitem conexões não só com pessoas, com as quais convivem quando

aprendem música, mas também no dia a dia e nos vários espaços em que convivem.

Vânia (Entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 61) ainda acha que tem diferença nas apresentações quando toca seu instrumento e quando canta no coral. Ela considera que, quando se apresenta com o violão, o sentimento é mais individual, pois o resultado depende muito dela. No entanto, menciona que quando está no coral, e se apresenta coletivamente, tem prazer, mas não é como no violão. Ela relata que, no coral, eles vão “lá e cantam, mas com o violão é mais gostoso”, porque são eles que tocam, “é mais responsabilidade”.

Assim, apontam-se diferenças entre o ensino individual ou o coletivo, porém ambas as aprendizagens podem ser presenciadas nas falas dos indivíduos. É importante salientar também o interesse desses aposentados por aprender, independente se em grupo ou não. Esse tipo de interesse é apresentado pelos participantes desta pesquisa.

6.2.4 Aprendizagens musicais na/para a vida dos aposentados

Como discutido ao longo desse trabalho, destaca-se que a música, no seu processo de ensino/aprendizagem, deve ser entendida como um conhecimento que pode ser adquirido ao longo do tempo, nos ambientes musicais ou não, nos quais os indivíduos estão inseridos. As experiências vividas nesses múltiplos espaços sociais podem mover interesses para a aquisição de formação de conhecimento ao longo da vida.

Tais interesses também são movidos pelas mais diferentes razões. Nesse sentido, aprender música torna-se uma atividade importante no momento em que as pessoas que adiaram seus interesses se sentem, depois de aposentadas, instigadas a realizarem seus desejos. São aprendizagens realizadas individualmente ou em grupo, que vão ocupar um espaço amplo na vida dessas pessoas.

Ângela (Entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 78) ressalta que, quando se trata de aprender um instrumento, há outras habilidades que são desenvolvidas. Considera, por exemplo, que “todo o aprendizado, seja de instrumento ou não, muda a vida, muda a forma da pessoa ser”. Então, pode-

se dizer que essas aprendizagens são incorporadas à vida dessas pessoas e em suas relações com a música, nas suas muitas experiências cotidianas.

De acordo com Fabiana (Entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 35), existem outras aprendizagens que se dão em um ambiente de ensino/aprendizagem musical coletivo, as quais serão importantes em outros aspectos da vida. Ela reconhece que

tem a aprendizagem que se dá pelo convívio, aprendendo o jeito do outro, respeitando o outro. Entender o outro como ele é, aceitar ele como ele é, apesar de algumas encenquinhas, mas é um grande aprendizado. Eu me realizo com aquelas amizades, eu me realizo com aquelas pessoas (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 35).

Outro fator ressaltado também, agora por Fernando, é o valor da convivência quando se fala em ensinar/aprender música. Segundo ele, a aprendizagem não se dá só pelo professor, mas também pelo conhecimento adquirido através de um colega ao lado que já está conseguindo tocar determinada posição no violão,

e um vai aprendendo com o outro. Um colega às vezes não sabe o nome da nota, aí ele vê um colega fazer e aprende. Um colega vai ensinando o outro só de ver e aí fica muito bonito, todo mundo tocando igualzinho. Eu, graças a Deus, não tenho dificuldade porque é o que eu gosto de fazer, e eu faço bem (Fernando, entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 69).

Esse momento também se caracteriza por trazer de volta à memória aprendizagens “esquecidas” com o passar do tempo, e que são retomadas com a participação nas aulas. Fernando conta que não tocava seu violão há muitos anos, mas que com o retorno às aulas de música teve a oportunidade de aprender e relembrar o que há muito tempo não tocava.

Quando eu fui pro CEAI [Centro Educacional de Atendimento Integrado] é que eu tive coragem de tocar de novo. Aí eu fui relembrar, porque esquecer a gente nunca esquece, mas aí eu fui relembrar o que eu já tinha aprendido anteriormente. E o professor é ótimo, porque eu não conseguia cantar e tocar, e também eu não sabia os ritmos: samba, bolero, essas coisas. Agora eu já estou conseguindo tocar e cantar juntos, então eu aprendi demais (Fernando, entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 66).

Essa disponibilidade e interesse para a aquisição do conhecimento musical indica que cada entrevistado percebe que o conhecimento musical torna-se cada dia mais presente em suas práticas rotineiras, e, dessa forma, essas pessoas vão se tornando cada vez mais independentes musicalmente.

Fabiana (Entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 34) afirma que sua participação no coral possibilitou a ela um crescimento pessoal, que nesse momento da vida, o da aposentadoria, ela já não esperava. De acordo com ela, apesar das dificuldades iniciais no coral, ela se interessava bastante em aprender aquela “nova linguagem”, e que era um mundo novo que estava descobrindo.

Ângela (Entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 76) também enfatiza o que essa nova aprendizagem trouxe a ela, a “oportunidade de se manter viva”. Para ela, o importante da aula é ter a consciência de que está aprendendo.

Apesar de estarem categorizados como pessoas que não produzem mais durante a aposentadoria, quando a pessoa se sente envelhecendo e os filhos, muitas vezes, já são independentes, é que se torna importante mostrar a si mesmo e aos outros como a aprendizagem se revela uma oportunidade para se manter ativo.

Zilda é uma participante desta pesquisa que considera a aprendizagem, nesse momento da vida, como algo especial, visto que considera como sendo importante mostrar aos outros, e a si mesma, sua capacidade de se envolver e se comunicar através de uma “nova linguagem”. Segundo ela, “é importante mostrar o que aprendeu, como cresceu”. Zilda salienta que se sente “uma artista quando está no palco”. E continua:

pra começar é importante a gente mostrar o que a gente aprendeu, em que ponto estamos porque não é fácil aprender uma música e sair cantando. Além do que, o reconhecimento das pessoas, principalmente a família, reconhece como estamos cantando bonito (Zilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 15).

Para essas pessoas, a aprendizagem passa a ser o caminho a se percorrer para que a oportunidade de crescimento pessoal exista. Ângela (Entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 77) relata o quanto esse momento está

sendo importante em sua vida e coloca que conseguir tocar é um crescimento pessoal, o qual está ligado à capacidade de continuar aprendendo.

6.2.5 Práticas pedagógico-musicais vivenciadas

A participação em atividades musicais na aposentadoria é de grande significado para essas pessoas, especialmente por não se buscar somente a aprendizagem musical. Todo o processo envolvido é vivido e explorado por eles com intensidade.

Nas entrevistas, o estímulo à participação está desde o encontro com o outro, a aquisição do saber, até a demonstração para o público dos resultados colhidos com esse processo.

Os entrevistados relataram brevemente como eram suas rotinas no ambiente de ensino/aprendizagem musical. A maioria deles participa de aulas em grupo e essas aulas aconteciam semanalmente. Há, em todas elas, primeiramente, um aquecimento vocal elaborado pelo professor, que depois encaminha a aula de acordo com os objetivos traçados por ele.

Eles relatam que, enquanto estavam na aula, algumas das dúvidas que surgiam eram resolvidas com os colegas que estavam próximos, e isso mostra que a aprendizagem também acontece nos “corredores” do ensaio e que a troca de informações aproximava e potencializava a aprendizagem que acontecia nas interações estabelecidas por essas pessoas.

De acordo com Fernando (17 de dezembro de 2013, p. 68), a ajuda aos colegas é algo que acontece porque a aprendizagem se dá coletivamente. Ele acrescenta que um colega, quando às vezes não sabe o nome da nota, ele vê um outro colega fazer e aprende. Um colega vai ensinando o outro e “só de ver fica muito bonito, todos tocando igualzinho” (idem).

O repertório trabalhado nesses espaços procura se aproximar do gosto musical dessas pessoas. Dessa forma, o repertório buscado é aquele que lembra algo do passado: são músicas, muitas vezes, escolhidas pelos próprios alunos para que se possa ter um maior interesse na aprendizagem.

Uma forma de demonstrar o crescimento musical dos grupos ou no instrumento é a realização de apresentações, nas quais se demonstrava como o trabalho desenvolvido está sendo gratificante. Para esses aposentados, um

fator importante, como já foi dito, é o reconhecimento de pessoas próximas, como familiares e amigos, da capacidade de superação que esse aposentado ainda preserva. De acordo com Zilda (Entrevista, 25 de novembro de 2013, p. 15), as apresentações servem para

mostrar o que a gente aprendeu, que ponto que estamos, porque não é fácil aprender uma música e sair cantando, além do que o reconhecimento das pessoas, principalmente a família, reconhece o quanto estamos cantando bonito. É uma motivação a mais, porque o ensaio, por ele mesmo, não é tão especial quanto a apresentação. É importante porque nele a gente aprende, mas precisamos também mostrar às pessoas o que a gente aprendeu (Zilda, entrevista, 25 de 3 novembro de 2013, p. 15).

Outro fator relevante no processo de ensino/aprendizagem é que todos os entrevistados aprenderam leitura e escrita musical para que conseguissem cantar ou tocar, utilizando a partitura musical. Para eles, tal fato se torna de grande significado, pois esse conhecimento dava-lhes autonomia para conseguir, fora daquele ambiente, tocar e cantar outras músicas sem o auxílio do professor.

Assim, conseguiu-se perceber que o desenvolvimento musical dessas pessoas vai sendo estruturado mediante a aquisição de habilidades que estavam adormecidas, como no caso daqueles que já haviam estudado música anos atrás, como também vai sendo construído diariamente no convívio com outros aposentados, que buscam o mesmo conhecimento.

7 RELAÇÕES CONSTRUÍDAS PELOS APOSENTADOS QUANDO APRENDEM MÚSICA

Os aposentados participantes desta pesquisa mostraram em suas entrevistas que outros aspectos, que não só os associados à música em si, como seus códigos, sua organização sonora, mas também com os de natureza simbólica e de pertencimento, que são construídos por eles no dia a dia do ambiente musical de aprendizagem. Neste capítulo, propõe-se uma reconstrução dos tipos de relações estabelecidas por esses aposentados quando aprendem música.

De acordo com Motta (2004), o dinamismo existente em espaços em que as relações sociais propiciam encontros podem desenvolver outras formas de convivência, o que é feito de forma espontânea. Motta ainda argumenta que, nesse intercurso, a amizade é desenvolvida, principalmente pela sociabilidade presente nesses ambientes.

Essas vivências podem acontecer concomitantemente com outras relações estabelecidas no e fora dos ambientes pedagógico-musicais em que os aposentados convivem. Esses espaços têm em comum, geralmente, a possibilidade de aprendizagens coletivas. Mesmo quando essas pessoas estudam e aprendem o instrumento individualmente, elas se sentem estimuladas a conviverem e a compartilharem suas habilidades musicais com familiares e amigos.

Essas pessoas, ao participarem de espaços que promovem a convivência, proporcionam, de acordo com Debert (1999),

a abertura [...] para que novas experiências de envelhecimento pudessem ser vividas coletivamente. Neles é possível buscar a auto-expressão e explorar identidades de um modo que era exclusivo da juventude. Esses espaços estão sendo rapidamente ocupados pelos mais velhos (DEBERT, 1999, p. 64-65).

No caso desta pesquisa, não só experiências de envelhecimento, mas também de aposentadoria na ocupação do tempo livre deixado pelo trabalho, também são compartilhadas. Geralmente, essas experiências passam a ser um dos principais momentos de lazer vividos por essas pessoas.

Percebe-se que uma característica das pessoas que buscam a atividade musical após se aposentarem é a de se envolverem com aquela atividade a ponto de não se expor somente à atividade musical em si, mas também se interessam em buscar relações que possam ser compartilhadas nos espaços de aprendizagem.

Nessa dimensão foram abordados também outros aspectos e relações que estão envolvidas quando se aprende música, tais como: a possibilidade de desenvolver a confiança no outro/grupo, as amizades que são alargadas e ampliadas, estimulando a construção de aspectos identitários quando se pertence a um grupo, bem como o reconhecimento e suas realizações pessoais.

7.1 Aspectos pessoais/sociais envolvidos na aprendizagem musical

7.1.1 O grupo como elemento importante nas experiências musicais

O significado social estabelecido pelo trabalho faz com que indivíduos que se aposentam se tornem sujeitos desprovidos de uma identidade, dentre as muitas do indivíduo, que antes existia em favor do trabalho (SCHUTZ, 1979). Dessa forma, atividades realizadas durante a aposentadoria permitem a essas pessoas um “novo papel social”, tanto nos grupos em que convivem quanto na família.

Acredita-se que, ao saírem de um “mundo social organizado” (SCHUTZ, 1979), que era o do trabalho, e partirem para um novo espaço de compartilhamento de informações e de conhecimentos, essas pessoas estarão abertas a novas organizações. De acordo com Schutz (1979), essas pessoas levarão para o novo mundo social, o qual escolhem pertencer, sua personalidade, suas crenças, seus conceitos que serão compartilhados por todos.

Schutz (1979) ainda complementa que um grupo é “formado por um processo através do qual, muitos indivíduos unem partes de suas personalidades – impulsos específicos, interesses, forças –, enquanto o que cada personalidade realmente é permanece fora dessa área comum” (SCHUTZ, 1979, p. 84).

Porém, apesar de cada membro inserir no grupo sua personalidade, cada indivíduo permanece com suas características particulares individuais, vivendo e convivendo em um ambiente de coletividade. E, nesse momento da aposentadoria, participar de um grupo se torna importante, visto que essas pessoas sentem a necessidade de participar de atividades coletivas. Para Schutz (1979), a importância de um grupo para seus membros “é frequentemente descrita como um sentimento [...] de que eles pertencem ao conjunto, ou de que compartilham interesses comuns” (SCHUTZ, 1979, p. 82).

Porém, apesar da necessidade de uma reinserção em grupos sociais, geralmente as pessoas aposentadas se sentem com medo, desencorajadas, principalmente se ainda não tiverem se envolvido com música anteriormente. Por isso, quando se trata de uma nova aprendizagem, muitas pessoas ficam inseguras de suas experiências musicais anteriores.

Marilda relata que, com o passar do tempo, já está confiante em si mesma e que, quando vai se apresentar, já consegue pensar em outros aspectos que envolvem o canto, sem deixar que sua insegurança interfira no resultado musical. Assim, já fica “na expectativa de que consiga passar o canto com emoção, alegria”, e se preocupa no que está “transmitindo, para não cantar errado” (Entrevista Marilda, 29 de maio, 2013, p. 44).

Então, na possibilidade para desenvolver a confiança em suas capacidades, esses aposentados têm se envolvido em atividades musicais realizadas individualmente ou coletivamente. De acordo com Koopmam (2007), há, diante disso, um crescimento de comunidades musicais, ou grupos musicais, que têm como objetivo fazer música em conjunto. São propostas para uma aprendizagem voltada para um fazer socialmente construído, em um ambiente desenvolvido com iniciativas específicas para um determinado grupo.

Esse autor ainda ressalta que

apesar do fator de não existir um consenso em uma definição do que realmente seja uma comunidade musical, especialistas, geralmente concordam que existe, nesse ambiente, três características principais: um fazer musical colaborativo, um

desenvolvimento de uma comunidade e crescimento pessoal (KOOPMAN, 2007, p. 151)¹⁶.

Ao procurarem por atividades musicais que sejam desenvolvidas em/no grupo, pessoas aposentadas podem se sentir amparadas pelos outros componentes. Esses componentes, por sua vez, podem auxiliar, ou mesmo servirem de apoio, para que, ao conviver e compartilhar experiências, todos possam viver práticas mais significativas.

Esse convívio em seus múltiplos aspectos é importante quando possibilita que essas pessoas tenham experiências musicais significativas, a partir das práticas coletivas e individuais. Assim, com relações estabelecidas durante o convívio, essas pessoas indicam que os laços desfeitos pela perda do trabalho podem ser reconstruídos através da aprendizagem compartilhada com outras pessoas, que passam pelo mesmo momento da vida.

Diante do exposto, os grupos são importantes para a aprendizagem musical. É importante destacar que, na prática coral,

as pessoas desempenham papéis preestabelecidos pela necessidade de conviver com o outro, pelo próprio ato de cantar e pelas situações de *performance*, onde literalmente se põem no palco. Isso demanda das pessoas a exposição de si, o que decorre tanto da encenação de papéis de personagens próprios dos coros como de suas subjetividades (DIAS, 2011, p. 26-27).

Já quando se trata da prática instrumental, Riedel é um autor que associa questões da sociologia da música à educação musical, e diz que, ao aprender música, as pessoas precisam adquirir um conhecimento musical que lhe permita compartilhar experiências em seu meio social. Nesse sentido, para esse autor, quando alguém aprende um instrumento e o

pratica [...] assiduamente não o faz somente porque gostaria de aprender tocar o instrumento, mas também porque gostaria de adquirir alguma habilidade com a qual possa agradar seus amigos, para ser aceito pelo grupo, para impressionar seus

¹⁶ No original: "Despite the fact that there is no consensual definition of what community music really is, specialists usually agree on three of its main characteristics: collaborative music-making; community development; and personal growth" (KOOPMAN, 2007, p. 151).

pais, adversários reais ou imaginários, ou membros do sexo oposto (RIEDEL, 1964, p. 152).¹⁷

Dessa forma, pode-se perceber que as experiências musicais são importantes quando se pensa no indivíduo no contexto em que vive. Além disso, há o aspecto pessoal envolvido nessas experiências, que é fundamental para esse indivíduo, sendo que a confiança em si é um aspecto adquirido por cada um deles em atividades musicais individuais e coletivas.

7.1.2 Confiança no outro/no grupo

Na relação com o outro, os aposentados ensinam/aprendem música, o que também envolve a confiança no colega que está ao lado, bem como no profissional que está à frente do grupo. Essas pessoas buscam um envolvimento amplo com a música não só no sentido da sua aprendizagem por si mesma, mas também porque procuram adquirir novos relacionamentos, um convívio prazeroso no/com o grupo em que estão inseridos, além de um desenvolvimento de habilidades musicais que lhes traga, inclusive, satisfação pessoal.

Nesse sentido, a prática coral, segundo Dias (2011)

contém ao mesmo tempo seus aspectos artísticos musicais e um forte apelo educacional e social, podendo tornar-se uma alternativa importante para, de algum modo, atender às demandas dos coristas, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento de sua sensibilidade estética e artística como na sua relação consigo mesmo e com a alteridade (DIAS, 2011, p. 197).

Pensando nesses aspectos, alguns entrevistados relataram como esse relacionamento no/com o grupo se dá, e como o convívio faz com que se conheçam cada vez mais, trazendo confiança tanto no trabalho realizado, quanto nos professores e colegas envolvidos na relação de ensino/aprendizagem musical.

¹⁷ No original: "The student who practices his instrument assiduously does so not only because he wants to learn how to play the instrument, but also because he wants to acquire some skill with which to please his friends, to gain acceptance by a group, to impress his parents, real or imaginary adversaries, or members of the opposite sex" (RIEDEL, 1964, p. 152).

De acordo com Zilda (Entrevista, 20 de maio, 2013, p. 7), a confiança na regente vem do fato de considerá-la como uma profissional que

não vai fazer a gente passar papel de ridículo na frente das pessoas. Eu tenho total certeza que a gente não vai passar vergonha, não vai ser vaiado... Igual: a gente já cantou no coral aquela música... aí qual é mesmo.... “Tocando em frente”, e ficou lindo. Ficou muito bonito. Quando a regente fala pra gente repetir que ficou feio, ficou horroroso, aí eu penso: Nossa mas ficou tão bonito, como que ela não gostou? (Zilda, Entrevista, 20 de maio, 2013, p. 7).

Essa confiança dos entrevistados também está relacionada com a forma como os profissionais desenvolvem seu trabalho. Sobre a regente do coral em que participa, Fabiana comenta a importância da sua “braveza”, pois é um “bravo necessário”. Diz ainda que o trabalho

das professoras do coral [regente e pianista] foi muito valoroso pra nós. Elas são tão engraçadinhas, juvenzinhas que fazem com amor o que fazem, e isso pra mim é muito importante. É um dos motivos que nos fez permanecer. Então, eu vejo que esse jeito delas nos cativaram tremendamente (Fabiana, entrevista, 25 de maio, 2013, p. 26).

Marilda também ressalta que as duas professoras, a regente e a pianista do coral

são quem fazem com que o grupo seja assim, unido, que tenha alegria e prazer em estar lá. Já no violão eu não tinha tanto contato com o professor, aí eu acabei largando. Se o professor tivesse valido à pena eu estaria até hoje tendo aulas com ele. E eu estou procurando um professor que realmente eu goste porque a música é uma coisa que eu quero estudar pra sempre. Eu quero continuar, porque me faz bem. Não é pra eu pegar um violão aqui e arranhar alguma coisa, eu quero saber tocar direito, e isso é pro resto da minha vida que eu quero, pois é uma coisa que me dá prazer (Marilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 52).

Essa confiança no trabalho realizado também pode ser visto quando se percebe o prazer que esses aposentados têm em convidar e se esforçar para que outras pessoas amigas e familiares também façam parte daquele ambiente. De acordo com Zilda, mesmo que a pessoa diga que não possui voz, ela convida para participar do coral que, segundo ela, “lá com certeza ela vai

aprender a cantar, porque as professoras vão educando a nossa voz e a gente aprende” (Zilda, entrevista, 20 de maio, 2013, p. 10).

Outra característica observada que envolve a confiança estabelecida nesses ambientes de ensino é o apoio dado e recebido do colega que está ao lado. Apoio que, de acordo com Zilda, é uma das qualidades de quando se trabalha em grupo. Consiste na oportunidade de se ter ao seu lado alguém que já consiga cantar e guiar o grupo, pessoa na qual você poderá se apoiar em situações mais difíceis. Nesse sentido, Zilda afirma que “o grupo é a diferença”. Isso porque quando alguém inicia no coral, e “tem um apoio de alguém que já está há mais tempo que conhece as músicas”, é muito bom. No entanto, a entrevistada diz que hoje ela “é esse apoio para as pessoas que ainda não estão seguras” (Zilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p.13).

Percebe-se que a participação em atividades em grupo, como sendo uma oportunidade de compartilhamento e desenvolvimento de habilidades musicais, muitas vezes, difere daquelas estabelecidas nas aulas individuais de instrumento.

Ao discorrer sobre os grupos desenvolvidos para pessoas idosas, Motta (2004) reforça a ideia de que, em um trabalho com essas características, todas as pessoas participantes terão algum ganho. “Os organizadores das atividades ganham dinheiro ou senso de realização e credibilidade pelo trabalho cumprido; e a clientela idosa ganha um tempo agradavelmente preenchido, companhia, lazer prazeroso, informação e circulação social” (MOTTA, 2004, p. 116).

7.2 Relações estabelecidas entre os aposentados

7.2.1 Amizades nos grupos musicais

Uma das características mais importantes percebidas durante as entrevistas foi a menção dos participantes desta pesquisa às amizades feitas no grupo, principalmente quando se participa do coral ou de aulas de instrumento em grupo. Eles referem sobre como as pessoas que participam do mesmo grupo fazem parte uns da vida dos outros, e como aquele sentimento

de carinho e de amizade extrapola os limites dos encontros durante os ensaios e/ou aulas.

Vê-se que as pessoas que procuram um grupo com a intenção de cantar, tocar, enfim, aprender música, com o passar do tempo começam ver que a participação naquele grupo não se fixa somente nesse objetivo. Percebem que aprender um instrumento ou cantar no coral também é uma forma de se criar e manter os vínculos proporcionados pelo relacionamento que se tem com as pessoas nesses ambientes. Koopman (2007) ressalta que essa “participação em atividades musicais realizadas em grupo, tanto instrumentais quanto grupos vocais [...] tem o potencial de endereçar essa necessidade, contribuindo para um alcance de benefícios sociais, emocionais e cognitivos” (KOOPMAN, 2007, p. 36)¹⁸.

Nesse sentido, segundo Dias (2011)

o fenômeno coral, conforme mostraram os dados coletados, cumpre sua função agregadora. Evidentemente, as pessoas o buscam porque gostam de música, porque aprenderam a apreciar e vivenciar a música durante sua trajetória de vida, mas, ao mesmo tempo para fazer amigos, para saírem da solidão e, sobretudo, para se sentirem parte de um grupo (DIAS, 2011, p. 198).

De acordo com Zilda (Entrevista, 20 de maio, 2013, p. 8), sua alegria não é só cantar. Ela tem “amizades fortes que se iniciaram com o coral” e, por isso, a satisfação também está na união que se tem com os outros participantes, bem como com as professoras.

Zilda, que tem uma grande amizade feita no coral, acrescenta ainda que não é apenas essa amizade que a faz continuar no grupo coral em que participa,

porque se fosse só ela [a pessoa na qual se relaciona mais], eu iria na casa dela e ela viria na minha. Mas é aquela unidade que se tem no grupo, aquela amizade coletiva que a gente vive com todos. A música também eu tenho em casa, com o teclado. Então, o estar junto naqueles momentos do ensaio, das apresentações é muito bom (Zilda, entrevista, 20 de maio, 2013, p. 8).

¹⁸ No original: “participation in active group music making such as instrumental or vocal groups [...] has the potential to address this need, contributing to a range of social, emotional and cognitive benefits” (KOOPMAN, 2007, p. 36).

Se por um lado essas pessoas percebem que nesses grupos musicais são construídos laços de amizades, por outro, a amizade também é um aspecto que mantém o grupo unido. Nesse ambiente é que, segundo Fabiana (Entrevista, 25 de maio, 2013, p. 25), há “a descoberta, um encontrando o outro”, buscando na seleção de músicas o fortalecimento do grupo. Por isso, ela considera importante a unidade, a amizade, o carinho que existe entre eles e “que dá valor às pequeninas coisas, pois estar juntos é um prazer” (Fabiana, entrevista, 19 de novembro 2013, p. 33).

Para Marilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 51), cada grupo possui sua identidade, pois as pessoas, com o passar do tempo, vão se familiarizando, se unindo e tendo suas próprias características, sendo importante para a formação e integração do grupo. Ela ainda complementa que eles já se familiarizaram uns com os outros no grupo coral no qual participam, e sentem “a necessidade de estarem juntos, de estarem conversando”.

Esses laços de amizades são fortalecidos de diversas maneiras. De acordo com Vânia (Entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 61), em seu grupo, eles se conhecem, às vezes se encontram, ligam para saber porque a “pessoa sumiu”. Além disso, às vezes, combinam de almoçar na casa uns dos outros e telefonam uns para os outros para se encontrarem.

Fernando (Entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 70) ressalta que é importante estar no grupo e que tem a sensação de estar em família. Ele diz que considera que “aquelas pessoas são uma família da paz” e que, às vezes, pensa que está com um problema tão difícil, mas, na convivência, percebe que tem “outras pessoas que estão piores que você, aí você melhora e vai para casa bem melhor” (Fernando, entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 70). Nesse caso, não que ele pense ou fique feliz porque o outro tem um problema igual ou maior que o dele, mas que nesse compartilhar, geralmente, percebe-se que nem sempre seus problemas são os únicos.

Para Zilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p.14), essa sensação de amizade é confundida com os sentimentos estabelecidos na família. Ela diz que a amizade que eles têm “uns pelos outros é especial” e que por tudo que partilham se tornaram “uma família”.

Esse sentimento também é compartilhado por Marilda (Entrevista, 29 de maio, 2013, p. 43), que ressalta a importância do grupo na sua vida e a forma carinhosa com que todos daquele ambiente estão presentes no seu dia a dia.

Além do compartilhamento entre essas pessoas, quando estão em um ambiente de aprendizagem coletiva, o apoio estabelecido entre eles, no que se refere às questões da vida pessoal, também se torna fato importante quando se percebe as relações de amizade entre os componentes dos grupos. Algumas dessas amizades se destacam no convívio diário. De acordo com Zilda (Entrevista, 20 de maio, 2013, p. 8), ela é mais próxima de alguns colegas. Com esses colegas sempre se falam, gravam músicas que estão tocando ou cantando, e compartilham a gravação do repertório entre si, além de estarem presentes para ajudar nas dificuldades uns dos outros.

Muitas vezes, esses relacionamentos são importantes para essas pessoas em determinados momentos de suas vidas particulares, proporcionando uma ajuda que poderia ser vivida apenas na/pela família. De acordo com Marilda (Entrevista, 29 de maio, 2013, p. 43), no seu grupo se conversa muito e, por isso mesmo, há a participação ativa na vida uns dos outros. Ela conta que:

essas pessoas são um suporte na vida uns dos outros. Eu que tive um grande problema de saúde, eu não me imagino se não fosse o coral. Se eu não tivesse aquele apoio eu teria entrado em parafuso porque aquele pessoal... todo mundo, até as professoras não têm noção da importância... Eu sinto muita falta... o dia que o coral acabou eu fui pra casa e eu dizia o tempo todo: “_Eu não acredito que isso está acontecendo”. Eu tive até que tomar um remédio pra dormir, se não eu não conseguiria (Marilda, entrevista, 29 de maio, 2013, p. 43).

É importante notar, a partir da fala dos entrevistados, que essas amizades estabelecidas no grupo, frequentemente, extrapolam o ambiente em que foram criadas. Esse aspecto aparece quando relatam a presença e a preocupação deles uns com os outros, até mesmo fora do grupo. Zilda comenta que se encontra com frequência com as pessoas do coral, porque elas já fazem parte da sua vida.

Quando uma está doente a gente vai visitar, conversa, canta, e faz umas visitinhas. Às vezes a gente não combina de se encontrar, mas se vamos a algum lugar, tipo uma apresentação e encontra outra pessoa do grupo é aquela festa, aí a gente fica junto e se diverte (Zilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p.14).

Fabiana também ressalta que elas se falam por telefone, combinam de sair, de se encontrarem na casa de alguém. Ela menciona ainda que, às vezes, quando está em casa, em seus afazeres, está “pensando nelas [nas colegas], no coral, nas músicas” que cantam e “isso tudo dá prazer”. A justificativa de Fabiana é porque ela aprendeu “a amar e ter carinho por aquelas pessoas do grupo” (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 33).

Ao serem questionados sobre as diferenças entre uma aula em grupo e uma aula individual, se haveria o mesmo envolvimento nessas duas modalidades de ensino de música, todos os entrevistados foram claros em responder que não. Segundo eles, na aula em grupo, o envolvimento é maior, pois eles têm disposição maior para estar naquele ambiente do que se estivesse em uma aula individual. Além disso, consideram que aprender junto é muito melhor e mais instigante.

Fabiana (Entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 35) se dá conta que, no grupo coral em que participa, a aprendizagem se dá também pelo convívio, aprendendo e compreendendo o jeito do outro e respeitando essa outra pessoa. Assim, no grupo, é importante “entender o outro como ele é, aceitá-lo como ele é, apesar de algumas encenquinhas. Isso é um grande aprendizado”.

A partir desses relatos, fica clara a importância do envolvimento dos aposentados nas práticas musicais em grupo. É importante notar que, nessa participação, as amizades são extremamente importantes, principalmente nos momentos adversos enfrentados em suas vidas particulares.

Zilda relata um desses momentos, quando ficou sem o coral por seis meses, e foi justamente a época que adoeceu.

Eu já tinha problema, mas o emocional ficou muito abalado e agravou muito o meu problema. Aí a gente ligava uns para os outros, e a gente se reunia só nós pra pelo menos cantar um pouco juntos, mas não era a mesma coisa (Entrevista Zilda, 25 de novembro, 2013, p.13).

Fernando também vivenciou um período semelhante, quando contou com a ajuda das amizades feitas no grupo em que participa.

Quando foi no começo do ano que eu não estava indo por causa dos problemas que eu estava enfrentando aqui em casa. Ela [uma amiga] passava todo o dia aqui na porta falando que todo mundo estava sentindo minha falta, que o professor estava sentindo falta. Aí ela um dia me disse que eu não tinha que ficar nessa angústia aqui parado não, que eu deveria ir pra espairer, pra melhorar a cabeça. Aí quando foi no mês de agosto eu voltei. O professor me acolheu novamente, e eu vi que com o tempo aquelas coisas foram saindo da minha cabeça. Eu fui melhorando e me ajudou muito (Fernando, entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 70).

A partir dessas menções, percebe-se que esses momentos e encontros nos grupos musicais em que os aposentados participam são bastante significativos. Esse processo de compartilhamento e a conquista das amizades podem ajudá-los na redefinição do lugar social perdido no momento da aposentadoria, e servirá como base para o desejo de continuar aprendendo, para a contínua busca pela convivência e pelo encontro com outras pessoas que dividem os mesmos anseios.

7.2.2 Identificação com o grupo musical

Pode-se perceber que grande parte dos aposentados entrevistados nesta pesquisa se sente realizada no/com o grupo a que pertencem, e não se sentem confortáveis com a possibilidade da mudança de grupo, ou com a participação em outros grupos musicais que possuam objetivos semelhantes.

Esse sentimento de pertencimento pode mostrar que, nesses grupos, há uma identidade “criada” e mantida mediante as características das pessoas que participam desse ambiente, dos seus objetivos e interesses, bem como das necessidades que têm em comum.

Dias (2011), que estudou as interações nas dinâmicas de ensino e aprendizagem em duas práticas corais na cidade de Porto Alegre, afirma também que o sentimento de pertencimento

é também uma das condições básicas para que cada indivíduo em particular se sinta parte de um grupo, e que este, em seu

conjunto, se reconheça como tal, Assim, para que o grupo seja constituído e elabore novas sociabilidades, é imperativo que os seus membros desenvolvam esse sentimento (DIAS, 2011, p. 90).

Para Schutz (1970), um grupo é formado “por um processo, através do qual muitos indivíduos unem partes de suas personalidades - impulsos específicos, interesses, forças -, enquanto o que cada personalidade realmente permanece fora dessa área comum” (SCHUTZ, 1979, p. 84).

Assim, nessa perspectiva, essas pessoas levam para o lugar suas personalidades, suas visões e maneiras de agir para que o grupo se estabeleça mediante aquelas características de cada envolvido. Schutz (1970) ainda ressalta a necessidade da existência desse “mundo organizado”, o qual será compartilhado por todos.

Diante desses aspectos, é possível entender a dificuldade que, muitas vezes, as pessoas têm de participar de novos grupos. Fabiana (Entrevista, 25 de maio, 2013, p. 22), por exemplo, apresenta a resistência em participar de outro grupo. Ela diz que se identificou com o grupo que já participa e que se dá muito bem com as outras pessoas que também estão ali.

São pessoas muito abertas. Outro dia eu assisti a uma apresentação de um coral, e eu pensava, não é a mesma coisa, não é o meu grupo. No meu coral várias pessoas me cultivaram, tínhamos atividades em comum: clube de mães, bordados. Todas eram especiais. Então, isso tudo foi juntando e eu sinto que nosso grupo tem uma identidade (Fabiana, entrevista, 25 de maio, 2013, p. 22).

Fabiana ainda menciona que sua filha a convidou para participar de outro grupo coral, quando as atividades do coral em que participava estavam suspensas. No entanto, ela não quis e disse que:

só iria se fôssemos todos, inclusive as professoras, sem eles eu não iria. Ela fica muito brava, mas eu disse a ela pra ela entender, é a minha opinião. Mas ela fica brava porque percebe que participar do coral foi bom pra mim, me fez bem. Mas só vou se for o grupo todo (Fabiana, entrevista, 25 de maio, 2013, p. 22).

Percebe-se, então, que a possibilidade de envolvimento em outros ambientes de convívio e de aprendizagem musical não atraem essas pessoas.

Elas preferem aqueles seus grupos iniciais. Pensando como Schutz (1970), a resistência de ir para outros grupos que não os que já participam tem a ver com os colegas que fazem parte do grupo e dos interesses compartilhados por eles. Portanto, para os aposentados, a participação em um grupo tem a ver com “quem participa”, pois não é qualquer grupo que serve.

Essa identificação faz com que os aposentados se sintam próximos do grupo. Estar com o grupo em que ela participa, de acordo com Marilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 50), “faz toda a diferença, porque é um grupo que já se familiarizou, que sente a necessidade de estar junto, de estar conversando”. Ela ainda continua dizendo que é mais importante para ela, “estar com o grupo, cantando, aprendendo novas músicas, apresentando, porque é um grupo alegre, que quando vai se apresentar está todo mundo feliz, e que se descobre novos talentos” (p. 51).

Para Dias (2011), esse sentimento de pertencimento é uma manifestação subjetiva e

aflora como a condição básica por excelência para a constituição e afirmação dos coros, pois depende da adesão voluntária dos sujeitos. Enfim, o sentimento de pertença é um processo que emerge da participação e da interação num coletivo, mas a sua consolidação se dá no plano da subjetividade de cada indivíduo (DIAS, 2011, p. 91).

Fabiana (Entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 33) também mostra que se identifica com seu grupo e que, apesar de conhecer pessoas que participam de coral, vê “que não é a mesma coisa”, pois considera que participar daquele coral foi estar “no grupo certo, no momento certo” (p. 33). Nesse caso, essa identidade faz com que essas pessoas sintam prazer e necessidade de estarem uns juntos dos outros.

A afinidade que existe em um grupo é formada a partir das características de cada pessoa envolvida com/no grupo: professores, participantes, além de outros.

Zilda contou que quando o grupo em que participa precisou mudar de mantenedora foi muito difícil, pois seus componentes se viam através daquela empresa. E, quando foram para outro ambiente, achavam que não

conseguiriam alcançar resultados tão bons quanto os já alcançados no ambiente anterior . De acordo com ela, eles acharam

que só lá [no primeiro espaço] que seria a nossa casa. Mas, agora, a gente acha que lá [no espaço atual] está ótimo, que a gente já está se encontrando e que estando o grupo junto é o que importa, mesmo entrando outros componentes, a base das pessoas do coral já está formada (Zilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p.15).

Já com outras pessoas, esse apego não é tão claramente mostrado. Vânia, por exemplo, relata seu desprendimento caso haja a necessidade de mudar de grupo. Diz:

se precisasse eu largaria sem dó. Eu fui um ou dois dias no coral dos idosos, mas eu não gostei. Não pelo regente, mas pelo ambiente do grupo. Então, eu acho que a gente tem que se sentir bem naquele grupo e perceber que faz parte dele, e que ele também faz parte da sua vida (Entrevista Vânia, 25 de maio, 2013, p. 27).

Porém, mesmo tendo certo desprendimento, percebe-se que há a necessidade de que essas pessoas aposentadas tenham afinidade em qualquer que seja o grupo no qual estejam inseridas. Dessa forma, pode-se pensar que cada grupo possui suas características, suas lógicas e discursos formados, a partir dos seus componentes e de suas relações estabelecidas nos grupos em que experienciam a música.

7.2.3 O reconhecimento de familiares e amigos

As pessoas aposentadas buscam, nessas atividades, primeiramente, uma nova aprendizagem que os fará se sentir produtivos; segundo, idealizam a conquista de um novo convívio social; e, terceiro, consideram importante o reconhecimento daqueles que vivenciam esse momento da aposentadoria, como é o caso da família.

Para essas pessoas que participam dessas atividades musicais, coletivas ou individuais, o reconhecimento familiar se torna bastante expressivo, visto que é uma forma de poderem mostrar o quanto ainda são

capazes de continuar uma vida de produtividade, nesse caso, com capacidade para aprender.

Zilda (Entrevista, 20 de maio, 2013, p. 4) fala desse sentimento que passou a ter depois que começou a participar do coral. Comenta que ela e a irmã, que participam do mesmo grupo coral, se sentem as “artistas da família”. Nas apresentações do coral, Zilda considera muito importante a presença da família e afirma que a primeira atitude que tem ao estar no palco é procurar e achar seus filhos, parentes e amigos (p. 9).

Fabiana (Entrevista, 25 de maio, 2013, p. 21) também conta como a família dela a apoia e a incentiva a participar do coral, já que é uma atividade que tem contribuído muito para o seu bem-estar. De acordo com ela, eles “acham o máximo”, acham que ela “é uma estrela”. Contudo, afirma que ainda precisa melhorar muito, porque se considera muito dispersa e que tem algumas dificuldades para aprender a melodia. Mas, sua família a incentiva bastante, vão às apresentações, a encorajam e “têm o maior carinho com o coral” (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 32).

Sobre isso, de acordo com Marilda, esse reconhecimento, a partir de um elogio, faz bem para essas pessoas. Ela diz que:

É muito bom. A gente se sente muito bem. É bom pra mim tanto quanto pra minha família. Então, a gente se sente orgulhosa e isso me faz muito bem. E o coral nas apresentações leva amor, a arte, a cultura pra muitas pessoas (Marilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 52).

A família de Marilda (Entrevista, 29 de maio, 2013, p. 42) também a prestigia indo às apresentações. Além disso, se sente muito satisfeita quando comentam com outras pessoas que ela participa de um coral, e, como forma de incentivá-la, ouvem o cd que o coro em que participa já gravou. Marilda diz que tem a sensação de que é reconhecida, porque acha que é “um status” participar do coral, e que faz parte dele, “porque as pessoas valorizam isso” e ela se sente valorizada.

Fernando (Entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 66) diz que se sente muito feliz em participar das apresentações com seu coral e também por tocar o seu violão. De acordo com ele, quando as pessoas o reconhecem tocando ou cantando, há um sentimento de muita felicidade. Ele conta que um dia uma

senhora da hidroginástica veio lhe dizer que viu uma apresentação dele no Teatro Municipal e que ela achou muito bonita, pois isso o deixou “muito feliz”. Fernando acrescenta ainda que esse reconhecimento é muito importante em sua vida, e que por isso não deixa de participar de nenhuma das atividades propostas para aquele grupo.

Na entrevista de Ângela, percebe-se que os pequenos gestos familiares são importantes para sua própria satisfação, por estar aprendendo. De acordo com ela,

a família incentiva, mais diretamente o marido e os filhos que a incentivam. Eles não têm muita paciência para parar e me ouvir tocando, mas meu filho mais novo para ouvir, me ajuda em alguma dúvida que eu tenho. O mais velho de vez em quando aplaude quando passa, mas eu ainda estou aprendendo. Então, ainda não dá para mostrar o que eu estou tocando (Ângela, entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 76).

Ângela ainda salienta como a música está lhe ajudando a se expressar melhor e é importante também porque tem oportunizado a ela mostrar aos outros a sua capacidade:

Outro dia eu até tentei postar na internet eu tocando uma música para o meu irmão. Isso porque, por mais que ele consegue ir na internet e ouvir a música, eu queria que fosse eu tocando pra ele. [...] Era o aniversário dele, aí eu pensei: “_O que eu posso dar pra ele estando tão longe?”. Aí eu pensei que uma música, através da letra, eu poderia passar uma mensagem pra ele, uma mensagem que falasse daquilo que ele estava passando naquele momento. Então, é para isso que eu quero aprender, para o meu prazer e também para ajudar alguém, de alguma forma, através da música (Ângela, entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 76).

Para Zilda (Entrevista, 20 de maio, 2013, p. 4), mostrar o que ela aprendeu se torna importante para ela mesma. Nas reuniões familiares, ela diz que faz questão de levar o teclado e tocar para a família e os amigos, para que possam presenciar suas conquistas e seu crescimento. Considera também que essas apresentações servem para que a família se reúna e se distraia, a partir da música que ela tem aprendido.

Nesses encontros familiares, Zilda tem prazer em tocar para a família e também os familiares pedem para que ela toque. Assim, esses momentos são

importantes para estarem juntos e se tornam uma oportunidade para mostrar o que ela tem aprendido no coral e nas aulas de teclado.

Zilda ainda acrescenta que acha importante mostrar às pessoas que, apesar da sua idade, de já estar aposentada, ela é capaz de aprender, e o que é “mais difícil”: aprender uma música. Por isso, ela se sente importante, sente que não é uma simples avó que “faz coisinhas gostosas, que brinca, que rola no chão, mas também uma avó artista que toca, que canta, porque não é toda avó que faz isso” (Zilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 17).

Além dos filhos que estão por perto e que sempre se encontram, Zilda também tem um filho que não pode prestigiar as apresentações em que participa por morar em outra cidade. Ela diz que, mesmo assim, ele a incentiva a distância. Seu grupo tem DVDs gravados e, segundo ela,

quando tem algum novo ele sempre leva. E ele sempre me manda mensagem. Agora mesmo no ano novo ele me mandou uma mensagem com feliz ano novo e tal tal... e disse que: “_Nesse ano que você continue cantando e encantando” (Zilda, entrevista, 20 de maio, 2013, p. 7).

Já Fernando (Entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 65) menciona que o reconhecimento, muitas vezes, não precisa partir apenas da família. Pode vir do professor, mesmo durante as aulas, quando ele percebe que ele aprendeu algo e faz algum comentário.

Assim, a participação em atividades musicais está ligada também a uma aceitação de uma condição que essa pessoa agora está vinculada, que é a de aposentado. Porém, não é aquele aposentado que se torna inativo, mas sim aquele que busca, nesse momento da vida, uma chance de abrir seus horizontes e adquirir um novo conhecimento.

Portanto, serem reconhecidos pelas pessoas que vivem à sua volta, como o professor, o regente e a família, é importante para esses aposentados. O fato de estarem envolvidos no ensino de música faz com que uma nova aprendizagem, que se iniciou após a aposentadoria, seja a oportunidade para que novas/outras interações aconteçam, para que se sintam produtivos e para que a situação de aposentado não faça com que as relações sociais e o desenvolvimento de novas habilidades se estanquem em suas vidas.

7.2.4 Aprender música para realização de um sonho pessoal

Diante do já exposto, na sociedade atual, está cada vez mais comum a organização de grupos de pessoas da terceira idade, bem como de pessoas aposentadas que buscam nesses ambientes propostas diversificadas para que se desenvolva uma socialização, bem como aquisição de conhecimento. De acordo com Motta (2004), tal fato, “paralelo a uma clara marginalização social dos mais velhos depois da aposentadoria e/ou dos filhos criados, alguns idosos buscam formas de encontro geracional ou de atividades extrafamiliar” (MOTTA, 2004, p. 109).

A possibilidade da aquisição de novos conhecimentos, da abertura para outro mundo social (SCHUTZ, 1979) que a aposentadoria proporciona a essas pessoas, permite realizações, que, por vezes, não teriam a oportunidade de vivenciá-las por conta da indisponibilidade do tempo livre advindo da obrigação com o trabalho. Dessa forma, percebe-se em suas falas o quanto esse momento passa a ser a realização de sonhos, a oportunidade para que situações sonhadas há muitos anos possam se tornar realidade.

Zilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 14) conta como esse momento parecia distante e faz com que agora tudo seja mais satisfatório. Para ela, aprender música “é a realização de um sonho”, já que nunca havia pensado que poderia ser uma coralista: “era um sonho participar, mas era um sonho distante de acontecer”. Ela ainda acrescenta que “é uma alegria tão grande” que não é possível de ser explicado.

Alguns entrevistados colocam que a música passou a ser “uma das prioridades da vida”, sendo que, juntamente com a família, considera essa atividade como primordial para seu bem-estar. Para Zilda (Entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 14), “não tem como tirar a música de sua vida, e que se fosse pra colocar em grau seria em primeiro Deus, depois a família e depois a música”.

Fabiana também coloca que, em suas atividades diárias, a música tem sido primordial para a sua vida.

Eu falo que minha família é meu tudo, o presente que Deus me deu, mas a música me alegra profundamente, está em primeiro lugar de tudo. Olha, eu faço meus bordados, meu crochê, eu

admiro o meu trabalho, as coisas que eu faço, mas a música vem antes disso, veio pra tomar o primeiro lugar (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 34).

Marilda também enfatiza o grau de importância que a música tem na sua vida, depois que se aposentou.

A música se tornou a coisa mais importante que eu tenho, que ocupa todo o meu tempo. A música preenche meu tempo, aquele tempo que antes era preenchido pelo trabalho. Porque você aposentar e não fazer nada ninguém aguenta, você fica deprimida (Marilda, entrevista, 25 de novembro, 2013, p. 50).

Pode-se perceber nessa fala que a música, bem como o conhecimento musical, são capazes de preencher um tempo que antes estava todo, ou grande parte dele, destinado ao trabalho. Debert (1999) afirma que, nessa situação, na qual o indivíduo deixou de ocupar-se com o trabalho, estando agora no tempo da aposentadoria, ou mesmo da velhice, é possível ter oportunidades para realizar-se pessoalmente em outras áreas do conhecimento. De acordo com ela,

homens e mulheres de mais idade são apresentados como indivíduos que, depois de velhos, encontram uma nova carreira profissional ou realizam uma série de atividades, concretizando sonhos alimentados desde a juventude e que foram adiados diante das obrigações que a vida adulta impõe (DEBERT, 1999, p. 210-211).

Pensando na oportunidade da concretização de sonhos que foram adiados, a oportunidade de aprender música é a forma que eles se expressam para explicarem seus sentimentos diante desse momento. Fabiana relata que:

Parece que a música abre a minha alma, parece que eu vôo, eu passeio, eu me liberto, enquanto ouço. Parece que é mesmo como se eu saísse de mim. Eu sinto uma alegria muito grande de estar com aquelas pessoas do coral porque nós temos o mesmo objetivo que é a música, alegrar o coração. Parece que a gente completa o nosso interior, parece que faltava alguma coisa (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 29).

Ela ainda acrescenta que o coral veio para “sublimar”, pois a “música direciona” seus “impulsos negativos” e a “torna melhor” (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 30).

Marilda também ressalta a importância da atividade musical em sua vida, afirmando que :

o coral representa uma atividade que me motiva e resgata a minha autoestima, me traz alegria, satisfação, e a cada apresentação que a gente faz eu me sinto mais fortalecida. A importância é que o coral pode levar amor, a cultura e a arte nas apresentações (Marilda, entrevista, 29 de maio, 2013, p. 45).

A realização de Vânia (Entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 62) está na conquista de conseguir tocar uma música que antes ela não conseguia, ou que tinha muitas dificuldades. Por isso, ela menciona que esse processo diário de conquistas traz a ela um sentimento de alegria e emoção.

Para Fernando, não é apenas a música que o tem ajudado a se realizar pessoalmente. É também o conjunto de atividades que envolve a música, que faz com que ele se torne renovado e realizado pessoalmente. Ele diz:

hoje em dia eu me sinto muito feliz, por poder ir lá tocar, ter esse tanto de atividades pra fazer de graça, ter um professor tão bom pra ajudar a gente. Isso é muito bom. Então, eu não posso perder essa oportunidade, nunca. Quando a gente apresentou no Teatro Municipal, agora no fim de ano, você via aquele tanto de gente, porque era os quatro CEAI juntos, e eu estava lá sentado esperando começar. Aí eu pensei o quanto gratificante era estar lá no meio, fazendo parte daquilo. Foi muito bom (Fernando, entrevista, 17 de dezembro, 2013, p. 71).

Mas não só essas apresentações são importantes. Fernando acrescenta que acha muito bom também participar das aulas, estar no meio dos companheiros. Então, ele diz que o que importa é estar ali, participando e fazendo parte daquele momento, daquele grupo.

Há também o fato de essas pessoas estarem ali para que seu tempo, durante a semana, seja um momento para sua própria realização. De acordo com Fabiana, esse momento

é o mais precioso da semana porque lá a gente é igual. Ninguém é mais que ninguém, ninguém quer aparecer, a gente canta em uma só voz. Eu ouço as vozes dos meus colegas, mas eu percebo que há uma só voz. Eu acho que não é um lugar de profissionalismo. A gente tem postura, compromisso, mas não é aquela coisa de profissional. Eu acho que outras coisas têm no coral: tem o acolhimento das pessoas que vêm como novatas, tem as pessoas que não estão mais, mas que fazem falta. Teve uma pessoa que me magoou muito no coral, que me desprezava, me humilhava e, muitas vezes, eu pensei em abandonar o coral, não ir mais porque isso me incomodava, mas eu, no fundo no fundo, não conseguia largar (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 32).

Marilda (Entrevista, 29 de maio, 2013, p. 45) também relata como esses momentos vividos, quando aprendem música, individuais e coletivos, são importantes. Como exemplo, ela cita os ensaios em que cantavam canções do repertório e conseguiam um bom resultado sonoro. Marilda diz que “era ótimo” quando o grupo aplaudia e gostava do resultado, “era ótimo”.

Para essas pessoas aposentadas, o momento destinado a essa aprendizagem se torna um tempo destinado a elas mesmas, sendo que o resultado musical final não é o fator mais importante nesse processo. O que importa é viver esses momentos de aprendizagem e convivência com os colegas, e ter a possibilidade de mostrar para si mesmo que a aposentadoria foi a oportunidade que faltava para que esse aprendizado se tornasse possível.

Assim, para Vânia (Entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 62), cada conquista deve ser comemorada, visto que ela não se imaginava tocando violão como toca hoje. Ela dá ao professor o mérito dessa conquista quando disse que, no começo, achava que não conseguiria, porque tinha os “dedos duros”. Por isso achava muito difícil aprender música, mas aí o professor deu força para ela continuar. Hoje, quando consegue tocar uma música que antes não conseguia e o professor a elogia, ela vê o quanto melhorou.

Ângela descreve como a aula de música lhe proporciona prazer. Ela menciona que nem quando está com muitas dificuldades para tocar, quando está tensa, não é capaz de perder a disposição para continuar estudando. Mesmo quando tem dificuldades, ela considera a aprendizagem do teclado como

um momento tranquilo, um momento de prazer, que por mais que eu esteja com dificuldade em tocar determinada música, aquilo não me estressa. A música é algo pra mim, por isso que eu acho que eu nunca pensei em estudar música em grupo, porque eu acho que é uma realização minha (Ângela, entrevista, 19 de dezembro, 2013, p. 76).

Pode-se perceber, assim, que o aprendizado de um novo conhecimento proporciona a essas pessoas momentos de satisfação pessoal, momentos de autoconhecimento e faz com que elas se sintam responsáveis e confiantes nas suas próprias conquistas.

7.3 Projetos musicais futuros

Todas as pessoas entrevistadas mencionaram que, apesar de já conseguirem tocar e cantar, ainda sentem a necessidade de continuar estudando seus instrumentos, e não veem suas vidas sem que a música esteja presente diariamente. Continuar a aprender música faz parte dos planos e projetos musicais futuros dessas pessoas.

De acordo com Fabiana, sua idade a impede de conseguir maiores avanços com a música, mas, ao mesmo tempo que pensa assim, ela se empolga ao acreditar que ainda pode estudar e aprender cada vez mais. De acordo com ela,

eu acho que eu tô velha. Eu não consigo aprender, eu tenho bastante dificuldades na leitura de notas. Então, eu acho que eu vou ter muitas dificuldades. Eu tenho medo de começar e me decepcionar. Mas eu ainda quero tentar [aprender violão], nem que seja de ouvido (Fabiana, entrevista, 19 de novembro, 2013, p. 32).

Para Vânia (Entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 59), que está aprendendo tocar violão, o sonho de estudar música não se completa totalmente, visto que sempre se interessou por outro instrumento: o saxofone. Por isso, incentiva a família para que trilhem esse caminho, ou seja, que aprendam música enquanto jovens, e faz com eles “planos musicais” para o futuro:

As minhas filhas não se interessaram pela música, mas eu queria que elas tocassem alguma coisa, só meus netos é que tocam e têm interesse nos instrumentos. Aí eu até falo para os meus netos para eles irem aprendendo, porque quando eles já tiverem tocando, a gente pode até formar uma banda (Vânia, entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 59).

Vânia também considera que a idade é seu maior empecilho, porém afirma que a vontade de aprender supera essa dificuldade, especialmente quando diz: “Eu quero aprender o instrumento, eu queria ser uma pessoa que tocasse bem mesmo. Sei que eu não vou conseguir por causa da idade, mas tenho muita vontade de continuar a aprender a tocar” (Vânia, entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 59).

Acredita-se que essas ideias vêm, muitas vezes, segundo Câmara (2010), ao encontro da crença na capacidade e no potencial que os idosos têm para aprender música. Além disso, também se acredita na ideia da precocidade da aprendizagem musical, ou seja, quanto mais cedo as pessoas iniciarem sua aprendizagem, mais chances ela terá de desenvolvimento musical.

Marilda (Entrevista, 29 de maio, 2013, p. 46) pensa que, através da música, pode almejar sonhos maiores e vê nisso a importância da presença e do incentivo do professor na sua vida. Ela diz que espera conseguir “fazer uma faculdade de música, de violão”, e que seu professor disse que se ela quisesse, ele a ajudaria. Marilda conclui: “e eu conseguiria passar”.

Vânia, no que se refere aos seus projetos, diz que “a música é tudo” para ela e que tem “muita vontade de aprender”. Sua intenção é “sempre melhorar, estar envolvida com a música, [...] de ir pra frente, de aprender” (Vânia, entrevista, 12 de dezembro, 2013, p. 60).

Dessa forma, pode-se perceber, no caso dos participantes desta pesquisa, que o estudo da música durante a aposentadoria não se limita só a ocupação de um tempo livre. É uma escolha que, por vezes, ficou esperando uma vida toda para se tornar realidade, e que com a aposentadoria pôde se tornar real. Para essas pessoas, esse momento é uma oportunidade para que novas oportunidades possam vir e novos projetos pessoais possam ser empreendidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa tive como objetivo geral compreender a aposentadoria como um momento para se buscar aprender música. Também busquei entender como as experiências musicais são vividas e compartilhadas com/por pessoas aposentadas, em espaços de ensino/aprendizagem coletivos e/ou individuais, bem como as relações que estabelecem com a aprendizagem musical nesses espaços.

Para isso, foi importante pensar o meu objeto de estudo de maneira ampla, para poder entender as relações estabelecidas por essa categoria social, o aposentado, inserido no contexto da aprendizagem musical.

Anteriormente, eu via o aposentado como um sujeito que possui um tempo maior para se dedicar às atividades de lazer. Porém, com o decorrer da pesquisa, percebi que esse aposentado é um sujeito que passou por um momento de transição, de um mundo estável, relacionado ao trabalho, para outro que está em construção e ressignificação.

Dessa forma, uma cortina se abriu no que tange ao conhecimento e ao desvelamento de peculiaridades relacionadas ao aposentado que, ao adentrar no período da aposentadoria, passa a viver em outro “mundo social” (SCHUTZ, 1979), muito diferente daquele quando estava no trabalho e em sua vida diária, com a família e amigos.

Para a realização da pesquisa, utilizei como método o estudo de caso e a entrevista foi o procedimento adotado para coleta de dados. Nesse momento da pesquisa, passei a buscar por pessoas que já tivessem passado pelo momento da aposentadoria e que estivessem participando de aulas de música.

As primeiras entrevistas foram realizadas com pessoas que eu já possuía certo convívio. Porém, com o transcorrer da entrevista, a partir dos seus relatos, percebi que eu conhecia muito pouco daquelas pessoas. Eram histórias de vidas que as definiam melhor, que apresentavam ansiedades vividas no período que antecedia e durante a aposentadoria, e as quais me eram alheias. Assim, o mais importante do desvelamento desse processo, foi entender a importância da aprendizagem musical na vida dessas pessoas.

Algo que me chamou muito a atenção nas entrevistas foi a capacidade que a música tem para preencher a vida dessas pessoas e fazer com que suas

atividades, seu jeito de falar, seus sonhos, passem a “girar em torno” de um objetivo: a participação em grupos musicais.

Tive certo receio de contatar os outros três entrevistados que eu não conhecia. Porém, ao telefonar e combinar esse momento, uma abertura de caminhos se fez, visto que essas pessoas se dispuseram e fizeram com que eu me sentisse parte de suas vidas, pelo menos durante o pequeno tempo em que estivemos juntos. Dessa forma, pesquisar a aposentadoria como um momento da vida para se buscar aprender música, trouxe, como já foi dito, uma ampliação de horizontes jamais imaginada por mim.

Para que isso acontecesse, foi importante buscar um referencial teórico que auxiliasse no entendimento das complexidades desse momento, que subsidiasse a compreensão do ensinar/aprender em espaços coletivos ou não de aprendizagem musical. A educação musical como prática social (SOUZA, 2004), o pensamento da aposentadoria associada ao lazer (DUMAZEDIER, 1994; 1999) e o lazer relacionado com as potencialidades da educação durante a aposentadoria (MARCELLINO, 1987; 1995; 2000; 2002; 2007) foram o suporte teórico para a reflexão sobre o material levantado, a partir das entrevistas.

Assim, movida pelo processo de construção do trabalho, pude compreender como a pesquisa foi se estruturando e se solidificando, bem como fui me familiarizando com as surpresas que apareceram durante esse percurso.

Essa construção se fez muito importante a partir do momento que a leitura dos referenciais teóricos foi se efetivando. Enquanto transcrevia as entrevistas, era como se um grande quebra-cabeças fosse sendo montado, pois percebia nas falas dos entrevistados a ligação com as leituras realizadas. A diferença era pensar esses aposentados em suas relações com a aprendizagem musical nesse momento da vida

Dessa forma, as análises das entrevistas foram me encaminhando para a construção de um contraste entre o sujeito que vivenciou a música antes do momento da aposentadoria, na infância, juventude e vida adulta, em suas muitas possibilidades. Esse adulto, hoje aposentado, tem com a aprendizagem musical objetivos diferentes daqueles anteriores à aposentadoria.

Antes da aposentadoria, suas vidas “giravam” em torno do trabalho e das atividades domésticas que o precediam. Dessa forma, não havia a possibilidade da inclusão de atividades que tivessem como objetivo uma satisfação pessoal. De acordo com essas pessoas, a aprendizagem musical vivenciada agora só foi possível mediante a disponibilidade de tempo que a aposentadoria lhes proporcionou .

A partir do pensamento de Dumazedier (1999), o tempo agora delegado à aprendizagem musical, é um tempo destinado ao lazer, àquelas atividades que são desenvolvidas por vontade própria. Ele ressalta que este momento do lazer, nessa fase da vida, deve ser definido tanto quanto a uma “libertação do trabalho familiar, quanto em relação à libertação do trabalho profissional” (DUMAZEDIER, 1999, p. 236).

Assim, após aposentar-se, essas pessoas passaram a disponibilizar mais tempo para que fossem realizadas as atividades com o objetivo de satisfazer seus desejos e necessidades. Ou seja, experiências musicais, individuais ou coletivas, que além de serem motivo de satisfação também cumprem a função de preencher o tempo desobrigado do trabalho.

Portanto, as poucas oportunidades vividas por essas pessoas, tanto pela falta de tempo quanto por outros motivos, como a falta de condições financeiras, ou envolvimento com as tarefas na família para se dedicarem à aprendizagem musical, anteriormente fez com que essa oportunidade seja muito importante em suas vidas.

Percebi durante a pesquisa, tanto nas entrevistas quanto nas leituras realizadas, que essa busca pela aprendizagem musical no momento específico da aposentadoria, faz com que ela seja uma aprendizagem que se estabeleça diferentemente daquela desenvolvida em escolas de música. É um momento de aprender música que leva em conta as características de cada indivíduo, as “bagagens carregadas”, suas expectativas, seus anseios; mesmo porque essas pessoas têm claro o que querem, além de não querer “perder tempo” em atividades que não lhes traga prazer.

A aprendizagem desses aposentados não se trata apenas de compreender uma partitura musical ou conteúdos musicais específicos. Nessa aprendizagem, o aposentado busca encontros, realizações, descobertas que

se darão através da vivência e convivência estabelecida no ambiente de aprendizagem em que participam.

Nesse processo que Brougère (2012) denomina “repertório de práticas”, o aposentado se beneficiará de novos encontros e descobertas que acontecerão a partir de sua própria história de vida. Esses novos encontros farão com que a aprendizagem que acontece ao longo da vida continue estabelecendo conexões com o dia a dia dessa pessoa, o que fará com que a aprendizagem musical adquira outros sentidos nessa fase da vida.

Assim, o ensino/aprendizagem musical será vivido no cotidiano, nas descobertas e também nas socializações envolvidas no aprender música. Esse processo vivenciado na aposentadoria é importante também nos aspectos sociais que envolvem essas pessoas. Para isso, o espaço no qual elas escolheram para que essa aprendizagem aconteça deverá ser um local que lhes permita estabelecer relações sociais perdidas com a aposentadoria. A partir do pensamento de Schutz (1979), é possível compreender que, nesse momento, essas pessoas passam a se reencontrar a partir de um sentimento de pertencimento a um grupo e de ações de compartilhamento de interesses comuns (SCHUTZ, 1979).

Nas entrevistas, percebe-se também que a escolha desses aposentados dos ambientes para viverem a experiência musical é fundamental. Nesses ambientes são tramadas muitas relações, inclusive sendo fundamentais para compor essas experiências.

Essa escolha também será importante quando se pensa em uma aprendizagem coletiva ou individual. Percebe-se que as pessoas que compartilham ambientes coletivos de aprendizagem musical estão atentas para as necessidades do grupo, que, por sua vez, demandam diferentes formas de envolvimento, desde a importância de estudar em casa às realizações do grupo como um todo. Porém, não importa se essa aprendizagem se dá através do instrumento ou da participação em um coral. A forma que essas pessoas relatam sobre os momentos vividos naquele ambiente é fundamental para a compreensão de suas experiências no momento da aposentadoria.

As amizades, as relações estabelecidas com o professor, as apresentações coletivas são momentos enfatizados pelos aposentados

entrevistados. De acordo com eles, a aprendizagem que se dá com o colega ao lado, às vezes, é mais importante do que aquela que se dá mediante a relação com o professor. A troca de experiências musicais e de vida é exaltada por essas pessoas.

As apresentações são momentos importantes em todo o processo de participação e de aprendizagem musical desses aposentados. Nesses momentos, eles se sentem reconhecidos e, por isso também, não deixam de participar do grupo. Portanto, a convivência, as interações vividas no grupo coral são essenciais para a configuração constante das experiências musicais vividas pelos aposentados nos grupos corais.

Quando os relatos se dão em relação às aprendizagens, os entrevistados concordam que quando se trata do ensino do instrumento, ele está muito mais voltado para o estudo individual do que coletivo. A pessoa está mais envolvida com a busca por uma técnica perfeita, independente se a aula é ou não em grupo. No coral, eles parecem não perceber essa busca pelo que “é correto”, pela precisão. Essas são questões importantes que envolvem processos e formas de aprendizagem musical diferentes em ambas as práticas musicais: tocar um instrumento ou cantar em grupo.

Percebe-se que essas pessoas aprenderam música pela forma com que falam sobre música, pelo vocabulário musical presente em seus relatos, pelas relações que estabelecem entre as aprendizagens coletivas e/ou individuais, e outras experiências vividas nos vários ambientes que a música está presente no seu dia a dia.

Assim, a aprendizagem musical, além de ser importante enquanto conhecimento a ser adquirido nessa nova fase da vida, traz consigo o desenvolvimento de alguns aspectos que não estão, essencialmente, ligados a essa aprendizagem. São também “razões sociais” (DIAS, 2011) ou “valores pessoais” (PIKE, 2008) atribuídos às possibilidades da aprendizagem de música na vida dessas pessoas, ou seja, da aprendizagem musical que abre possibilidades ao indivíduo de: realização pessoal; confiança em si mesmo; confiança nas pessoas que eles se relacionam no grupo a que pertencem, nas novas amizades conquistadas e no reconhecimento que se tem de familiares ou de pessoas próximas de que aquele aposentado ainda é uma pessoa produtiva.

Pude perceber com esta pesquisa que a aprendizagem musical deve estar direcionada ao interesse e objetivos daquele indivíduo; que o profissional que está atuando com esses aposentados tem que ter consciência da trajetória daquelas pessoas que estão ali, e que essa aprendizagem está interligada a outros fatores que transcendem o conhecimento musical.

Assim, pensar o aposentado como um sujeito que está passando por um processo de modificação social, e que a música é vista como uma oportunidade para que essa nova inserção social aconteça de forma prazerosa e rica de conhecimento, foi um marco definidor dessa pesquisa.

Acredito que os dados aqui coletados e analisados possam mostrar a riqueza e a complexidade do processo de ensino/aprendizagem musical realizado em ambientes frequentados por pessoas com experiências musicais, mas que adiam seus projetos pessoais para a aposentadoria. Nesse caso, se mantêm dispostas a aprender música e a ressignificar essas experiências na convivência com outras pessoas, nos espaços de ensino/aprendizagem de música.

Assim, acredito que a partir dessas discussões, outras pesquisas possam ser realizadas sobre os processos de ensino/aprendizagem musicais em diferentes espaços, para que se tenha melhor compreensão de outros fatores envolvidos no ensinar/aprender, presentes em ambientes musicais destinados a um público específico, para que cada vez mais se conheça as possibilidades da aprendizagem musical em qualquer fase da vida.

REFERÊNCIAS

ASTRAIN, Ricardo Salas. El mundo de la vida i la fenomenología sociológica de Schutz: apuntes para uma filosofia de la experiência. **Revista de Filosofia**, v. 15, n. 15, p. 167-199. 2006.

ATCHLEY, Robert C. **The sociology of retirement**. Cambridge, Massachusetts: Schenkman Publishing Company, 1976.

BISOLO, Jesi. Formação permanente na terceira idade. In: BOTH, Agostinho et al. (org.). **Envelhecer: estudos e vivências**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005. p. 143-151.

BRASIL. **Observações sobre a mortalidade no Brasil: o passado, o presente e perspectivas**. 2010. Rio de Janeiro: IBGE - Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2010. Disponível: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/evolucao_da_mortalidade_2001.shtm. Acesso em: 20 jun. 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 jun. 2013.

BRASIL. **Lei nº 8.212** (Lei Geral da Previdência Social), de 24 de julho de 1991. [s.n.], 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/legislacao>. Acesso em: 15 maio. 2013.

BROUGÈRE, Gilles. ULMANN, Annelise (org.). **Aprender pela vida cotidiana**. Tradução de: Antonio de Padua Danesi – Campinas, SP: Autores Associados, Coleção formação de professores, 2012.

BUENO, Meygla Rezende. A musicalização na terceira idade com a utilização da flauta doce: abordagens para uma melhor qualidade de vida. In: ENCONTRO DA ABEM, 17., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, Instituto de Artes, 2008.

CALVERT, Geisa Fernandes. **Terceira idade: a aposentadoria e o manejo do tempo livre**. 2009. 121 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Organizações Sociais), Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Divinópolis, 2009.

CÂMARA, Davi. F. **Aprender música na terceira idade: um estudo com idosos dos CEAIS (Centro Educacional de Atendimento Integrado) de Uberlândia-MG**. Monografia (Trabalho de conclusão de curso), Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

CARLOS, Sérgio Antonio et al. Identidade, aposentadoria e terceira idade. **Revista estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v.1, p. 77-89. 1999. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4653> Acesso em: 23 ago. 2012.

COLOMBO, Enzo. Descrever o social – a arte de escrever e a pesquisa empírica. In: MELLUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Tradução de: Maria do Carmo Alves do Bonfim. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005. P. 265-288.

CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo: FAPESP, 1999. p. 255.

DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna S.; et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Tradução de: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Leila Miralva Martins. **Interações nos processos pedagógico-musicais da prática coral**: dois estudos de caso. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. Tradução e revisão de: Luiz Octávio de Lima Camargo. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1994. 198 p.

_____, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. Tradução Silvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva: SESC, 1999. 244 p.

FREITAS, L. H.; FRANÇA, P. SOARES, D. H. P. Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. **Revista Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, n. 4, 738-750. 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GONÇALVES, Lilia Neves. **Educação musical e sociabilidade**: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960. Porto Alegre, 2007. 345 f. Tese (Doutorado), Curso de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

HAGUETE, Teresa Maria Frota. A entrevista. In: **Metodologias qualitativas na sociologia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 86-91.

KAPLAN, Max. **The arts**: a social perspective. London: Associated University Presses, 1911.

_____. STEINER, Frances J. **Musicianship for the classroom teacher**. Chicago: Rand M. C. Nally & Company. 1966.

_____. **Technology, human values, and leisure**. Nashville (Tennessee-USA): Abingdon Press. 1971.

_____. **Leisure: theory and policy**. New York: John Wiley & Sons, 1975.

KEBACH, Patrícia F. C. **Musicalização coletiva de adultos: o processo de cooperação nas produções musicais em grupo**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

KOOPMAN, C. Community music as *music* education: on the educational potential of community music. **International Journal of Music Education**, v. 151, n. 25, p. 151-163. 2007

KUNZLER, Rosilaine Brasil. **A ressignificação da vida cotidiana a partir da aposentadoria e do envelhecimento**. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LOPES, Marilda Silveira. **Chorinho - no compasso da longevidade: a longevidade como oportunidade para o desenvolvimento de habilidades musicais em um grupo de idosos na cidade de Vitória (ES)**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-SP, 2008.

LUZ, M. C. A educação musical na terceira idade: uma proposta metodológica de sensibilização e investigação à linguagem musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 15., 2006, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, Departamento de Música, 2006. p. 45-53.

LUZ, Marcelo Caires; SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz. A educação musical na maturidade. In: CÔRTE, Beltrina et al (org.). **Masculin(idade)e velhices: entre um bom e mau envelhecer**. São Paulo: Editora Som Ltda, 2008. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso>. Acesso em: 13 maio. 2013.

MARCELLINO, Nelson. **Lazer e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

_____. **Lazer e humanização**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2000.

_____. **Lazer e empresa**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

_____. **Lazer e cultura**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MARQUES, Jaqueline Soares. “**Até hoje aquilo que eu aprendi eu não esqueci**”: experiências musicais nas lembranças de idosas. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

MARTINOFF, Eliane H. Da S. Benefícios da escuta musical orientada na terceira idade. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 19., 2010, Goiânia. **Anais...** Goiânia, 2010 p. 507-515.

MOTTA, Alda Britto da. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 109 – 142

PIKE, Pamela D. Retirees making music together through group piano: a study of UARL 3rd-age piano class from 2002-2007. In: ISME WORLD CONFERENCE (Music at all ages). 28., Bologna, **Proceedings...** Bologna, 2008.

PORTELLI, Alessandro. **República dos sciuscià**. São Paulo: Editora Salesiana, 2004. 195 p.

PRAZERES, Maria Márcia Viana. **Coral na terceira idade - o canto como sopro da vida**: a influência do Canto Coral na qualidade de vida de um grupo de coralistas idosas. Dissertação (Pós-Graduação em Gerontologia) – Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2010.

PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer**. Tradução de: Marcelo Gomes. São Paulo: Editora Senac, 2011.

REIS, A. C. C. dos; OLIVEIRA, V. S. Canto coral na terceira idade: um caminho para a inclusão social. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 13., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CBM, 2004. p. 121-124.

RIEDEL, Johannes. The function of sociability in the sociology of music and music education. **Journal of research in music education**. v. 12, n. 2, p. 149-158, sum. 1964.

ROMANI, P. R.; XAVIER, A. A. P.; KOVALESKI, J. L. Aposentadoria: período de transformações e preparação. **Revista Gestão Industrial**. v. 1, n. 3. 2005.

ROULSTON, Kathryn. ‘There is no end to learning’: Lifelong education and the joyful learner. **International Journal of Music Education**, v. 28, n. 4, p. 341-352. 2010.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Traduzido por: Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

_____. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Traduzido por: Raquel Weiss. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

SOUZA, Jusamara. **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música, 2000.

_____, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, mar. 2004.

STAKE, Robert E. **Investigación con estudio de casos**. Tradução de: De Roc Filella. Madri: Ediciones Morata, 1998.

VALENTE, José Armando. Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade. In: **Longevidade**: um novo desafio para a educação. Vitória Lachar (Org.). São Paulo: Cortez editora, 2001. p. 27-44.

WITCZAK, Marcus Vinícius Castro. **Envelhecer ou aposentar-se?** Discutindo a aposentadoria masculina, o envelhecimento e o subjetivar. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Tradução de: Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro 1

Dados de identificação

- 1 – Nome completo
- 2 – Idade
- 3 – Quando foi realizada a entrevista
- 4 – Local de realização da entrevista
- 5 – Grupo coral a que pertence
- 6 – Tempo de aposentadoria
- 7 - Idade em que se aposentou
- 8 – Tempo que participa de um grupo coral
- 9 – Tempo que participa de algum grupo musical
- 10 – Tempo de duração da entrevista

Perguntas preparatórias – Passado / presente

- 1 – Você já estudou música com algum professor particular ou em alguma escola de música?
- 2 – Você se recorda de alguma referência familiar que fez com que você gostasse de música? Como era a música na sua casa? Por que você se aproximou da música?
- 3 – O que levou você a procurar participar de um grupo musical como o coral após se aposentar?
- 4 – Você tem o hábito de ir a apresentações musicais? Em que você gosta de ir? Gosta de ver e ouvir pessoas cantando ou mesmo tocando um instrumento?
- 5 – Quando você vai a uma apresentação musical o que mais lhe chama a atenção?
- 6 – Que estilo de apresentações costumava assistir antes de participar do coral? Atualmente seu gosto mudou?

7 – Antes de ingressar no coral você tinha o hábito de ouvir música em casa? Que estilo musical ouvia?

8 – Mudou alguma coisa com depois que você ingressou no coral, tem o hábito de ouvir música em casa? Que estilo musical mais ouve?

9 – Antes de ingressar no coral tinha o hábito de cantar nos lugares que frequentava: casa, trabalho.... mesmo que informalmente (para você)?

Aposentadoria

1 – Qual a sua formação profissional?

2 – Onde você trabalhava quando se aposentou?

3 – Qual era a sua função nessa empresa?

4 – Quanto tempo trabalhou lá?

5 – Você continua com algum trabalho?

6 – Na época em que você se aposentou você chegou a pensar em continuar trabalhando? Se sim, por que não continuou? Se não, por quê?

7 – Na época em que se aposentou foi proposto a você que continuasse trabalhando?

8 – Você chegou a procurar emprego em outros lugares?

9 – Qual foi a sua sensação quando você se aposentou? Você se lembra do seu primeiro dia de aposentado?

10 – Como foi para você não ter a obrigação diária de ir ao trabalho?

11 – Como sua família lidou, no início, com o fato de você não ter mais aquele compromisso com o horário de trabalho?

12 – Nos últimos anos antes de se aposentar, quando começou a perceber que esse momento estava próximo você se preparou de alguma forma?

13 – Depois que você se aposentou surgiu outras oportunidades de ter atividades que você mesmo escolheu para fazer? Que atividades são/foram essas?

14 – O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

15 – O que você faz hoje que não tinha a oportunidade de fazer quando trabalhava?

Vivências musicais

- 1 – Quando você começou a se interessar por música?
- 2 – Toca algum instrumento musical?
- 3 – Qual foi o primeiro lugar ou grupo que você procurou, quis fazer parte, ou sonhou fazer parte. Quando passou a se interessar por música?
- 4 – Por que esse interesse? Em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de se envolver com grupos musicais, ou alguma atividade musical?
- 5 – Participa/ou de outros grupos musicais, além desse coral? (Grupos musicais de qualquer natureza)
- 6 – Quando foi seu primeiro contato com algum grupo coral?
- 7 – Que tipo de musica você prefere cantar? Por quê? Se fosse proposto pelo seu regente para que seu grupo cantasse outro tipo de música que você não goste, você toparia? Por quê?
- 8 – O que você acha necessário saber para se participar de um grupo coral?

Aposentados / Coral

- 1 – Você já participava do coral antes de se aposentar?
- 2 – Por que você quis participar do coral depois que se aposentou?
- 4 – Sua família te apoia em sua escolha por participar de um grupo musical? Se te apoia, como apoiam? Como eles veem sua participação?
- 5 – Você faz outras atividades voluntárias que não são musicais? Você participa de outras atividades que não sejam as musicais? Se sim, quais são essas atividades?
- 6 – O que é para você estar no coral, ir para o coral, fazer parte do coral?

Coral

- 1 – O que te fez procurar um grupo coral?
- 2 – Por que você escolheu esse coral e não outro? Para você esse grupo é importante ou poderia ser qualquer grupo?
- 3 – O que é mais importante para você no coral?

- 4 – Você acha que possui amizades nesse grupo? Se sim, como são essas amizades? O que vcs fazem juntos? Quando fazem?
- 5 – Com que frequência se encontra com as pessoas pertencentes a esse grupo coral? Nos ensaios e apresentações, ou em outros ambientes?
- 6 – Os relacionamentos adquiridos no grupo em que participa são importantes na sua vida? Fazem parte do seu dia-a-dia?
- 7 – Você estuda e se dedica ao coral fora do espaço dos ensaios, como por exemplo em sua casa? Como?
- 8 – De que maneira você se aprimora no coral?
- 9 – O que para você o seu grupo coral tem de mais significativo?
- 10 – O que representa para você participar desse grupo coral?
- 11 – O que você considera de mais importante quando está com seu grupo no momento dos ensaios, das apresentações?
- 12 – Como são os ensaios?
- 13 – Quantos ensaios são por semana? Você acha esse número suficiente?
- 14 – O que vocês cantam (estilo de música)?
- 15 – Há outras atividades realizadas no coral que não estão envolvidas com o canto, como confraternizações, palestras, conversas etc. Como são? Como são marcadas? Que ocasiões?
- 16 – Como é o momento de preparação para o canto?
- 17 – Vocês cantam com vozes separadas ou todos juntos?
- 18 – Qual momento do ensaio você mais gosta?
- 19 – Como são as apresentações? Quando vocês apresentam? São convidados? Por quem?
- 20 – Como você acha que o coral contribui(u) musicalmente pra você?
- 21 – Depois de tanto tempo participando do coral o que você acha que mudou em você musicalmente? Sua voz melhorou, seus sentidos estão mais atentos aos sons que envolvem sua vida?
- 22 – Se você pudesse relatar um ensaio pra mim seria capaz? Pode fazer isso?
- 23 – O que é pra você cantar em grupo?
- 24 – Você aconselharia outras pessoas a participarem de um coral? Por quê?
- 25 - Você acha que uma aula de canto individual seria tão satisfatória para o seu desenvolvimento musical quanto o coral?

26 – Se você pudesse mudar alguma coisa no seu coral, o que mudaria?

*APÊNDICE B***Roteiro 2****DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

- 1 – Nome completo:
- 2 – Idade:
- 3 – Quando foi realizada a entrevista:
- 4 – Local de realização da entrevista:
- 5 – Grupo coral a que pertence:
Qual instrumento estuda? Onde estuda?
- 7 - Idade com que se aposentou:
- 8 – Tempo que estuda o instrumento:
Tempo que participa de um grupo coral:
- 9 – Participa de outros grupos?
- 10 – Tempo de duração da entrevista:

TRABALHO E APOSENTADORIA

- 1 – Qual sua profissão quando se aposentou?
- 2 - Quantos anos você tinha quando se aposentou?
- 3 - Que tipo de aposentadoria é a sua? (invalidez, tempo, ...)
- 4 – Quando você se aposentou? Quanto tempo você já tem de aposentado?
- 5 – Onde você trabalhava quando se aposentou?
- 6 – Como era sua rotina diária quando ainda trabalhava? Como era o seu dia a dia?
- 7 – Você se dedicava, enquanto trabalhador, a alguma atividade fora do seu ambiente de trabalho? Se sim qual?
- 8 – O que você fazia nos seus momentos de lazer quando ainda trabalhava?
- 9 – Quando começou a perceber que estava próximo de se aposentar você se preparou de alguma forma?
- 10 – Como foi tomar a decisão de se aposentar? Por quê?
- 11 – Foi você quem decidiu o momento de se aposentar?

12 – Como foi quando você se aposentou? Você se lembra do seu primeiro dia de aposentado? Como é que foi?

13 – Como foi para você não ter a obrigação diária de ir ao trabalho? Foi tranquila essa mudança?

14 – Como sua família lidou, no início, com o fato de você não ter mais aquele compromisso com o trabalho?

15 – O que você faz hoje que não tinha a oportunidade de fazer quando trabalhava?

16 – Que tipo de atividades você faz hoje e que não fazia quando estava trabalhando? Por que você não fazia? Quais atividades são/foram essas?

17 – O que você gosta de fazer no seu lazer, no seu tempo livre? Talvez, o que vc faz hoje depois que vc se aposentou que não fazia antes? É diferente do que você fazia antes de se aposentar?

18 – Na época em que você se aposentou você chegou a pensar em continuar trabalhando? Você tinha esse interesse? Se sim: Por que não continuou? Se não, Por quê?

19 – Você continua com algum trabalho?

EXPERIÊNCIAS MUSICAIS

1 - Por que resolveu estudar música depois de se aposentar?

2 – O que você escolheu estudar?

3 – Por que sua escolha pelo estudo de um instrumento específico?

Por que sua escolha pelo ingresso em um grupo coral?

4 – Qual foi o primeiro grupo que você procurou, quis fazer parte, ou sonhou fazer parte após se aposentar?

Qual foi o primeiro lugar que você procurou para estudar esse instrumento que você procurou?

5 – Ainda permanece nesse lugar?

6 – Por que esse interesse? Em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de se envolver com grupos musicais, ou com o estudo de um instrumento específico?

7 – Participa/ou de outros grupos musicais, além desse coral? (Grupos musicais de qualquer natureza)

8 – Sua família te apoia em sua escolha por estudar música? Se te apoia, como apoiam? Como eles veem sua participação? Por quê que você acha que eles te apoiam?

9 – O que é para você estar no coral, ir para o coral, fazer parte do coral?

O que é para você estudar música, ir para a aula de instrumento, aprender a tocar, estar naquele ambiente de estudo de música?

10 – Faz diferença o grupo coral que você escolheu? Poderia ser qualquer grupo?

Por que estudar esse instrumento específico? Poderia ser qualquer outro?

11 – Por que estudar um instrumento específico e não participar de um coral?

Por que participar de um coral e não estudar um instrumento específico, ou mesmo frequentar uma aula de canto individual?

12 – Você acha que há diferença entre estudar um instrumento individualmente e estar estudando música em um coral de forma coletiva?

13 – Em quê que a música contribuiu para você nesse momento da aposentadoria?

14 – Seria a mesma coisa ter estudado música antes de se aposentar como agora na aposentadoria? Qual a diferença?

15 – Qual o grau de importância da música na sua vida agora? O momento da aposentadoria contribuiu para que esse ensino de música pudesse ser realizado?

CORAL / INSTRUMENTO

1 – O que te fez procurar um grupo coral?

O que te fez procurar uma aula de instrumento?

2 – Por que você escolheu esse coral e não outro? Para você esse grupo é importante ou poderia ser qualquer grupo?

3 – Por que o coral é importante?

Por que a aula de instrumento é importante?

4 – O que é mais importante para você no coral?

O que é mais importante para você na sua aula de instrumento?

5 - O que representa para você participar desse grupo coral? Faz diferença participar nesse momento da vida?

O que representa para você participar de uma aula de instrumento? Faz diferença participar nesse momento da vida?

6 – O que você considera de mais importante quando está com seu grupo no momento dos ensaios, das apresentações? Como são as apresentações? Quando vocês se apresentam? São convidados? Por quem?

O que você considera mais importante quando está na sua aula de instrumento? Você participa de apresentações? Quando elas ocorrem? Como são organizadas? Como você se sente fazendo parte daquele momento no qual se mostra o trabalho desenvolvido em sala?

7 – Você acha que possui amizades nesse grupo? Se sim, como são essas amizades? O que vcs fazem juntos? Quando fazem?

Qual o seu relacionamento com seu professor(a)? E com os demais alunos que participam de ensaios para apresentações e mesmo de apresentações?

8 – Você se encontra com as pessoas pertencentes a seu grupo coral? Nos ensaios e apresentações, ou em outros ambientes?

Você tem a oportunidade de encontrar com esses outros alunos que tocam o mesmo instrumento que você em outros locais que não na sala de aula de seu professor? Como é esse relacionamento?

9 – Os relacionamentos adquiridos no grupo em que participa são importantes na sua vida? Fazem parte do seu dia-a-dia?

10 – Como são os ensaios? Quantos ensaios são por semana? Você acha esse número suficiente?

Como são suas aulas de instrumento? Quantas vezes por semana? Você acha esse número suficiente?

11 – O que vocês cantam (estilo de música)?

O que você toca nas aulas? Seu professor (a) é quem escolhe esse repertório ou você também dá sua opinião?

12 – Há outras atividades realizadas no coral que não estão envolvidas com o canto, como confraternizações, palestras, conversas etc? Como são? Como são marcadas? Que ocasiões?

No local onde você tem aulas de instrumento há outras aulas que você tem a oportunidade de fazer? Elas são obrigatórias? Você faz? Por que você as faz? Você acha elas interessantes? Faria elas sem que houvesse a

possibilidade de fazer a aula de instrumento? Faria elas sem que houvesse a obrigatoriedade?

13 – Qual momento do ensaio você mais gosta?

Qual o momento da aula você mais gosta?

14 – Como você acha que o coral contribui(u) musicalmente pra você?

Como você acha que as aulas de instrumento contribuíram ou contribuem musicalmente para você?

15 – Depois de tanto tempo participando do coral o que você acha que mudou em você musicalmente? Sua voz melhorou, seus sentidos estão mais atentos aos sons que envolvem sua vida?

Depois de tanto tempo de aulas de instrumento o que você acha que mudou em você musicalmente?

16 – Se você pudesse relatar um ensaio pra mim seria capaz? Pode fazer isso?

Se você pudesse relatar uma aula pra mim seria capaz? Pode fazer isso?

17 – O que é pra você cantar em grupo?

O que é pra você tocar um instrumento?

18 – Você aconselharia outras pessoas a participarem de um coral? Por que?

Você aconselharia outras pessoas a fazerem aulas de instrumento? Por quê?

19 - Você acha que uma aula de canto individual seria tão satisfatória para o seu desenvolvimento musical quanto o coral?

Você acha que uma aula de coral seria tão satisfatória para seu desenvolvimento musical quanto sua aula de instrumento?

20 – Se você pudesse mudar alguma coisa no seu coral, o que mudaria?

Se você pudesse mudar alguma coisa na sua aula, o que você mudaria?

21 – Você acha que aprende alguma coisa no coral? O que por exemplo? Como você acha que acontece esse ensino no coral?

O que você, por exemplo, percebe que houve mudança com as aulas de instrumento? Essas mudanças foram apenas musicais ou houve outras mudanças?

22 – O que que você acha que o coral trouxe de diferente pra sua vida? No que ele acrescentou?

O quê que as aulas de instrumento trouxeram de diferente para sua vida?
No que elas acrescentaram?